

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE ARQUITETURA E URBANISMO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AMBIENTE CONSTRUÍDO**

**Mara Medina Bastos**

**AS ESTRATÉGIAS DE IMPLANTAÇÃO FÍSICA DE UNIVERSIDADES FEDERAIS  
NO BRASIL: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DOIS PERÍODOS DE  
EXPANSÃO 1960-1970 E 2000-2010**

**Juiz de Fora**

**2019**

**Mara Medina Bastos**

**As estratégias de implantação física de universidades federais no Brasil: Um estudo comparativo entre dois períodos de expansão 1960-1970 e 2000-2010**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ambiente Construído. Área de concentração: Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Klaus Chaves Alberto.

**Juiz de Fora  
2019**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária da UFJF  
com os dados fornecidos pelo autor.

Medina, Mara B.

As estratégias de implantação física de universidades federais no Brasil : um estudo comparativo entre dois períodos de expansão 1960-1970 e 2000-2010 / Mara Medina Bastos. – 2019.

109 f. ; il.

Orientador: Klaus Chaves Alberto

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído, 2019.

1. Universidades federais. 2. Campi universitários. 3. Expansão física. 4. Ensino superior. I. Alberto, Klaus Chaves, orient. II. Título.

**Mara Medina Bastos**

**As estratégias de implantação física de universidades federais no Brasil: Um estudo comparativo entre dois períodos de expansão 1960-1970 e 2000-2010**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ambiente Construído. Área de concentração: Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada em 26 de março de 2019

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Klaus Chaves Alberto - Orientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Ester Buffa  
Universidade Federal de São Carlos

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Frederico Braida Rodrigues de Paula  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dedico este trabalho aos meus dois preciosos filhos Thiago e Raul, minha nora querida Laís, minhas netinhas Alice e Cecília, e, em especial, ao meu marido e companheiro José Márcio Braga Bastos, que sempre sonhou junto comigo.

## AGRADECIMENTOS

Primeiro, agradeço a Deus e ao Universo que conspirou a favor de eu estar aqui.

Minha eterna gratidão ao amigo, orientador e professor Klaus, com quem aprendi muito além do que esta dissertação comporta. Sinto-me uma pessoa privilegiada por ter sido sua orientanda e por termos convivido por quase três anos, período em que nunca faltaram palavras de incentivo, paciência, bom humor, carinho e atenção para comigo e para com todos que chegavam. Sua humildade, professor Klaus, é sua maior virtude.

Agradeço à FAPEMIG pela bolsa de apoio técnico quando participei do Projeto TEC APQ 02203/14, pelas viagens de pesquisa de campo e pela bolsa de iniciação científica para uma aluna de graduação. Estes incentivos proporcionaram uma pesquisa robusta sobre as novas universidades federais no Brasil. Agradeço também à CAPES pela bolsa durante o período do mestrado.

Um agradecimento especial às bolsistas do Grupo Ágora, que muito me auxiliaram no desenvolvimento deste trabalho: Ana Clara Tourinho, Thaísa Souza, Thaianne Rodrigues e Fabíola Cordeiro. Muito obrigada por toda a paciência e pela ajuda, sempre com muita boa vontade e dedicação. Agradeço aos professores que tão gentilmente aceitaram fazer parte da banca: Ester Buffa e Frederico Braida.

Minha gratidão especial aos funcionários do PROAC, Lília Leandra de Ávila e Fabiano Vanon, pelo carinho, amizade, competência, atenção e presteza. Aos amigos que fiz durante essa jornada, desse tempo vou levar ótimas lembranças e muitos ensinamentos.

## RESUMO

A demanda por acesso ao ensino superior cresceu significativamente no mundo após a Segunda Guerra Mundial. No Brasil, essa demanda gerou uma expansão das universidades federais nas décadas de 1950 e 1960, quando foram criadas 26 novas unidades. O segundo período de expansão ocorreu a partir da década de 2000, quando mais 19 universidades federais foram criadas entre os anos 2000 e 2010.

O caráter físico da primeira expansão ocorrida no Brasil entre os anos 1950 e 1960 tem sido sistematicamente estudado no campo da arquitetura e urbanismo; no entanto, percebe-se a ausência de estudos sobre as estratégias de expansão física das universidades federais criadas a partir do ano 2000. O objetivo geral deste trabalho é compreender como ocorreu a inserção dos *campi* das novas universidades federais no território nacional, por meio do estudo das estratégias de implantação física destes espaços no período compreendido entre os anos 2000 e 2010, sobre bases comparativas com o primeiro período de expansão vivido entre os anos 1960 e 1970.

Na expansão recente, em contraste com a expansão dos anos 1960, a maior parte das universidades foi criada com mais de um *campus* ampliando ainda mais o número de municípios beneficiados pelas estruturas universitárias, favorecendo em sua quase totalidade os municípios de pequeno porte. Observou-se também que estas instituições recentes se instalaram em uma área territorial bem menor do que as da expansão anterior. Este fato gerou grandes modificações nas estruturas pedagógicas e físicas dos novos *campi* universitários.

As novas universidades em muito diferem das universidades do primeiro período de expansão. Agora, elas pulverizam seus *campi* pelas cidades de pequeno porte na região de sua abrangência, tornando-os, muitas vezes, vocacionados a um campo específico do saber.

Conhecer as estratégias de implantação física que estas novas universidades apresentam para responder aos desafios contemporâneos no campo da educação superior é de fundamental importância, pois possibilita a reflexão sobre a recente produção e proporciona a oportunidade de definir novos rumos para os futuros espaços destinados ao ensino superior no país.

Palavras-chave: universidades federais, *campi* universitários, expansão física, ensino superior.

## ABSTRACT

After the World War II, there was a significant demand for higher education all over the world. In Brazil, we had a great expansion of federal universities specially in the 1950's and 1960's when 26 new institutions were created.

In the first decade of 2000 we had a second expansion movement and 19 new universities were created.

The first period mentioned (1950's and 1960's) has been systematically studied by architecture and urbanism considering the physical aspect. On the other hand, there was a lack of studies about the strategies for the second period after 2000 on the same subject.

The aim of this study is to better understand how the insertion of the *campi* occurred in the new federal universities, by studying the strategies used for the physical expansion.

The second expansion period resulted in universities with more than just one *campus*, ranging across a wide variety of less populated cities. As consequence, these cities were largely benefited for housing their first institutions. In addition, we observed that such recent Institutions were placed in a smaller area other than the ones from the first period. This characteristic brought big structural modifications in the new *campi*.

The recent expanded universities are largely different from those of the first period. Mainly because they are now spread throughout small cities, where they have leverage and sometimes establishing as a region of a specific knowledge. The physical implantation strategies for these new universities present a great opportunity to define new goals aiming the future places to expand Universities in our country.

Keywords:

federal universities, *campi*, physical expansion, higher education

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Localização dos <i>campi</i> Valonguinho e Gragoatá na cidade de Niterói/RJ.....	56
Figura 2 – Localização do <i>Campus</i> Santana do Livramento na cidade de Santana do Livramento/RS.....	60
Figura 3 - Localização do <i>Campus</i> Cachoeira na cidade de Cachoeira/BA.....	60
Figura 4 - Localização do <i>Campus</i> Santo Antônio na cidade de São João del-Rei/MG.....	61
Figura 5 - Localização do <i>Campus</i> de Tocantinópolis na cidade de Tocantinópolis/TO....	61
Figura 6 - Localização do <i>Campus</i> da Liberdade na cidade de Redenção/CE.....	61
Figura 7 - Distância dos <i>campi</i> ao centro das cidades nos anos 1960-1970.....	62
Figura 8 - Distância dos <i>campi</i> ao centro das cidades nos anos 2000-2010.....	62
Figura 9 - Distância dos <i>campi</i> à capital dos estados nos anos 1960-1970.....	69
Figura 10 - Distância dos <i>campi</i> à capital dos estados nos anos 2000-2010.....	69
Figura 11 - Implantação do <i>campus</i> da Universidade Federal de Santa Maria.....	71
Figura 12 - Implantação do <i>campus</i> Valonguinho da Universidade Federal Fluminense...	72
Figura 13 - <i>Campus</i> Sant’Ana do Livramento da Universidade Federal do Pampa.....	74
Figura 14 - Implantação do <i>campus</i> Sant’Ana do Livramento da Universidade Federal do Pampa.....	74
Figura 15 - Implantação da Unidade Ciências Agrárias da Universidade Federal do Vale do São Francisco.....	79
Figura 16 - Município de Arraias e o <i>campus</i> da UFT.....	85
Figura 17 - Município de Dom Pedrito e o <i>campus</i> da UNIPAMPA.....	90

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Universidades Federais por décadas de criação.....	24
Gráfico 2 - Modelo: <i>Campus/Multicampi</i> de 1911 a 2010.....	83
Gráfico 3 - <i>Campi</i> universitários implantados em capitais e interiores.....	84
Gráfico 4 – Porte das cidades com <i>campi</i> universitários 1960-1970 e 2000-2010.....	84
Gráfico 5 - Criação de universidades federais por região e por períodos de estudo.....	86
Gráfico 6 - Total de universidades federais até 2010 e população por região em 2010.....	87

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Bibliografia utilizada - anos 1960-1970.....	28
Quadro 2: Bibliografia utilizada - anos 2000-2010.....	30
Quadro 3 – Universidades e <i>campi</i> excluídos da pesquisa nos anos de 1960 a 1970.....	35
Quadro 4 – Universidades e <i>campi</i> excluídos da pesquisa nos anos 2000 a 2010.....	38
Quadro 5 – Universidades e <i>campi</i> desta pesquisa nos anos de 1960 a 1970.....	39
Quadro 6 – Universidades e <i>campi</i> desta pesquisa nos anos 2000-2010.....	40
Quadro 7 – Ficha descritiva dos <i>campi</i> .....	44
Quadro 8 – Categorias de análise das distâncias <i>campus</i> /centro da cidade.....	48
Quadro 9 – Categorias de análises <i>campus</i> /capital do estado.....	49
Quadro 10 – Categorias de análises das áreas dos <i>campi</i> .....	49
Quadro 11 – Categoria autoria dos projetos.....	53
Quadro 12 – Percentual de estudo dos <i>campi</i> /centro da cidade.....	54
Quadro 13 – Distância dos <i>campi</i> até o centro das cidades.....	55
Quadro 14 – Distância dos <i>campi</i> até o centro das cidades.....	57
Quadro 15 – Comparativo das distâncias dos <i>campi</i> até o centro das cidades.....	62
Quadro 16 – Percentual de estudo dos <i>campi</i> /capital do estado.....	64
Quadro 17 – Distância <i>campi</i> /capital do estado nos anos de 1960-1970.....	64
Quadro 18 – Distância <i>campi</i> /capital do estado nos anos de 2000-2010.....	65
Quadro 19 – Comparativo das distâncias dos <i>campi</i> até as capitais dos estados.....	69
Quadro 20 – Percentual de estudo da área dos <i>campi</i> .....	70
Quadro 21 – Áreas dos <i>campi</i> nos anos 1960-1970.....	72
Quadro 22 – Áreas dos <i>campi</i> nos anos 2000-2010.....	75
Quadro 23 – Comparativo das áreas dos <i>campi</i> .....	78
Quadro 24 – Comparativo do Setor Esportivo.....	81
Quadro 25 – Comparativo da Praça Cívica.....	81
Quadro 26 – Comparativo do Cinturão Verde.....	81
Quadro 27 – Percentual de estudo de autorias de projetos.....	91
Quadro 28 – Autorias dos projetos na expansão 1960-1970.....	92
Quadro 29 – Autorias dos projetos na expansão 2000-2010.....	92
Quadro 30 – Comparativo das autorias dos projetos.....	93

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC	Academia Brasileira de Ciências
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEDATE	Centro de Desenvolvimento e Apoio Técnico à Educação
CIAM	Congresso Internacional de Arquitetura
DIFES	Diretoria de Desenvolvimento da Rede de IFES
FAPEMIG	Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais
HAB	Habitante
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IFES	Instituição Federal de Ensino Superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
KM	Quilômetro
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PIB	Produto Interno Bruto
PROUNI	Programa Universidade para Todos
REUNI	Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras
SESu	Secretaria de Educação Superior
SCIELO	Scientific Electronic Library On-line
SIMEC	Sistema Integrado de Monitoramento Execução e Controle
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UnB	Universidade de Brasília
USP	Universidade de São Paulo
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UNIFAL	Universidade Federal de Alfenas

UFG	Universidade Federal de Goiás
UNIFEI	Universidade Federal de Itajubá
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
UFPel	Universidade Federal de Pelotas
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UFSJ	Universidade Federal de São João del-Rei
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UFABC	Universidade Federal do ABC
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFC	Universidade federal do Ceará
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMT	Universidade Federal do Mato Grosso
UFOPA	Universidade Federal do Oeste do Pará
UNIPAMPA	Universidade Federal do Pampa
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFVJM	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
UNIVASF	Universidade Federal do Vale do São Francisco
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UFTM	Universidade Federal do Triângulo Mineiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRA	Universidade Federal Rural da Amazônia
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UFERSA      Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
UTFPR      Universidade Tecnológica Federal do Paraná

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
1.1	APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO TEMA .....	17
1.2	OBJETIVOS .....	26
<b>1.2.1</b>	<b>Objetivo Geral</b> .....	26
<b>1.2.2</b>	<b>Objetivos Específicos</b> .....	26
1.3	MÉTODOS .....	26
<b>1.3.1</b>	<b>Revisão de literatura</b> .....	27
<b>1.3.2</b>	<b>Recorte temporal da pesquisa</b> .....	34
<b>1.3.3</b>	<b>Amostra de estudo: Critérios de inclusão/exclusão</b> .....	35
<b>1.3.4</b>	<b>Coleta de dados</b> .....	41
<b>1.3.5</b>	<b>Estruturação do banco de dados desta pesquisa</b> .....	43
<b>1.3.6</b>	<b>Categorias de análises</b> .....	45
1.4	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO .....	46
<b>2</b>	<b>CATEGORIAS ANALÍTICAS PARA O ESTUDO DOS <i>CAMPI</i></b>	
	<b>UNIVERSITÁRIOS CONTEMPORÂNEOS NO BRASIL</b> .....	47
2.1	DISTÂNCIAS DOS <i>CAMPI</i> EM RELAÇÃO AO CENTRO DAS CIDADES .....	47
2.2	DISTÂNCIAS DOS <i>CAMPI</i> EM RELAÇÃO ÀS CAPITAIS DE ESTADO .....	48
2.3	ÁREAS DOS <i>CAMPI</i> .....	49
2.4	INTERIORIZAÇÃO .....	50
2.5	VOCAÇÕES DOS <i>CAMPI</i> .....	52
2.6	AUTORIAS DOS PROJETOS .....	53
<b>3</b>	<b>ESTUDO COMPARATIVO DA PRODUÇÃO DOS DOIS PERÍODOS DE</b>	
	<b>EXPANSÃO DOS <i>CAMPI</i> UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS</b> .....	54
3.1	DISTÂNCIAS DOS <i>CAMPI</i> EM RELAÇÃO AO CENTRO DAS CIDADES .....	54
3.2	DISTÂNCIAS DOS <i>CAMPI</i> EM RELAÇÃO ÀS CAPITAIS DE ESTADO .....	63
3.3	ÁREAS DOS <i>CAMPI</i> .....	70
3.4	INTERIORIZAÇÃO .....	82
3.5	VOCAÇÕES DOS <i>CAMPI</i> .....	88
3.6	AUTORIAS DOS PROJETOS .....	91
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	94
<b>5</b>	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	97
<b>6</b>	<b>APÊNDICE</b> .....	105

7	ANEXO.....	106
---	------------	-----

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO TEMA

Os *campi* universitários são um campo importante na historiografia da Arquitetura e do Urbanismo no Brasil, portanto esse tema se configura como um tema de valor significativo para o estudo da conformação das cidades modernas e contemporâneas, devido ao seu alcance social, cultural e político.

O conhecimento é essencial para o desenvolvimento de uma sociedade. A história do ensino se confunde com a história da humanidade. O ato de compartilhar o conhecimento existe desde os tempos pré-históricos, quando os ensinamentos eram passados dos mais velhos para os mais jovens no âmbito familiar (MAHLER, 2015, p. 35; RIBEIRO, 2008, p. 20).

Nesse sentido, a história do desenvolvimento da civilização está entrelaçada com a história do ensino e do conhecimento. O ensino se desenvolveu de maneiras diferentes de acordo com as características sociais, culturais, geográficas e regionais ao redor do mundo. Existe um consenso entre os historiadores de que as primeiras universidades foram criadas na Europa. A universidade de Bolonha, na Itália, em 1088; a de Paris, na França, em 1096; e a universidade de Oxford, no Reino Unido, em 1167 (MAHLER, 2015, p. 39).

Na América espanhola, os estabelecimentos de nível superior de ensino mais antigos foram fundados no século XVI, em São Domingos, em 1538, e, em Lima e México, em 1551. Até o século XX, cerca de 20 instituições de ensino superior foram fundadas, mas nenhuma delas em domínio português (SEGAWA, 1999, p. 38).

No Brasil, muitas foram as tentativas de se constituir universidades, mesmo no período republicano. Tradicionalmente, o ensino superior foi estruturado e oferecido à população brasileira em estabelecimentos isolados até a primeira metade do século XX. Durante seu recente percurso, as instituições de ensino superior passaram por muitas transformações e modificações do seu papel junto à sociedade, sua posição política e econômica e, principalmente, seu relacionamento físico com a cidade. Em 1920, o ex-presidente da República Epitácio Pessoa instituiu a Universidade do Rio de Janeiro, a qual seria a primeira universidade brasileira, formada pela simples junção de faculdades isoladas sob uma recém-criada reitoria. Da mesma forma, foram também criadas a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 1927, e a Universidade de São Paulo (USP), em 1934 (BUFFA e PINTO, 2009, p. 45 e 46; CALDERARI, 2017, p. 218).

As elites intelectuais e políticas das décadas de 1940/1950 tinham como objetivo comum consolidar as bases de um estado com uma identidade nacional que deveria se manifestar nos meios artísticos, culturais, científicos e também na Arquitetura e no Urbanismo (POSTINGHER, 2012, p. 10).

A partir de 1945, com a extinção do Estado Novo, inicia-se um momento político voltado para a “redemocratização” do país, revelando fortes intenções reformistas em muitos setores governamentais, inclusive no setor educacional. Personagens pioneiros da Educação, afastados do poder na era Vargas, gradativamente voltam à cena, a exemplo de Anísio Teixeira (ALBERTO, 2008, p. 85).

No entanto, Gustavo Capanema, ministro da Educação e Saúde da era Vargas, permanece solidamente no cenário político. Essa estrutura construída solidamente por Capanema coexiste conjuntamente com a nova onda reformista, vivendo o país um período de embate entre estas duas forças. Em 1948, foi apresentado à Câmara Federal pelo então ministro da Educação Clemente Mariani, um projeto de reforma geral da educação, inclusive a universitária, definido como Projeto de Diretrizes e Bases, mas sua aprovação se deu somente em 1961 (ALBERTO, 2008, p. 86).

Portanto, na política dos governantes, a desburocratização para a criação de novas instituições de ensino superior era vista como uma necessidade premente para o país formar seus quadros técnicos e alavancar o desenvolvimento. Nesse contexto, foi aprovado o Decreto de lei n 8.457, de 26 de dezembro de 1945, que flexibilizou o Estatuto de 1931<sup>1</sup> para a constituição das universidades, exigindo então apenas duas faculdades, sem a obrigatoriedade dos cursos de medicina e engenharia, mais dispendiosos (ALBERTO, 2008, p. 89).

Outra importante lei que facilitou a ampliação da rede de ensino superior no Brasil foi a lei nº 1.254, aprovada em dezembro de 1950, que permitiu a federalização dos institutos isolados de ensino superior. Essa lei criou base jurídica para agrupar em forma de novas universidades federais do Brasil diversas instituições que se encontravam dispersas nas cidades (POSTINGHER, 2012, p. 10; SEGAWA, 1999, p. 39).

Ainda segundo Alberto (2008), o Brasil viveu o primeiro período de expansão do ensino superior privado e público entre as décadas de 1950/1960. O momento social e político que o país atravessava fez com que a sociedade passasse a exigir do poder público uma resposta para a nova demanda: a necessidade urgente de ampliação do ensino superior (ALBERTO, 2008, p. 88 e 89).

---

<sup>1</sup> Estabelecia como um dos critérios para a formação de uma universidade o mínimo de três faculdades. A escolha dos cursos deveria obrigatoriamente ser feita entre as faculdades de Direito, Medicina, Engenharia, Educação, Ciências e Letras (ALBERTO, 2008, p. 89).

Outro fator que, com certeza, também contribuiu para esse primeiro período de expansão das universidades foi o processo de industrialização que se tornou mais acentuado a partir de 1950. Alberto (2008, p. 87) ainda afirma que as indústrias cada vez mais necessitavam de setores mais especializados e complexos, o que demandava uma mão de obra também mais especializada, diferente das demandas administrativas anteriores.

Portanto, o cenário no Brasil estava em perfeita sintonia para a criação dos novos espaços universitários do momento. O ideal da universidade se materializou como símbolo de desenvolvimento, progresso e modernidade voltado para desenvolver os recursos humanos necessários no período e para a disseminação do saber, no contexto de um ambiente apropriado, que proporcionasse a quietude e a tranquilidade, afastada do ruído e do convívio urbano, marcando assim o afastamento da universidade das cidades (RODRIGUES, 1997, p. 113). Todos estes fatos reunidos fizeram com que a ideia de que uma universidade integrada necessitaria de um local específico para se estabelecer espacialmente. O espaço físico, geográfico destinado a abrigar, em um só local, todas as unidades acadêmicas que funcionavam dispersas pela cidade era entendido como *campus*.

Ainda na década de 1950, o governo brasileiro aproximou-se do governo norte-americano firmando acordos de prestação de serviços técnicos e de consultoria na área da educação. Portanto, o Brasil passa a receber muitas visitas de técnicos estrangeiros especialistas na área, fazendo com que a influência da maneira norte-americana de se projetar os *campi* no país se efetivasse (ALBERTO, 2008, p. 120). Nessa perspectiva, Silva (2003, p. 3) afirma que a América Latina se tornou o palco ideal da proposta de vanguarda da modernidade.

Durante o percurso de desenvolvimento do ensino superior, o Brasil atravessou um período conturbado e conflituoso de sua história, passando pelo regime militar nas décadas de 1960 e 1970. Nesse sentido, o ensino superior brasileiro passou por um período de muitas mudanças com a implementação de inúmeros decretos e legislações, inquéritos e congressos de docentes até se aproximar, com mais firmeza, do modelo das universidades norte-americanas, cujo prestígio estava em alta pela positiva contribuição tecnológica ao esforço de guerra (CALDERARI, 2017, p. 218).

Apesar de as universidades norte-americanas se derivarem das europeias (universidades inseridas no território urbano), elas se desenvolveram distintamente na América, devido, entre outros fatores, à vasta extensão territorial e às características culturais e sociais da colonização (puritanismo). Estas universidades foram projetadas para se tornar uma comunidade autossuficiente, apartadas das cidades, com alunos e professores vivendo

isolados num ambiente de difusão do conhecimento e introspecção para o estudo, dentro do mesmo microcosmo, a então denominada “Cidade Universitária” (TURNER, 1987, p. 3).

Alberto (2008) reconhece, em seus estudos sobre a formalização do ensino superior na década de 1960, que o aspecto físico das universidades americanas com grande dimensão territorial e ambiente paisagístico idealizado como uma universidade/parque foram os princípios que mais atraíram os intelectuais brasileiros.

Para Ester Buffa e Gelson Pinto (2009), no Brasil, os primeiros *campi* universitários possivelmente tiveram a intenção de formar cidades universitárias apartadas das cidades ditas regulares, formando uma pequena comunidade. Em seu livro sobre Arquitetura e Educação, os autores definem a Cidade Universitária como: “núcleo que teria a capacidade de oferecer ensino, mas também de abrigar centros de pesquisa, acolher alunos e professores, proporcionar, enfim, todos os serviços próprios de qualquer cidade” (BUFFA e PINTO, 2009, p. 46). No entanto, o conceito da Cidade Universitária não se efetivou em sua totalidade no Brasil, seus primeiros *campi* não ofereceram todos os serviços básicos necessários à comunidade acadêmica para fornecer o tão pretendido isolamento intelectual/cultural. Buffa e Pinto (2009, p. 47) relatam que “o termo Cidade Universitária não passa de uma aspiração que nunca se realizou”.

Para o tipo de projeto de implantação de universidades edificado no Brasil, *campus* se torna o conceito mais pertinente. Buffa e Pinto (2009, p. 47) descrevem *Campus* como “um território fechado, com administração independente e que abriga espaços de ensino, aprendizagem e pesquisa. Reúne alguns poucos serviços fundamentais, como refeitórios, lanchonetes, xérox, papelaria, livraria, bancos e praticamente só isso”.

Outro aspecto relevante do planejamento universitário no Brasil é o fato de que os *campi* universitários tornaram-se “campos experimentais do urbanismo moderno, das doutrinas dos CIAM<sup>2</sup> e do planejamento norte-americano” (SEGAWA, 1999, p. 46).

Mas, já na década de 1950, alguns preceitos do planejamento modernista dos *campi* universitários passaram a ser questionados em diversos contextos geográficos internacionais. Seu planejamento conceitual extremamente funcionalista, associado à ideia de se fixar em um local segregado da cidade, começa a ser rebatido (ALLEN, 2007). Para o mesmo autor, apesar de os Estados Unidos serem considerados como o berço da criação da noção de *campus*, foi justamente nesse país que surgiu um dos principais focos de revisão do planejamento no campo universitário.

---

<sup>2</sup> Congresso Internacional da Arquitetura Moderna – O primeiro congresso foi realizado na cidade de La Sarraz na Suíça e teve como objetivo a propagação da nova arquitetura em desenvolvimento e de apresentar esta arquitetura como fator de influência econômica e social.

A universidade de Illinois, na década de 1960, para atender à necessidade de expansão, implantou seu novo *campus* “*Chicago Circle Campus*” em uma área degradada no interior da cidade, levando conjuntamente com o ensino superior a revitalização urbana, este *campus* se tornou um dos mais proeminentes dos novos *campi* instalados na malha urbana nesta década, trazendo também uma alteração na política de urbanismo americana (TURNER, 1987, p.274; SOUZA, 2013, p. 54).

De acordo com Souza (2013, p. 63), no Brasil, a intensa produção das universidades federais, nos anos 1960 e 1970, geraram *campi* inacabados, com estruturas inadequadas às atividades acadêmicas. Sendo assim, uma crítica mais intensa ao modelo “*campus*” se inicia na década de 1970 no país, quando cinco seminários promovidos pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) durante as décadas de 1970 e 1980 constituíram o principal fórum para se discutir o planejamento arquitetônico e urbanístico do *campus* universitário brasileiro. Estes seminários tiveram os temas a seguir de acordo com (SOUZA, 2013, p. 69-70):

- I Seminário Nacional sobre Planejamento de *Campi* Universitários, de 17 a 27 de março de 1975.
- Seminário de Conceituação de *Campus* Universitário, de 10 a 12 de novembro de 1981.
- Seminário de “Avaliação da Morfologia Urbanística do *Campus* Universitário Brasileiro”, de 17 a 18 de outubro de 1985.
- Seminário “Paisagismo no *Campus* Universitário Brasileiro”, de agosto de 1986.
- Simpósio Nacional sobre Desenvolvimento Físico de Universidades: planejamento e gestão, de 11 a 12 de outubro de 1989.

Nessa perspectiva, o modo de pensar o *campus* universitário de muitos arquitetos, urbanistas e teóricos do período no país foi imbuído na busca de novos padrões espaciais que os levassem a um afastamento dos preceitos modernistas que vigoravam até então. A partir dos seminários promovidos pelo MEC, um estudo das universidades implantadas resultou numa maior reflexão sobre as relações *campus versus* cidade, e também no resgate de valores tradicionais urbanos na arquitetura e urbanismo dos *campi*, além de contestar a segregação extramuros e intramuros da universidade (SOUZA, 2013, p. 70).

Um reflexo da discussão nesses seminários do período foi o entendimento de que o território do *campus* não deve ser isolado e autossuficiente, de modo a segregar a universidade, produzindo uma dissidência para com muitos dos já consagrados padrões estabelecidos. Nesse contexto, surge a proposta de implantação do *campus* da Universidade Federal do Maranhão no centro histórico de São Luís, “que buscou a reinvenção do espaço universitário, inspirado em valores mais próximos da cultura e das tradições urbanas nacionais” (SOUZA, 2013, p. 73).

Em seu estudo sobre a *Universidade e a Fantasia Moderna: a falácia de um modelo espacial único*, Rodrigues (1997, p. 39) identifica a evolução dos espaços universitários brasileiros em três fases. Na terceira fase (pós-80), Rodrigues afirma que um tímido início de mudança começa a ser sentido nos novos planos dos *campi* universitários, rompendo-se com o modelo vigente no período anterior.

A partir da década de 1970, até a década de 1990, o Brasil atravessou um momento de estagnação do ensino superior público, com a criação de apenas nove universidades federais em 30 anos.

Mas a segunda metade do século XX também foi marcada por uma expansão sem precedentes da demanda e da oferta de cursos de educação superior, no mundo e no Brasil, ligados tanto à valorização do saber acadêmico pelo mercado de trabalho quanto pelo crescimento da importância da pesquisa acadêmica.

Após 1994, com o chamado Plano Real posto em prática, a economia voltou a se estabilizar. Registrou-se, no Brasil, um início do processo de redução da desigualdade social e consequente elevação do bem-estar geral da população, somados à elevação do número de matrículas no ensino médio. Formou-se, portanto, o cenário ideal e necessário para o início do segundo período de expansão do ensino superior no país (NEVES, 2012, p. 6).

A partir de 2002, no Brasil, assim como em outros países, foi feito um alto investimento para expandir as estruturas universitárias de maneira a atender a demanda social e também para permitir uma valorização cultural e econômica do país (CALDERARI, 2017, p. 411). Em 24 de abril 2007, pelo Decreto nº 6.096/2007, o Governo Federal instituiu o programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI).

Segundo o documento elaborado pela SECRETARIA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR (SESu<sup>3</sup>) em 25 de junho de 2007, denominado: “Diretrizes Gerais do Programa

---

<sup>3</sup> Secretaria de Educação Superior (SESu) é a unidade do Ministério da Educação responsável por planejar, orientar, coordenar e supervisionar o processo de formulação e implementação da Política Nacional de Educação Superior. Responsável também pela manutenção, supervisão e desenvolvimento das instituições públicas federais de ensino superior (Ifes) e a supervisão das instituições privadas de educação superior.

de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais” - (REUNI, 2007), o Governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003/2011), instituiu uma política pública de incentivo e melhoramento do conhecimento com conseqüente reflexo nos currículos universitários considerados rígidos e sem competitividade se comparados com os currículos de países desenvolvidos. Buscou-se também a diminuição da evasão escolar na graduação, melhorias na precocidade na escolha profissional e facilitação da mobilidade dos estudantes entre os programas de formação e instituições de ensino.

O REUNI pretendeu uma ampla e profunda reestruturação da educação superior, quando definiu como um dos seus objetivos equipar as universidades das condições necessárias para ampliação do acesso e da permanência na educação superior, com a abertura de novos cursos de graduação, pós-graduação, novas instituições federais de ensino superior e também com a expansão e a reestruturação das instituições já consolidadas. Congregando esforços para estabelecer a política nacional de expansão da educação superior pública, em atendimento ao disposto pelo Plano Nacional de Educação - PNE (Lei nº 10.172/2001) que programou o provimento da oferta da educação superior para, pelo menos, 30% dos jovens na faixa etária de 18 a 24 anos até o final da década.

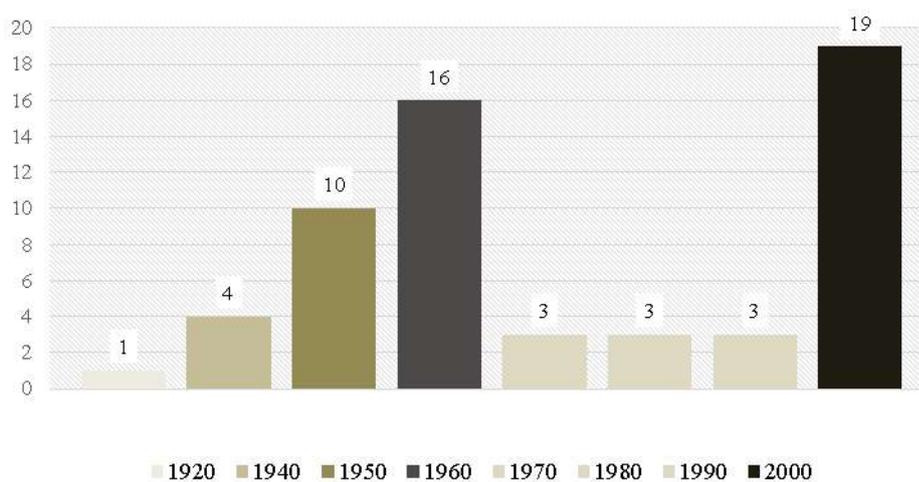
Nesse sentido, segundo o relatório “Análise sobre a expansão das universidades federais 2003 a 2012” preparado pela Comissão Constituída pela Portaria 126/2012, o REUNI provê um significativo aumento no número dos *campi* universitários em todas as regiões do Brasil e, conseqüentemente, um significativo aumento no número de matrículas nas instituições federais, atendendo às reivindicações e aos anseios de diversas entidades da sociedade brasileira, (REUNI, 2012).

Segundo os dados da SESu (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR, 2014), o governo federal cria na primeira expansão, entre as décadas de 1950 e 1960, 26 novas universidades federais e, na segunda expansão, durante a década de 2000, 19 universidades federais, sendo seis entre os anos 2000 a 2002, durante o governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e 13 durante os dois mandatos do governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva entre os anos 2003 a 2010.

Calderari (2017, p. 416) propõe, em seu trabalho *(Des)Continuidades e Rupturas nos Espaços Urbanos Contemporâneos – Reflexões sobre o papel dos novos campi universitários*, adicionar uma quarta fase complementando o trabalho de Rodrigues (1997). Esta quarta fase seria denominada “2002 ao atual”, sendo marcada por um período “de inúmeras tentativas de rompimento do modelo modernista”, com o surgimento de novas maneiras de se implantar os novos *campi* universitários, respeitando os diversos contextos regionais brasileiros.

O Gráfico 1 apresenta as décadas de criação das universidades federais brasileiras. Neste gráfico, pode-se observar os dois períodos de expansão do ensino superior de 1950 a 1960 e na década de 2000. Fica em evidência também as décadas de 1970 a 1990, quando o país viveu o momento de estagnação em relação à criação de universidades federais públicas.

Gráfico 1 - Universidades Federais por décadas de criação



Fonte: Sistema Integrado de Monitoramento, Execução e Controle/Ministério da Educação SIMEC/MEC - Adaptado pela autora, 2018.

Compreende-se que, entre os anos 2000 e 2010, não foram incluídas todas as instituições federais contemporâneas de ensino superior criadas no Brasil, pois, após 2010, a expansão das novas universidades federais ainda continuou intensa com a criação de novos *campi* universitários federais até o ano 2015. Além disso, houve uma ampliação significativa dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e de seus *campi*, os quais, atualmente, também compartilham a responsabilidade pelo ensino superior nacional. Também no âmbito do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras (REUNI), iniciado no governo Lula, houve a ampliação do número de *campi* das universidades existentes por meio da criação de novas unidades em cidades distintas de sua sede.

No período de criação destas universidades, a educação superior estava passando por uma revisão de seu papel político, social, econômico e cultural. O claro esforço para ampliar tanto a sua diversidade quanto o acesso a estas instituições também são temas que desestabilizam a estrutura até então vigente destas instituições.

O estudo do tema *campi* universitários permite uma abordagem das particularidades do pensamento urbanístico tanto pelo caráter do objeto de estudo, quanto por sua grande escala de intervenção. As universidades e as suas instalações se relacionam

diretamente com o Estado, com o sistema educacional e com as visões de ciência em um determinado contexto geográfico. Portanto, os conflitos dos ideais urbanísticos se deparam com as situações específicas, sociais e culturais do espaço urbano. Nesse sentido, estes projetos traduzem, em termos formais, as diferentes visões de ciência, cultura, democracia e educação de uma época. O estudo de diferentes projetos de universidades e de seus *campi* em diferentes épocas permite uma reflexão sobre o próprio campo do conhecimento em suas articulações com a tradição e a inovação, com o direito e o bem-estar, com a estética e a racionalidade.

A expansão do ensino superior no Brasil já foi abordada sob diferentes perspectivas na literatura acadêmica. O caráter do espaço físico do período de expansão Pós-Segunda Guerra já foi alvo de diversos estudos no campo da arquitetura e urbanismo (ALBERTO, 2008). No entanto, percebe-se a ausência de estudos sobre as estratégias de expansão do espaço físico das novas universidades a partir dos anos 2000. Portanto, o estudo da espacialização destas universidades torna-se, assim, um tema importante para a qualificação destes novos espaços destinados à formação dos futuros profissionais de nível superior no país.

Este estudo tem o recorte temporal entre os anos 1960 e 1970, formando uma base comparativa com a recente produção entre os anos 2000 e 2010. A constatação da inexistência das particularidades do pensamento urbanístico especialmente no campo da arquitetura dos *Campi* Universitários, a partir dos anos 2000, provocou o interesse sobre essa pesquisa. Nesse sentido, algumas questões motivaram e guiaram esta investigação. São elas:

- O modelo de implantação física das universidades adotado nos anos 2000 a 2010 assume a noção de *campus* universitário tal como no período da expansão anterior dos anos 1960 e 1970?
- Como estas novas universidades e seus *campi* estão se distribuindo no território nacional tanto em uma escala regional, em relação às unidades federativas e as suas capitais, quanto na escala municipal, em relação às cidades nas quais são implantadas?
- Quem são os planejadores destas novas universidades e de seus *campi*?
- Como se configura o programa geral desses novos *campi* na contemporaneidade?

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo geral deste trabalho é compreender como ocorreu a inserção dos *campi* das novas universidades federais no território nacional, por meio do estudo das estratégias de implantação física destes espaços no período compreendido entre os anos 2000 e 2010, sobre bases comparativas com o primeiro período de expansão vivido entre os anos 1960 e 1970.

Para atingir o objetivo geral e responder as questões anteriores, se fez necessário o aprofundamento do estudo do objeto da pesquisa; portanto, este trabalho desdobra-se nos objetivos específicos:

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- Estudar as estratégias de implantação física das universidades e de seus *campi* nas cidades durante as expansões ocorridas dos anos 1960 a 1970 e 2000 a 2010;
- Estudar as implantações físicas das novas universidades (2000-2010) comparando-as com as universidades da expansão anterior (1960-1970), de acordo com as seis categorias analíticas criadas para tal;
- Gerar um banco de dados que registre a situação dos espaços destinados ao ensino superior no Brasil nos dois períodos desta pesquisa e que possa ser consultado para pesquisas futuras sobre o tema.

## 1.3 MÉTODOS

Esta pesquisa se enquadra no tipo de pesquisa de natureza exploratória, uma vez que não prevê aplicação prática; porém, gera conhecimentos e proporciona maior familiaridade com o tema, fazendo-se possível construir hipóteses e tornando-o mais esclarecedor (GIL, 2002, p. 41-2).

Vale ressaltar que, em uma pesquisa como esta, as etapas não são rigidamente delimitadas. Em muitos momentos, estas etapas se fundem, não sendo necessária a finalização completa de uma tarefa para dar início a outra. Em várias ocasiões, foram realizadas mais de

uma etapa da pesquisa ao mesmo tempo. Nesse contexto, foram utilizados diferentes procedimentos ao longo do percurso metodológico destacando-se:

- **1.3.1 Revisão de literatura**
- **1.3.2 Recorte temporal da pesquisa**
- **1.3.3 Amostra de estudo: Critérios de inclusão/exclusão**
- **1.3.4 Coleta de dados**
- **1.3.5 Estruturação do banco de dados**
- **1.3.6 Categorias de análise**

### **1.3.1 Revisão de literatura**

Inicialmente, foi feita uma revisão bibliográfica em teses, dissertações e artigos, a fim de fornecer informações sobre o contexto histórico do desenvolvimento arquitetônico e urbanístico dos espaços universitários, bem como dos fatores políticos relevantes que levaram à expansão do sistema educacional no ensino superior. É importante notar que este trabalho não se restringe apenas ao campo da arquitetura e do urbanismo, mas relaciona os aspectos históricos, políticos e educacionais do período estudado.

A revisão da bibliografia se deu por meio da busca sistematizada nas bases de dados do portal CAPES, portal SCIELO e no Google Acadêmico, com as palavras chave: *Campus* universitário; Cidade universitária; *Campi* universitários; Universidade federal; Ensino superior; Expansão do ensino; Democratização do ensino; Interiorização, *Campus* planning.

Como o tema das universidades das décadas de 1950 e 1960 já foi estudado sob diferentes perspectivas na literatura acadêmica, a pesquisa sobre essas décadas foi iniciada em diversas dissertações, teses e artigos armazenados no acervo do Grupo de Pesquisas Ágora<sup>4</sup>. A fim de complementar as informações das universidades deste período pertencentes a este estudo, foi efetuada uma busca nos acervos das bibliotecas e no site destas instituições à procura de mais referências bibliográficas e/ou documentos que, de alguma forma, pudessem contribuir na composição da história de formação e das estratégias de implantação física de seus *campi*. Estas novas informações coletadas foram armazenadas no acervo do Grupo de Pesquisas Ágora.

---

<sup>4</sup> Grupo de pesquisas da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora. Tem como um dos coordenadores o Professor Dr. Klaus Chaves Alberto. Uma das linhas de pesquisa desse professor é o estudo dos *campi* universitários para o qual foi sendo formado um acervo físico e virtual de publicações sobre o tema.

Para uma melhor compreensão e visualização, criou-se o Quadro 1 com a bibliografia utilizada neste trabalho referente ao recorte temporal 1960-1970.

Quadro 1: Bibliografia utilizada - anos 1960-1970

UNIVERSIDADE	AUTOR	DATA	TÍTULO	TIPO TRABALHO
UB	Débora Carla Postinger	2012	Jorge Machado Moreira e o projeto da Cidade Universitária do Brasil – 1949-1952	Dissertação
UFAL	Magda Campêlo	2012	Campus no Nordeste: reforma universitária de 1968	Tese
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo	2014	UFES 60 anos	Livro digital
UFF	Denise Maria Monteiro	2009	O campus da Praia Vermelha da Universidade Federal Fluminense – Contradições e desafios	Artigo
UFF	Denise Teixeira Nogueira	2008	Universidade e Campus no Brasil: O caso da Universidade Federal Fluminense	Tese
UFJF	Raquel Fernandes Rezende Vera Lucia Ferreira Motta Rezende	2016	O Campus da Universidade Federal de Juiz de Fora: Um exemplar do movimento moderno	Artigo
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora	2004	Plano Diretor Físico	Livro digital
UFMA	Magda Campêlo	2012	Campus no Nordeste: Reforma universitária de 1968	Tese
UFPB	Magda Campêlo	2012	Campus no Nordeste: Reforma universitária de 1968	Tese
UFSCar	Elizabeth Valdetaro Salvador	2011	Percepção arquitetônica do espaço de trabalho pela comunidade universitária. Estudo de caso da UFSCar - Campus São Carlos	Dissertação
UFSCar	Juliana Cardoso Esteves	2013	Planejamento e gestão do ambiente construído em universidades públicas	Dissertação
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina	2005	Plano Diretor do Campus da UFSC – Diretrizes e proposições	Livro digital
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina	2010	UFSC 50 anos – Trajetórias e desafios	Livro digital
UFSM	Andrey Rosenthal Schlee	2003	Reproduzindo modelos. O plano piloto do campus da Universidade Federal de Santa Maria, RS	Artigo
UFSM	Renata Venturini Zampieri	2011	Campus da Universidade Federal de Santa Maria: um testemunho, um fragmento	Dissertação
UnB	Andrey Rosenthal Schlee	2011	A praça maior da UnB	Artigo
UnB	Klaus Chaves Alberto	2008	Formalizando o ensino superior na década de 1960: a cidade universitária da UnB e seu projeto urbanístico	Tese

UnB	Milena Baratta Nunes Aldigueri Rodriguez	2007	UnB e seu espaço social	Dissertação
GERAL	Ester Buffa; Gelson de Almeida Pinto	2009	Arquitetura e Educação – Câmpus universitários brasileiros	Livro
GERAL	Gabriela Inhan de Souza	2015	Rudolph Atcon, entre o educacional e o urbanístico na definição de diretrizes para <i>campi</i> universitários no Brasil	Dissertação
GERAL	Hugo Segawa	1999	Rio de Janeiro, México, Caracas: cidades universitárias e modernidades -1936 1962	Artigo
GERAL	Isabel Sánchez Silva	2003	Villanueva. Modernidade e trópico	Artigo
GERAL	Luiz Augusto Fernandes Rodrigues	1997	Universidade e a fantasia moderna; a falácia de um modelo espacial único	Tese
GERAL	Márcio de Oliveira Resende Souza	2013	O programa MEC/BID III e o CEDATE na consolidação dos <i>campi</i> universitários no Brasil	Dissertação
GERAL	Paul Vernable Turner	1987	Campus na American planning tradition	Livro
GERAL	Peter Allen	2007	Violent Design: People's Park, Architectural Modernism and Urban Renewal	Artigo
GERAL	Rudolph P. Atcon	1970	Manual sobre o planejamento integral do campus universitário	Livro

Fonte: Da autora, 2019.

Sobre a investigação da documentação das novas universidades do recorte temporal 2000-2010<sup>5</sup>, as informações sobre seus planos urbanísticos e sobre os projetos de seus edifícios encontram-se principalmente nos acervos técnicos destas instituições. Assim, foram consultadas as prefeituras universitárias, os escritórios técnicos de projetos ou pró-reitorias responsáveis pelo patrimônio físico destas universidades com o objetivo de localizar os planos e projetos de implantação física e dos edifícios destas instituições, assim como outros materiais iconográficos sobre o assunto.

Para a complementação das informações na realização deste estudo, foram coletados dados de duas fontes principais, os órgãos governamentais responsáveis pelo Ensino Superior no Brasil, Ministério da Educação e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (MEC / INEP)<sup>6</sup> e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>7</sup>.

<sup>5</sup> Como este tema ainda é recente, não se encontra bibliografia referente a este período na literatura acadêmica que forneça os dados necessários para esta pesquisa.

<sup>6</sup> Ministério da Educação é um órgão da administração federal direta, tem como área de competência a educação em geral/ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira é uma autarquia federal

A literatura acadêmica referente ao contexto histórico, político e educacional foi fundamental para a compreensão do processo de formação e desenvolvimento destas novas universidades.

Para uma melhor compreensão e visualização, criou-se o Quadro 2 com a bibliografia utilizada neste trabalho referente ao recorte temporal 2000-2010, separados por tipos de literatura de acordo com os temas:

- Arquitetura e Urbanismo;
- Educacional e Político.

Quadro 2: Bibliografia utilizada - anos 2000-2010

TIPO LITERATURA	AUTOR	DATA	TÍTULO	TIPO TRABALHO
Arquitetura/ Urbanismo	André Luiz Ribeiro	2008	<i>Campi</i> universitários: Desenvolvimento de suas estruturas espaciais	Dissertação
Arquitetura/ Urbanismo	Carina Ebert Hamm Oliveira	2015	Campus Bagé – UNIPAMPA. Uma avaliação da produção dos novos espaços universitários	Dissertação
Arquitetura/ Urbanismo	Christine Ramos Mahler	2015	Territórios universitários: tempos, espaços, formas	Tese
Arquitetura/ Urbanismo	Elaine Saraiva Calderari	2017	(Des) Continuidades e rupturas nos espaços urbanos contemporâneos	Tese
Educacional/ Político	Academia Brasileira de Ciências	2004	Subsídios para a reforma da Educação Superior	Livro
Educacional/ Político	Clarissa Eckert Baeta Neves	2012	Ensino Superior no Brasil: expansão, diversificação e inclusão	Artigo
Educacional/ Político	Secretaria de Educação Superior – Ministério da Educação	2015	A democratização e expansão da educação superior no país 2003 – 2014	Documento
Educacional/ Político	Secretaria de Educação Superior – Ministério da Educação	2007	Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – Diretrizes Gerais	Documento

Fonte: Da autora, 2019.

Portanto, pode-se dividir em dois grandes grupos de textos a literatura que problematiza o tema dessa dissertação, algumas em profundidade, outras de uma forma mais tangencial, mas todas de alguma maneira contribuíram para a compreensão da narrativa

---

vinculada ao Ministério da Educação (MEC). Sua missão é subsidiar a formulação de políticas educacionais dos diferentes níveis de governo com intuito de contribuir para o desenvolvimento econômico e social do país.

<sup>7</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística se constitui no principal provedor de dados e informações do país, que atendem às necessidades dos mais diversos segmentos da sociedade civil, bem como dos órgãos das esferas governamentais federal, estadual e municipal.

histórica sobre o processo de criação das universidades no Brasil e dos períodos de expansão vividos no país. Os trabalhos mais focados na arquitetura e nos debates e descrições sobre a forma física dos *campi* nos dois períodos complementaram os estudos e, conseqüentemente, o banco de dados da pesquisa.

Neste tópico, pretende-se ressaltar algumas publicações de cada uma dessas áreas, destacando sua estrutura e sua contribuição para este trabalho. Portanto, as bibliografias consultadas podem ser divididas em 2 grupos:

- Bibliografia referente ao primeiro período de expansão;
  - Bibliografia referente ao segundo período de expansão.
- Bibliografia referente ao primeiro período de expansão:

É importante ressaltar que nesse grupo foi também consultado o “*Manual sobre o planejamento integral do campus universitário*” de Rudolph P. Atcon<sup>8</sup>, além de todas as teses, dissertações, artigos e livros apresentados no Quadro 1, que embasaram os estudos dos *campi* universitários do primeiro período de expansão 1960-1970.

O *Manual sobre o planejamento integral do campus universitário* foi uma importante fonte de pesquisa, pois demonstra o entendimento do Sr. Rudolph Atcon sobre a estrutura universitária tanto no campo educacional quanto na implantação física, esta publicação foi amplamente divulgada nas universidades federais brasileiras justamente no primeiro período de expansão física destas instituições. A partir deste documento, pôde-se observar a influência de Atcon no planejamento de algumas universidades brasileiras do momento.

Outra importante fonte de pesquisa sobre as universidades implantadas no nordeste do país foi a tese de doutorado de Magda Campêlo, intitulada *Campus no nordeste: reforma universitária de 1968*. O trabalho apresenta a análise das realizações urbano arquitetônicas das universidades federais do Ceará (UFC), da Paraíba (UFPB), do Rio Grande

---

<sup>8</sup> Rudolf P. Atcon, de acordo com Souza (2015, p. 35); Calderari (2017, p. 68), é nascido na Grécia e naturalizado norte-americano, engenheiro com formação também em outras áreas do conhecimento, na década de 1970 era considerado o consultor de maior renome internacional na área da educação, prestou trabalho para várias outras universidades em outros países, dentre eles Venezuela, Chile, Colômbia, Alemanha, Portugal. Ainda segundo Souza (2015, p. 36), em 1952 Atcon foi convidado a participar da reestruturação da CAPES, onde se tornou diretor adjunto e permaneceu no cargo até 1956. Em 1966, por influência direta de Atcon, foi fundado o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB), no qual trabalhou como secretário por dois anos. Um dos trabalhos resultantes deste período no CRUB foi o “Manual sobre o Planejamento Integral do Campus Universitário” encomendado à Atcon pelo próprio órgão. Único documento com diretrizes para se construir física e organizacionalmente uma universidade, tornou-se uma referência também por ter sido distribuído em diversas bibliotecas universitárias (SOUZA, 2015, p. 43).

do Norte (UFRN), de Alagoas (UFAL), do Maranhão (UFMA), de Sergipe (UFS) e do Piauí (UFPI). O objetivo do trabalho é a apresentação do espaço físico destas instituições, e procura demonstrar que estes espaços adotaram o padrão de *campus* norte-americano, seguindo as orientações de Rudolph Atcon, inseridas no contexto geográfico do nordeste. O estudo trata também de questões como o isolamento ou a integração dos *campi* na estrutura urbana. Este trabalho contribuiu para elucidar grande parte das questões sobre as seguintes universidades: UFPB, UFAL e UFMA.

Uma tese de doutorado apresentada na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com o título *Universidades e campus no Brasil: o caso da Universidade Federal Fluminense*, de Denise Teixeira Nogueira, juntamente com o artigo intitulado *O campus da Praia Vermelha da Universidade Federal Fluminense – condições e desafios*, de Denise Maria Monteiro, retratam a trajetória de implantação e a forma de territorialização dos três *campi* da instituição desde sua concepção na década de 1960 até os anos 2000. Os trabalhos também trazem à tona a discussão sobre os *campi* universitários se inserirem no tecido urbano, já que esta instituição se inseriu no seio da cidade de Niterói-RJ.

Os livros e planos diretores referentes as Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) contribuíram de forma significativa no entendimento sobre o processo de criação destas instituições e na compreensão das estratégias de implantação do espaço físico destas universidades, tornando possível completar grande parte dos itens do banco de dados desta pesquisa.

Sobre a UFSM, destaca-se o artigo intitulado *Reproduzindo Modelos. o plano piloto do campus da Universidade Federal de Santa Maria, RS*, de Andrey Rosenthal Schlee pois correlaciona seu plano diretor com os diferentes anteprojetos elaborados por Le Corbusier e Lúcio Costa na década de 1930 para a Universidade do Brasil na cidade do Rio de Janeiro. Outra relevante referência sobre a UFSM é a dissertação de Renata Venturini Zampieri intitulada *Campus da Universidade Federal de Santa Maria: um testemunho, um fragmento*, na qual a autora apresenta o *campus* da instituição como a imagem da renovação representativa do poder público em um período de consolidação da arquitetura moderna brasileira. Em ambos os trabalhos existe uma riqueza de informações sobre as estratégias de implantação física destas universidades.

- Bibliografia referente ao segundo período de expansão:

Nesse grupo, dentre as publicações consultadas serão aqui destacadas apenas algumas, mas todas possuem grande fortuna crítica e/ou documental e muito contribuíram para este trabalho.

Carina Ebert Hamm Oliveira apresentou a dissertação em mestrado na Universidade Federal da Bahia (UFBA), intitulada *Campus Bagé – UNIPAMPA. Uma avaliação da produção dos novos espaços universitários*. Neste trabalho, a autora relata a formação da instituição. Para a realização dos *campi* da UNIPAMPA, a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) se associaram e desenvolveram, cada uma, a implantação de cinco *campi*, distribuídos de acordo com critérios de proximidade geográfica com o município sede. Coube à UFSM implantar os *campi* nos municípios de Alegrete, Itaqui, São Borja, São Gabriel e Uruguaiana; e, à UFPel, os *campi* nos municípios de Bagé, Dom Pedrito, Caçapava do Sul, Jaguarão e Santana do Livramento. Através deste trabalho, foi possível elucidar e compreender o processo de formação da universidade e a estratégia de implantação de seus *campi*.

O MEC solicitou a contribuição da Academia Brasileira de Ciências (ABC) para dar continuidade ao debate sobre a Reforma do Ensino Superior. A ABC formou um grupo de trabalho com o objetivo de preparar documentos sobre os temas propostos pelo MEC. Esse documento foi apresentado em novembro de 2004 com o título *Subsídios para a reforma da educação superior*, o qual visa à defesa da universidade pública e detalha diversas propostas que têm por objetivo promover uma educação superior comprometida com a qualidade do ensino e da produção intelectual.

O MEC tem como unidade a Secretaria de Educação Superior (SESu), que é responsável por planejar, orientar, coordenar e supervisionar o processo de formulação e implementação da Política Nacional de Educação Superior. A SESu desenvolveu um balanço das principais políticas e programas que possibilitaram o avanço da educação superior, com o título *A democratização e expansão da educação superior no país 2003 – 2014*. O órgão constitui a principal interface do Ministério com todas as universidades federais espalhadas pelo território nacional. Esse documento apresenta os resultados e ganhos obtidos durante o período analisado.

A tese de doutorado do professor e pesquisador Klaus Chaves Alberto, intitulada *Formalizando o ensino superior na década de 1960: a cidade universitária da UnB e seu projeto urbanístico*, apresentada na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), exhibe o contexto histórico de formação das universidades, dedicando, entre outros, um capítulo aos

educadores e à expansão do ensino superior no Brasil, passando pelo processo de federalização das faculdades isoladas, que foram o embrião das universidades da época.

Outros dois trabalhos que muito contribuíram para esta pesquisa foram duas dissertações apresentadas no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). O primeiro, intitulado *Rudolph Atcon, entre o educacional e o urbanístico na definição de diretrizes para campi universitários no Brasil*, de Gabriella Inhan de Souza, que investiga a atuação de Atcon no período em que o consultor viveu e trabalhou no Brasil, visando entender o pensamento deste sobre a estrutura universitária, tanto no campo educacional quanto no físico, e quanto o seu pensamento influenciou o planejamento das universidades brasileiras. O segundo intitula-se *O Programa MEC/BID III e o CEDATE na consolidação dos campi universitários no Brasil*, de Márcio de Oliveira Resende Souza. Este trabalho trata das deficiências físicas remanescentes dos *campi* universitários após a reforma educacional de 1968, através de acordos e empréstimos com o banco Interamericano, sendo o último deles, em 1980, o MEC/BID III. Dedicar também um capítulo aos anos 1970 e 1980 quando acontecem os seminários do MEC (PREMESO/CEDATE) onde ocorre a crítica revisionista ao modelo “*Campus*”.

Dessa revisão de literatura foi possível criar um panorama histórico, político e crítico dos dois períodos de estudo desta dissertação. Além disso, contribuiu para formar uma visão ampla sobre modelos distintos de implantação de equipamentos de ensino, e também como estes equipamentos se relacionam com a vizinhança, com a malha urbana, com a cidade, com a região onde está inserido. O Brasil é um país de grandes e diversificadas dimensões com regiões muito específicas em questões de cultura, topografia, clima etc., e estas especificidades são o que mais deve ser levado em consideração quando se define um programa de necessidades e o tipo de implantação destes equipamentos.

Nesse sentido, essas informações também contribuíram com dados para embasar os estudos específicos desenvolvidos no Capítulo 3.

### **1.3.2 Recorte temporal da pesquisa**

Este trabalho trata do estudo de dois períodos de expansão do ensino superior no país: décadas de 1960 e 2000. No primeiro período, foi incluído o ano de 1960, uma vez que, nesse ano, o então presidente Juscelino Kubitschek sancionou as leis de criação de oito instituições de ensino superior no país. Assim, para este estudo, o primeiro período de expansão será considerado um período de 11 anos.

Como este trabalho se baseia em um estudo comparativo entre os dois períodos de expansão do ensino superior, o segundo período incorpora o ano 2000 (no qual foi criada a Universidade Federal de Tocantins – UFT), tornando-se, assim, um estudo semelhante dos dois períodos.

### 1.3.3 Amostra de estudo: Critérios de inclusão/exclusão

O critério de inclusão de universidades neste estudo levou em conta o ano de criação e/ou federalização destas instituições. Assim, se estas universidades foram criadas ou federalizadas entre os anos de 1960 a 1970 e entre os anos 2000 e 2010 foram incluídas. Portanto, este trabalho trata de 23 mais 19 universidades, que correspondem ao primeiro e ao segundo período de expansão do ensino superior, respectivamente.

Por outro lado, o critério de exclusão foi a data de início de atividade de seus *campi*, que também devem estar dentro do recorte temporal da pesquisa, 1960 a 1970 e 2000 a 2010. Vale salientar que para este estudo, as unidades acadêmicas destas instituições nos dois recortes temporais estão sendo consideradas como *campus* independentemente de seu tamanho ou complexidade programática (Ver explicação detalhada no Tópico 2.4 - Interiorização).

Nos anos 1960 a 1970, foram excluídas 12 universidades e 17 *campi*, como pode ser visto no Quadro 3 com as universidades e os *campi* excluídos.

Quadro 3 – Universidades e *campi* excluídos da pesquisa nos anos de 1960 a 1970

ANO CRIAÇÃO	UNIVERSIDADE	CAMPUS	INÍCIO ATIV.
1960	Universidade Federal de Goiás (UFG)	Samambaia	1972
1960	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	Central	1972
1960	Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)	Dois Irmãos	1956
1962	Universidade Federal do Amazonas (UFAM)	Senador Arthur Virgílio Filho	1974
1963	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)	Seropédica	1943
1967	Universidade Federal do Piauí (UFPI)	Teresina	1971

1967	Universidade Federal do Piauí (UFPI)	<i>Campus</i> de Parnaíba	1973
1967	Universidade Federal do Sergipe (UFS)	Prof. José Aluísio de Campos	1980
1969	Universidade Federal de Pelotas (UFPel)	Unidade CAVG	1969
1969	Universidade Federal de Pelotas (UFPel)	Unidade Palma	1969
1969	Universidade Federal de Pelotas (UFPel)	Capão do Leão	1969
1969	Universidade Federal do Rio Grande (FURG)	Unidade Cidade	1957
1969	Universidade Federal de Uberlândia (UFU)	Santa Mônica	1978
1969	Universidade Federal de Uberlândia (UFU)	Unidade Educação Física	1978
1969	Universidade Federal de Uberlândia (UFU)	Unidade Umuarama	1978
1969	Universidade Federal de Viçosa (UFV)	Viçosa	1922
1970	Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)	Cuiabá	1972

Fonte: Sistema Integrado de Monitoramento, Execução e Controle/Ministério da Educação SIMEC/MEC - Adaptado pela autora, 2018.

Estas universidades criadas nos anos 1960 a 1970 foram excluídas pelos seguintes motivos:

A Universidade Federal de Goiás (UFG) foi criada em dezembro de 1960 com a reunião de cinco escolas superiores que existiam em Goiânia, as faculdades de Direito, Farmácia, Odontologia e Medicina, a Escola de Engenharia e o Conservatório de Música; mas o início das atividades de seu novo *Campus* foi em 1972 (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 2016).

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) origina-se da Universidade do Rio Grande do Norte, criada em 25 de junho de 1958, através de lei estadual, e federalizada em dezembro de 1960. Nos anos 1970, teve início a construção do *Campus* Central, que entrou em atividade somente no ano de 1972 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, 2006).

A Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) se originou da Escola Superior de Agricultura de Pernambuco (ESAP). Também originária dos monges beneditinos, a ESAP transferiu sua sede, em 1938, para o bairro Dois Irmãos, na cidade de Recife, onde se

localiza seu *campus* sede até o momento (UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO, 2010).

A Universidade Federal do Amazonas (UFAM) se originou da Universidade Livre de Manaus e foi federalizada em 1962, mas seu *campus* universitário Senador Arthur Virgílio Filho só iniciou as atividades em 1974 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, 2012).

A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) tem suas raízes na Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária (ESAMV), criada em 1910, passando por várias transformações até se configurar como Universidade Rural do Brasil em 1943. A denominação atual de Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro veio em 1965, mas seu *campus* no município de Seropédica já se encontrava em atividade desde 1943 (UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, 2010).

A Universidade Federal do Sergipe (UFS) originou-se da junção das faculdades de Química, Direito, Serviço Social, Católica de Filosofia e Ciências Médicas em 1967. A década de 1980 marca o início da transferência gradativa da universidade para suas novas instalações, no *Campus* Prof. José Aloísio também conhecido como “Cidade Universitária” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO SERGIPE, 2011).

No caso da Universidade Federal do Piauí (UFPI), a instituição foi criada em 1968 com as junções de várias faculdades isoladas, que funcionavam na cidade de Teresina, formando assim a universidade com início de atividades em 1971, o mesmo acontecendo na cidade de Parnaíba em 1973 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, 2017).

Em 1969, foi criada a Universidade de Uberlândia (UnU), que integrava seis escolas de ensino superior existentes na cidade. A partir desse ano outras faculdades foram fundadas e, em 1978, a UnU foi federalizada, passando a ser denominada Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com início das atividades em seus *campi* (UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, 2018).

A Universidade Federal de Viçosa (UFV) se originou da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), criada em 1922, que, em 1948, passou a se chamar Universidade Estadual Rural de Minas Gerais (UREMG), e, em 1969, foi federalizada, sendo denominada Universidade Federal de Viçosa. Seu *campus*, porém, já se encontrava em atividade desde 1926 (UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, 2013).

A Universidade Federal do Rio Grande (FURG), federalizada em 1961, se originou da Escola de Engenharia Industrial criada em 1955, mas como necessitava de espaço físico para seu funcionamento, adquiriu terreno e tornou urgente a construção, antes de 1960,

de seu prédio próprio, onde atualmente está instalado o *campus* Cidade da FURG (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, 2018).

A Universidade Federal de Pelotas (UFPel), apesar de pertencer ao recorte temporal da pesquisa, não se configurou como as outras universidades deste período. A UFPel, após ser federalizada, deu continuidade às atividades pedagógicas e administrativas nas edificações das faculdades isoladas federalizadas somente em 1977. Devido à grande expansão em número de cursos e de alunos, a universidade deu início à construção de seu primeiro *campus*, sem deixar de funcionar nas antigas edificações espalhadas pela área central da cidade de Pelotas. Portanto, esta instituição se destaca como um caso especial, não se enquadrando nas categorias analíticas de estudo adotadas para as demais (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, 2017).

A Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) foi criada em 1970, mas o edital para a primeira obra no *Campus* Trindade datou de 27 de agosto de 1971. Enquanto as obras do novo *campus* não ficavam prontas, a universidade funcionou nas mesmas instalações das faculdades antes do processo de federalização destas (UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO, 2016).

O mesmo critério de exclusão foi usado para as universidades dos anos 2000 a 2010. Com isso, foram excluídas 2 universidades e 2 *campi*. Segue o Quadro 4 com as universidades e os *campi* excluídos.

Quadro 4 – Universidades e *campi* excluídos da pesquisa nos anos 2000 a 2010

ANO DE CRIAÇÃO	UNIVERSIDADE	CAMPUS	INÍCIO ATIV.
2005	Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)	Dourados	1971
2005	Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)	Iturama	2015

Fonte: Sistema Integrado de Monitoramento, Execução e Controle/Ministério da Educação SIMEC/MEC - Adaptado pela autora, 2018.

Os motivos de exclusão destas instituições foram os seguintes:

A Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), apesar de ter sido criada em 2005, tinha seu único *campus* em atividade desde 1971, pois a origem da instituição veio do desmembramento do Centro Universitário de Dourados, antigo CEUD que, posteriormente, tornou-se um *campus* da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul para, finalmente, tornar-se o *campus* da UFGD (UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS, 2016).

A Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), apesar de ter sido criada em 2005, iniciou as atividades de seu *campus* na cidade de Iturama somente em 2015 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO, 2015).

Vale ressaltar que para toda esta pesquisa e para a montagem destes critérios de inclusão/exclusão foram utilizados dados fornecidos pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC).

### Universidades e *campi* selecionados para este estudo

Seguindo o critério de inclusão/exclusão exposto no item anterior, foi elaborado o Quadro 5 com a relação final das universidades e seus respectivos *campi*, que fazem parte desta pesquisa nos anos 1960-1970. No total, são **11 universidades com 17 *campi***.

Quadro 5 – Universidades e *campi* desta pesquisa nos anos de 1960 a 1970

Universidades do recorte temporal 1960 – 1970		
SIGLA	UNIVERSIDADE	CAMPI
UFAL	Universidade Federal de Alagoas	<i>Campus</i> Sede
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo	<i>Campus</i> Alaor Queiroz de Araújo – Goiabeiras Unidade Thomaz Tomazzi - Maruípe
UFF	Universidade Federal Fluminense	<i>Campus</i> Gragoatá <i>Campus</i> de Niterói-Praia Vermelha <i>Campus</i> Valonguinho
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora	<i>Campus</i> de Juiz de Fora
UFMA	Universidade Federal do Maranhão	<i>Campus</i> de São Luis (Bacanga)
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto	Unidade Morro do Cruzeiro <i>Campus</i> de Ouro Preto
UFPB	Universidade Federal da Paraíba	<i>Campus</i> de Areia <i>Campus</i> de Bananeiras <i>Campus</i> de João Pessoa
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos	<i>Campus</i> São Carlos
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina	<i>Campus</i> Reitor João David Ferreira Lima
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria	<i>Campus</i> de Santa Maria
UnB	Universidade de Brasília	<i>Campus</i> Darcy Ribeiro

Fonte: Sistema Integrado de Monitoramento, Execução e Controle/Ministério da Educação SIMEC/MEC - Adaptado pela autora, 2018.

O Quadro 6 apresenta a relação final das universidades e seus respectivos *campi* que fazem parte desta pesquisa nos anos 2000-2010. No total, são **17 universidades com 66 *campi***.

**Quadro 6 – Universidades e *campi* desta pesquisa nos anos 2000-2010**

Universidades do recorte temporal 2000–2010		
<b>SIGLA</b>	<b>UNIVERSIDADE</b>	<b>CAMPI</b>
<b>UFABC</b>	Universidade Federal do ABC	<i>Campus</i> Santo André <i>Campus</i> São Bernardo do Campo
<b>UFMG</b>	Universidade Federal de Campina Grande	<i>Campus</i> de Cajazeiras <i>Campus</i> de Campina Grande <i>Campus</i> de Cuité <i>Campus</i> de Patos <i>Campus</i> de Pombal <i>Campus</i> de Sousa <i>Campus</i> de Sumé
<b>UFERSA</b>	Universidade Federal Rural do Semi-Árido	<i>Campus</i> de Angicos <i>Campus</i> Caraúbas
<b>UFFS</b>	Universidade Federal da Fronteira Sul	<i>Campus</i> de Cerro Largo <i>Campus</i> de Chapecó <i>Campus</i> de Erechim <i>Campus</i> de Laranjeiras do Sul <i>Campus</i> de Realeza
<b>UFOPA</b>	Universidade Federal do Oeste do Pará	<i>Campus</i> de Santarém
<b>UFRA</b>	Universidade Federal Rural da Amazônia	<i>Campus</i> de Belém <i>Campus</i> de Capitão Poço <i>Campus</i> de Paragominas <i>Campus</i> de Parauapebas
<b>UFRB</b>	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia	<i>Campus</i> de Amargosa <i>Campus</i> de Cachoeira <i>Campus</i> de Santo Antônio de Jesus
<b>UFSJ</b>	Universidade Federal de São João del-Rei	<i>Campus</i> Alto Paraopeba - Ouro Branco <i>Campus</i> Centro-Oeste Dona Lindu Unidade Dom Bosco <i>Campus</i> Santo Antônio <i>Campus</i> de Sete Lagoas Unidade Tancredo Neves
<b>UFT</b>	Universidade Federal do Tocantins	<i>Campus</i> de Araguaína – CIMBA <i>Campus</i> de Arraias <i>Campus</i> de Gurupi <i>Campus</i> de Miracema 1 <i>Campus</i> de Palmas <i>Campus</i> de Porto Nacional <i>Campus</i> de Tocantinópolis (Centro)
<b>UFVJM</b>	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri	<i>Campus</i> JK <i>Campus</i> Mucuri
<b>UNIFAL</b>	Universidade Federal de Alfenas	<i>Campus</i> Poços de Caldas <i>Campus</i> Varginha
<b>UNIFEI</b>	Universidade Federal de Itajubá	<i>Campus</i> de Itabira <i>Campus</i> Prof. José Rodrigues Seabra
<b>UNILA</b>	Universidade Federal da Integração Latino-Americana	<i>Campus</i> de Foz do Iguaçu
<b>UNILAB</b>	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira	<i>Campus</i> Auroras <i>Campus</i> da Liberdade <i>Campus</i> Palmares
<b>UNIPAMPA</b>	Universidade Federal do Pampa	<i>Campus</i> Alegrete <i>Campus</i> Bagé

		<i>Campus</i> Caçapava do Sul <i>Campus</i> Dom Pedrito <i>Campus</i> Itaqui <i>Campus</i> Jaguarão <i>Campus</i> Sant' Ana do Livramento <i>Campus</i> São Borja <i>Campus</i> São Gabriel <i>Campus</i> Uruguaiana
<b>UNIVASF</b>	Universidade Federal do Vale do São Francisco	Unidade Ciências Agrárias <i>Campus</i> Juazeiro <i>Campus</i> Petrolina Centro <i>Campus</i> São Raimundo Nonato <i>Campus</i> Senhor do Bonfim
<b>UTFPR</b>	Universidade Tecnológica Federal do Paraná	<i>Campus</i> Apucarana <i>Campus</i> de Francisco Beltrão <i>Campus</i> de Londrina <i>Campus</i> de Toledo

Fonte: Sistema Integrado de Monitoramento, Execução e Controle/Ministério da Educação SIMEC/MEC - Adaptado pela autora, 2018.

### 1.3.4 Coleta de dados

Todos os dados coletados foram sistematizados em uma planilha em formato Excel que foi organizada a partir das categorias definidas para embasar o estudo proposto. Esta planilha foi armazenada no banco de dados do grupo de pesquisas *Ágora*, como já descrito. Para uma melhor visualização e entendimento, a planilha Excel foi sintetizada e vai ser apresentado o exemplo de estudo de um *campus* no tópico 1.3.5, no Quadro 7, com o título: Ficha descritiva dos *campi*.

A coleta dos dados desta pesquisa foi iniciada a partir da consulta às informações no site do Ministério da Educação (MEC) - Secretaria de Educação Superior (SESu) - Diretoria de Desenvolvimento da Rede de IFES (DIFES)<sup>9</sup>, que fornece dados de todas as universidades no Brasil desde 1920. Dessa base, foram retiradas as seguintes informações: nome das universidades e dos *campi*, cidades em que se encontram, estado, data de início de atividades das universidades e dos *campi*.

Na intenção de complementar e coletar informações e embasar os estudos, outras fontes também foram consultadas, tais como: os órgãos governamentais responsáveis pelo Ensino Superior no Brasil, MEC/INEP e IBGE, e o site das universidades, em busca de informações sobre a história destas instituições para averiguar a condição de sua criação. Assim, verificou-se se estas universidades foram criadas sem vínculo anterior ou se nasceram

<sup>9</sup> Órgão subordinado à Secretaria de Educação Superior (SESu), responsável pelo desenvolvimento das instituições federais de ensino superior.

a partir de instituições já existentes por meio de federalizações. Determinou-se ainda quais eram as suas condições anteriores, quais os presidentes responsáveis por estas federalizações e em quais anos foram assinados os decretados de sua formação.

Com base nesta planilha e no recorte temporal desta pesquisa foram determinados os critérios de inclusão/exclusão descritos no Tópico 1.3.3.

### **Universidades anos 1960 a 1970**

Os dados referentes às universidades dos anos 1960 até 1970 foram coletados a partir de teses, dissertações e artigos já que existe uma fortuna crítica desse período. Para complementar esses dados também foi feita uma busca nos acervos bibliográficos, nos sites e nos escritórios técnicos destas instituições, em busca de mais referências bibliográficas referentes a história de formação das universidades, fotos da construção de seus *campi* e planos diretores.

Vale ressaltar que não foi possível levantar dados de todos os tópicos de estudo dos *campi* do recorte temporal dos anos 1960-1970, pois muito do material levantado refere-se somente aos *campi* principais; no entanto, o estudo dessa pesquisa inclui também *campi* secundários ou unidades acadêmicas isoladas.

### **Universidades anos 2000 a 2010**

Como a expansão recente ainda não apresenta estudos suficientes na área acadêmica, portanto não dispõem de bibliografia específica de forma que seja possível montar um acervo, a coleta de dados dos anos de 2000-2010 foi feita nas fontes primárias, ou seja, nos acervos técnicos das próprias universidades que, numa intenção colaborativa, enviaram ao grupo de pesquisas *Ágora* os planos de implantação e os projetos das edificações de seus *campi*. Essa coleta de dados direta nas fontes foi necessária e produtiva, pois além da documentação específica, muitas instituições forneceram registro fotográfico de fases de implantação e obras de seus edifícios, para compor o acervo desta pesquisa.

Com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) foram realizadas seis visitas técnicas às seguintes instituições: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e a Universidade Federal da Bahia (UFBA). Esta última, apesar de não fazer parte da pesquisa, nas investigações realizadas pela autora, houve a identificação de que os projetos iniciais dos *campi* da UFRB foram desenvolvidos pela UFBA, o que justifica a visita a esta instituição.

Estas visitas se realizaram com o intuito de fortalecer os laços de colaboração, coletar material iconográfico, pesquisar *in loco* os *campi* universitários da recente expansão.

Ainda foram realizadas entrevistas por meio de um questionário enviado por e-mail aos planejadores dos novos *campi* universitários (vide modelo do questionário no Apêndice 1). Para a realização destas entrevistas fez-se necessário à aprovação do comitê de ética da Universidade Federal de Juiz de Fora. Esta aprovação está registrada sob o documento CAAE: 88614218.7.0000.5147, Parecer nº 2.713.743 (Vide Anexo 1).

Todo material fornecido pelas universidades, corpo técnico e planejadores estão armazenados no banco de dados do Grupo de Pesquisas Ágora.

### **1.3.5 Estruturação do banco de dados desta pesquisa**

Para se iniciar os estudos foram montadas duas planilhas Excel para armazenar os dados coletados das cidades onde os *campi* dos dois períodos analisados foram implantados. As planilhas são separadas por recorte temporal, a primeira contém os dados das universidades e *campi* do recorte 1960-1970 e a segunda planilha possui os dados do recorte 2000-2010. As primeiras colunas de informações dizem respeito às cidades. São elas: número de habitantes, densidade demográfica, PIB, IDH e área urbana das cidades (em metro quadrado).

As colunas posteriores representam as categorias analíticas dos *campi* – vide capítulo 2. O Quadro 7 contém o exemplo de uma linha da planilha Excel compilada (para uma melhor visualização e entendimento) da análise de todos os tópicos aplicada na Universidade Federal do ABC - UFABC, *campus* Santo André.

Estas planilhas possuem um grande número de dados levantados sobre os *campi* estudados. Nem todos os dados foram incluídos neste trabalho, no entanto, esta diversidade de informações contribuiu para embasar a decisão sobre as categorias de análise utilizadas nesta dissertação. Naturalmente, apenas foram criadas categorias de análise que tiveram dados suficientes para permitir a comparação nos dois períodos de estudo.

Quadro 7 – Ficha descritiva dos *campi*

<b>NOME DA UNIVERSIDADE:</b> Universidade Federal do ABC (UFABC) <b>NOME DO CAMPUS:</b> Santo André <b>CIDADE, ESTADO:</b> Santo André – SP <b>AUTOR DO PROJETO:</b> Escritório <b>ÁREA DO CAMPUS:</b> 76.951,86 m <sup>2</sup> <b>Libeskindllovet</b> <b>DIST. AO CENTRO DA CIDADE:</b> 3,00 km <b>DIST. À CAPITAL DO ESTADO:</b> 21,4 km				
CATEGORIAS	SIM	NÃO	DESCRIÇÃO	LOCALIZAÇÃO
<b>Acessos</b>	x		Quantidade: 7	Acessos distribuídos envolta do <i>campus</i> .
<b>Sistema viário</b>				Além do arruamento ao redor do terreno, uma via interna divide o <i>campus</i> em duas partes.
Arruamento em torno dos setores	x			
Arruamento interno aos setores	x			
<b>Setorização</b>				Setor esportivo, setor acadêmico, centro cultural, RU e praças.
Por atividade acadêmica	x			
Bloco único		x		
Bloco separado	x			
Adaptado de escola municipal ou estadual		x		
<b>Conectividade</b>				
Conectado / Isolado			Isolado	
Coeso / Fragmentado			Coeso	
<b>Áreas de expansão</b>		x		
<b>Cinturão verde</b>		x		
<b>Biblioteca</b>	x			No bloco do setor acadêmico.
Integrada ao bloco acadêmico	x			
Centro do <i>campus</i> , acessível a todos?	x			
<b>Restaurante Universitário</b>	x			
Integrado a algum setor		x		Periferia do <i>campus</i> .
<b>Convivência</b>	x			Praças distribuídas pelo <i>campus</i> .
Integrada a algum setor		x		
<b>Praça cívica</b>	x			
Integrada a algum setor				
<b>Moradia estudantil</b>			Quantidade de quartos ou n° alunos ou m <sup>2</sup> :	
Dentro do <i>campus</i>		x		
Entrada Independente				
<b>Setor esportivo</b>	x		Completo	
Periferia do terreno	x			Periferia próximo a 3 acessos
Próximo a acessos	x			
Fundos do <i>campus</i>		x		
<b>Outro espaço não acadêmico</b>	x		Qual? Bloco Cultural.	Fácil acesso, periferia do <i>campus</i> .
<b>Administração</b>	x			
Periferia <i>campus</i> ; próximo Acesso?		x		
Periferia <i>campus</i> ; longe		x		

acesso?				
Interno; longe acesso?	x			
<b>Verticalização</b>	Até 3 pavimentos ( )	Até 6 pavimentos ( )	Acima de 6 pavimentos ( x )	

Fonte: Escritório técnico das universidades - Adaptado por Fabíola Cordeiro, 2018.

### 1.3.6 Categorias de análises

Para esta pesquisa adotou-se seis categorias analíticas para se estudar e entender a implantação física dos *campi* universitários. Estas categorias foram criadas a partir da revisão de literatura e resultaram também dos objetivos iniciais desta investigação e dos limites impostos pela perspectiva comparada que foi adotada para este estudo.

As três primeiras categorias que se referem às distâncias dos *campi* ao centro das cidades, as capitais de estado e a área dos *campi* retratam fatores fundamentais para a compreensão das consonâncias e dissonâncias entre os dois períodos de expansão e embasam o estudo do processo de interiorização.

A quarta categoria aborda o processo de interiorização das novas universidades e, conseqüentemente, dos novos *campi* universitários brasileiros. Este processo se destaca como uma das características mais marcantes da recente expansão.

A quinta categoria que trata da vocação dos *campi*, foi desenvolvida a partir dos estudos e entendimento do processo de formação das novas universidades e de seus *campi*.

Naturalmente, outras categorias podem ser criadas a partir do banco de dados existente, mas, dentro do limite de uma dissertação, considera-se que os itens abaixo já fornecem um panorama inédito do estudo dos *campi* contemporâneos no Brasil. A seguir, as categorias de análise desenvolvidas neste trabalho:

- 1) Distância dos *campi* em relação ao centro das cidades;
- 2) Distância dos *campi* em relação às capitais de estado;
- 3) Área dos *campi*;
- 4) Interiorização;
- 5) Vocações dos *campi*;
- 6) Autorias dos projetos.

## 1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Este trabalho se divide em três capítulos.

O **Capítulo 1 – Introdução** – Apresenta, contextualiza e justifica o tema do conhecimento, do ensino e do surgimento das universidades no Brasil. O capítulo ainda traz os objetivos demarcando as lacunas e os métodos aplicados, assim como a amostra final das universidades e *campi* que fazem parte desta pesquisa. Na primeira amostra, são 11 universidades e 17 *campi* e, na segunda amostra, são 17 universidades e 66 *campi*.

O **Capítulo 2 - Categorias analíticas para o estudo dos *campi* universitários contemporâneos no Brasil** – Apresenta as seis categorias de estudo comparativas de desenvolvimento desta pesquisa. Estas categorias resultam da revisão de literatura, dos objetivos iniciais e dos dados coletados e disponibilizados para estudo.

O **Capítulo 3 - Estudo comparativo da produção dos dois períodos de expansão dos *campi* universitários brasileiros** – Apresenta o estudo comparativo tomando como referência a expansão do ensino superior público ocorrido no Brasil entre os anos 1960-1970, com a segunda expansão ocorrida entre os anos 2000-2010. Este estudo aborda todas as seis categorias apresentadas no Capítulo 2, e se aplica a todas as universidades e *campi* que fazem parte da linha desta pesquisa.

## 2 CATEGORIAS ANALÍTICAS PARA O ESTUDO DOS *CAMPI* UNIVERSITÁRIOS CONTEMPORÂNEOS NO BRASIL

Neste capítulo, serão apresentadas as seis categorias de análise utilizadas nesta pesquisa. A estruturação física das universidades do primeiro período de expansão 1960-1970 tornou-se referência para a compreensão dos rumos tomados nos anos 2000-2010. No entanto, merece destaque que algumas características dos *campi* dos anos 2000-10, que nos anos 1960-70 não eram relevantes, também se configuraram como categorias de análise por conta da sua importância para permitir uma perspectiva comparada dos dois períodos. Com isso, pretende-se avaliar quanto o modelo adotado em meados do século XX foi seguido no início do século XXI. As consonâncias e as divergências entre os dois períodos podem apontar rupturas e descontinuidades nas estratégias de implantação física das universidades federais no Brasil.

### 2.1 DISTÂNCIAS DOS *CAMPI* EM RELAÇÃO AO CENTRO DAS CIDADES

De acordo com o pesquisador norte-americano Paul Venable Turner, o primeiro *college* da América do Norte foi fundado em 1618 pela “*Virginia Company of London*” nas matas da região de Henrico. Em meados do século XVIII, os educadores optavam pela inserção rural das escolas por uma desconfiança das cidades, que eram vistas como centro de irreligião e discórdia, e por uma atração pela suposta pureza da natureza, considerada como ideal para o aprendizado (TURNER, 1987, p. 18).

Esses ideais americanos se concretizaram em projetos de universidades implantadas apartadas dos centros urbanos, com uma influência forte do movimento “*city beautiful*” com suas ruas e jardins traçados à maneira “*beaux-arts*” (CALDERARI, 2017, p. 169).

O modelo do *campus* universitário americano veio se consolidando desde então e se tornou um símbolo de modernidade e de desenvolvimento das grandes cidades em diferentes contextos geográficos (CALDERARI, 2017, p. 169). Neste sentido, o Brasil adotou o modelo “*campus* universitário” em seu primeiro período de expansão do ensino superior para as várias universidades criadas no momento. Portanto, o local de implantação dos novos *campi* e a distância destes até o centro da cidade torna-se um ponto importante de estudo neste trabalho para averiguar como os planejadores da expansão recente estão posicionando estes equipamentos em relação a esta questão.

A relação entre os *campi* e as áreas centrais das cidades nas quais estes foram implantados será estudada nesta pesquisa a partir do levantamento das distâncias entre estes dois polos. Para isso foram criadas categorias de análise tendo como base 1 km - percurso confortável para ser percorrido a pé segundo Malatesta<sup>10</sup> (2007, pg. 93) e, posterior a esta, foi fixada as outras quatro categorias em quilômetros que, provavelmente, necessitam de outros modais de transporte para serem percorridos. O Quadro 8 apresenta as categorias de análise do *campus* ao centro das cidades.

Quadro 8 – Categorias de análise das distâncias *campus*/centro da cidade

Categorias - distâncias <i>campus</i> /centro da cidade					
Distâncias	Até 1 km	Acima de 1 até 3 km	Acima de 3 até 5 km	Acima de 5 até 10 km	Mais de 10 km

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Para os *campi*, foi considerado ponto central, locais representativos da instituição como bibliotecas ou administração. Para a cidade, foi considerado como ponto central, locais públicos representativos tais como prefeitura ou igreja matriz ou catedral metropolitana ou praças centrais. Vale ressaltar que para mensurar estas distâncias foi utilizado o aplicativo Google Maps no modo de transporte “veículo”<sup>11</sup>.

## 2.2 DISTÂNCIAS DOS *CAMPI* EM RELAÇÃO ÀS CAPITALIS DE ESTADO

Outra categoria de estudo de distância proposta neste estudo é a distância regional dos *campi*. Para isso foram levantadas as distâncias entre os *campi* e a capital dos seus estados. Foram criadas cinco categorias de análise medidas em quilômetros. Nos *campi* e nas cidades, foram considerados os mesmos pontos usados para medir as distâncias ao centro da cidade. As universidades implantadas nas capitais de estado estão identificadas como “na capital”. Este estudo possibilita verificar o quanto estes *campi* de fato se afastaram dos grandes centros urbanos, e embasa o estudo do processo de interiorização nos Tópicos 2.4 e 3.4 deste trabalho. O Quadro 9 identifica as categorias de análise.

<sup>10</sup> De acordo com Malatesta, em São Paulo e Rio de Janeiro, a adoção pelo modo caminhada é em sua maioria por motivos escolares, ou seja, os estudantes optam por ir à escola caminhando, e o percurso varia de 750m até 1000m, ou seja, 1 km Malatesta (2007, pg. 93).

<sup>11</sup> Inicialmente, tentou-se a opção “transporte público”, no entanto, essa opção não estava disponível para todos os *campi* analisados.

Quadro 9 – Categorias de análises *campus*/capital do estado

Categorias - distâncias <i>campus</i> /capital do estado					
Distâncias	Na capital	Até 100 km	Acima de 100 até 300 km	Acima de 300 até 500 km	Mais de 500 km

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

### 2.3 ÁREAS DOS CAMPI

Segundo Turner (1987), além da inovação dos americanos na maneira de implantar os edifícios no *campus*, rejeitando a tradição europeia dos claustros, eles também inovaram planejando o *campus* em grandes extensões de terra, com a intenção de se construir uma pequena comunidade voltada para o ensino.

Conforme Buffa e Pinto (2009, p. 36-7), os *campi* norte-americanos buscavam amplas glebas de terra, arborizadas, com disponibilidade de recursos hídricos para se formar lagos, entre outros elementos naturais, remetendo a uma espacialidade rural. Para tanto, a sua localização fora dos centros urbanos era necessária e ideal.

Portanto, a área dos *campi* se configura um importante tópico de análise. Nela, pode-se averiguar a reincidência ou não do modelo *Campus* implantado em amplas glebas de terra formando uma universidade/parque.

Nesta etapa de estudo, foram criadas cinco categorias para analisar a área dos *campi*. Como referência foi adotada uma área de 500 hectares,<sup>12</sup> pois esta foi a área definida por Rudolph Atcon em seu Manual como adequada para um *campus* no Brasil. A partir desta, foram criadas quatro categorias inferiores à 5.000.000 m<sup>2</sup>, pois percebeu-se que a maioria dos *campi* possuía uma extensão territorial inferior à sugerida pelo consultor norte-americano. Segue o Quadro 10 com as categorias analíticas criadas para o estudo das áreas dos *campi*.

Quadro 10 – Categorias de análises das áreas dos *campi*

Categorias - Áreas dos <i>campi</i>					
Hectare	Até 30ha	Acima de 30 até 100ha	Acima de 100 até 300ha	Acima de 300 até 500ha	Acima de 500ha
M <sup>2</sup>	300.000 m <sup>2</sup>	300.000 até 1.000.000 m <sup>2</sup>	1.000.000 até 3.000.000 m <sup>2</sup>	3.000.000 até 5.000.000 m <sup>2</sup>	acima de 5.000.000 de m <sup>2</sup>

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

<sup>12</sup> 500 hectares convertidos em metros quadrados são 5.000.000 de metros quadrados.

## 2.4 INTERIORIZAÇÃO

De acordo com Pereira e Silva (2010), as universidades brasileiras cujo acesso era restrito a grupos da população considerados privilegiados e elitizados, a partir dos anos 2000 começam a se modificar com o surgimento de políticas públicas que se intensificam no governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003 a 2010), o qual promoveu o aumento ao acesso da população menos favorecida ao ensino superior e a expansão das universidades por meios de programas como o Programa Universidade para Todos (Prouni)<sup>13</sup>, Universidade Aberta do Brasil (UAB)<sup>14</sup> e Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni)<sup>15</sup>.

Vale destacar dois entre outros princípios que também embasaram essa recente expansão da estrutura universitária no Brasil e foram explicitados no documento “A democratização e expansão da educação superior no país 2003-2014”, que constituiu um balanço do período feito pela SESu (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR, 2014).

Um dos primeiros princípios definidos pela SESu foi a **interiorização**. O governo federal considerava que o ensino superior está diretamente ligado ao desenvolvimento de uma região. A criação de universidades no interior do país, portanto, ajudaria a combater o desequilíbrio no desenvolvimento regional, na medida em que os egressos do ensino médio poderiam permanecer em sua região, onde haveria a oferta da educação superior e a região ganharia com a oportunidade de fixar profissionais qualificados. Esse princípio está diretamente atrelado à proposta de **expansão da oferta**, que permite melhorar a distribuição da oferta de vagas pelas cinco regiões do país e desconcentrar a educação superior do eixo Sul-Sudeste.

Para estudo do processo de interiorização foram adotados alguns critérios e refinamentos de informações que serão descritos a seguir.

Para avaliar as instituições quanto à sua formação foi adotado o seguinte critério: **Campus** ou **Multicampi**. O termo *Campus* vai ser utilizado para as instituições que foram criadas com apenas um *campus* e que não desenvolveram novos *campi* até 5 anos após sua

---

<sup>13</sup> É um programa do MEC, criado em 2004, que oferece bolsas de estudo a estudantes brasileiros, sem diploma de nível superior, para cursos de graduação, em instituições de educação superior privadas.

<sup>14</sup> Universidade Aberta do Brasil - UAB - é um programa do Ministério da Educação, criado em 2005, no âmbito do Fórum das Estatais pela Educação e possui como prioridade a capacitação de professores da educação básica. Seu objetivo é estimular a articulação e a integração de um sistema nacional de educação superior. Para isto a UAB não propõe a criação de uma nova instituição de ensino, mas sim, a articulação das já existentes.

<sup>15</sup> Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que tem como principal objetivo ampliar o acesso e a permanência na educação superior. O governo federal adotou uma série de medidas para retomar o crescimento do ensino superior público, criando condições para que as universidades federais promovam a expansão física, acadêmica e pedagógica da rede federal de educação superior.

criação, e o termo *Multicampi* será utilizado para as universidades que já foram criadas com mais de um *campus* e também para aquelas que tiveram a inclusão de novos *campi* até 5 anos após a data de sua criação ou a data do início de atividades do primeiro *campus*. Nesse sentido, entende-se aqui que as instituições que possuíam mais de um espaço físico destinado ao ensino, no caso as unidades acadêmicas, serão computadas na contagem *Multicampi*.

Esse estudo verifica como veio se configurando a adoção dos dois modelos ao longo da história das universidades no Brasil. Além disso, procurou-se averiguar qual dos modelos prevaleceu nos dois períodos de expansão.

A estratégia de espacialização das universidades federais em diversos *campi* universitários pulveriza a distribuição pelo território nacional e, por consequência, o acesso a esses espaços.

Para um refinamento do estudo do processo de interiorização destes *campi*, foram feitos estudos quanto ao porte das cidades que os receberam nos anos 1960-1970 e 2000-2010. Para um melhor entendimento da classificação das cidades em relação ao porte, foi feita uma busca sobre as definições que levam as cidades a essa classificação.

Stamm et al. (2013, p. 252) definem as cidades de pequeno porte como centros mediadores do comércio local. As cidades de médio porte seriam aquelas que além de possuir as características das de pequeno porte, conseguem suprir as demandas de produtos e serviços não ofertados pelas pequenas e também apresentam uma economia e comércio mais fortes. Já as cidades de grande porte possuem um volume populacional muito maior que as anteriores, com mancha de ocupação semelhante à de uma conurbação, elas também se caracterizam por serem as grandes polarizadoras dos centros médios.

Ainda de acordo com Stamm et al. (2013, p. 254), após a década de 1950, devido ao processo de industrialização da economia, que levou a uma intensa migração do campo para as cidades, o chamado “êxodo rural”, ampliou-se o número de cidades brasileiras de porte médio, “num contexto de redefinição do porte dos núcleos urbanos nacionais”.

Nos anos 1960, ainda com o grande desenvolvimento das indústrias e a constatare urbanização das cidades, aconteceu a criação das metrópoles brasileiras, que efetivamente se institucionalizaram na década de 1970 (STAMM et al., 2013, p. 254).

Segundo Amorim Filho et al. (1982, p. 35) e Stamm et al. (2013, p. 252), o critério mais utilizado para se classificar as cidades se baseia no tamanho demográfico. Ainda de acordo com Stamm et al. (2013, p. 252), “as cidades brasileiras de porte médio são os municípios cuja população urbana situava-se entre 100 mil a 500 mil habitantes, presentes nos Censos Demográficos de 1970 e 2010”.

Portanto, para este trabalho, optou-se por utilizar o critério de classificação baseado no tamanho demográfico das cidades e o ano de 1970 e 2010 para a coleta de dados sobre o número de habitantes nas cidades onde estão implantados os *campi* universitários nos dois períodos de expansão. Para os dois períodos estudados nesta pesquisa o critério de classificação das cidades quanto ao porte será o mesmo utilizado por Stamm et al. (2013), ou seja, cidades de pequeno porte até 100.000 hab., de 100.000 a 500.000 hab., cidade de médio porte e para as cidades de grande porte acima de 500.000 hab.

Este estudo também contemplou a distribuição das universidades pelas cinco regiões federativas do país, relacionando-as com o número de habitantes de cada região, possibilitando obter um panorama histórico destas instituições nos dois períodos estudados.

## 2.5 VOCAÇÕES DOS *CAMPI*

Na expansão ocorrida nos anos 1960-1970, a grande maioria das universidades federais se instalou nas periferias das cidades de médio e grande porte, em grandes glebas de terra formando uma universidade/parque. Estas instituições ofereciam à população uma ampla gama de cursos em diversas áreas do conhecimento e, em sua quase totalidade, possuíam um único e grande *campus*. O que ocorreu na maioria dos casos foi o funcionamento por um determinado tempo das unidades acadêmicas ainda existentes no coração das cidades quando o novo *campus* entrava em operação, até que todas essas unidades se deslocassem definitivamente para o *campus*. Esse foi o modelo seguido pela maior parte das universidades daquele período.

Nos estudos da expansão recente ocorrida entre os anos 2000-2010, o processo de formação das novas universidades e de seus *campi* se apresentou de uma maneira bem diferente, as novas universidades se instalaram em glebas de terra de tamanho bastante inferior e algumas destas detêm um número considerável de *campi* sob sua responsabilidade.

No Capítulo 3, Tópico 3.5 deste trabalho, será aprofundado o estudo da formação destas instituições quanto à vocação de seus *campi* para compreender como estão se configurando as novas universidades no território nacional.

## 2.6 AUTORIAS DOS PROJETOS

Quanto aos projetos das universidades, o engenheiro e consultor Rudolph Atcon defende em seu manual (divulgado na década de 1960) a contratação de um urbanista especialista em projetos de espaços universitários, mas também afirma que encontrar esse profissional não é tarefa fácil devido à escassez de pessoal com experiência nesta área. Atcon ainda ressalta que este profissional deve atender às necessidades da instituição e não “buscar a glória pessoal através do projeto.” Afirmado também que esta seria uma das principais razões que levam a universidade a desistir da contratação do urbanista, passando ela mesma a assumir, juntamente com seu quadro técnico, essa função (ATCON, 1970, p. 28 e 29).

Para estudar as universidades quanto à autoria de seus projetos, foi criada duas categorias de análise, projetos desenvolvidos pelo corpo técnico da universidade e projetos desenvolvidos por escritórios independentes, conforme o Quadro 11.

Quadro 11 – Categoria autoria dos projetos

Categoria – autoria dos projetos
Corpo técnico
Escritórios e/ou profissionais independentes

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

### 3 ESTUDO COMPARATIVO DA PRODUÇÃO DOS DOIS PERÍODOS DE EXPANSÃO DOS *CAMPI* UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS

Neste capítulo, serão apresentados os dados das universidades e de seus *campi* nos anos 1960-1970, fazendo um estudo comparativo com as universidades e os *campi* dos anos 2000-2010, baseados nas categorias analíticas descritas nos Métodos deste trabalho.

Como em algumas universidades (dos dois recortes) não foi possível encontrar todas as informações de um mesmo *campus* de todas as seis categorias de análise, para uma melhor percepção do quantitativo de *campi* estudado, vão-se apresentar quadros com o percentual dos *campi* estudados nos dois períodos em cada categoria analítica.

#### 3.1 DISTÂNCIAS DOS *CAMPI* EM RELAÇÃO AO CENTRO DAS CIDADES

No primeiro período de expansão do ensino superior público, o Brasil ficou reconhecido por ter seguido o modelo de implantação de *campus* apartado da cidade, por forte influência exercida dos técnicos americanos sobre os planejadores e intelectuais brasileiros. No entanto, esse afastamento dos centros das cidades ainda carece de um estudo que permita uma comparação entre os *campi* criados no primeiro período e também entre os dois períodos estudados. Assim, tanto para a primeira quanto para a segunda expansão, os estudos necessitam aprofundar nos motivos pelos quais (e estes envolvem inúmeros fatores) estes *campi* se afastam ou se aproximam dos centros urbanos.

Para o segundo período de expansão entre os anos 2000-2010, este estudo vai apresentar as distâncias dos novos *campi* em relação ao centro das cidades onde foram inseridos, para permitir análises comparativas mais densas.

Para se alcançar uma percepção do quantitativo de *campi* estudado em relação à distância destes ao centro das cidades, o Quadro 12 identifica este percentual nos dois períodos estudados nesta categoria.

Quadro 12 – Percentual de estudo dos *campi*/centro da cidade

Distância ao centro da cidade			
	Total de <i>campi</i>	Total de <i>campi</i> estudados nessa categoria	Percentual
1960 – 1970	17	17	100%
2000 – 2010	66	66	100%

Fonte: Elaborado por Fabíola Cordeiro, 2018.

Os dados levantados revelam que das universidades pertencentes ao primeiro recorte temporal (1960-1970) desta pesquisa, somente dois dos 17 *campi* foram implantados até 1 km de distância do centro da cidade. Ambos são *campi* da Universidade Federal Fluminense (UFF) de Valonguinho e Gragoatá. O Quadro 13 apresenta as distâncias de todos os *campi* deste recorte ao centro das cidades onde foram implantados.

Quadro 13 – Distância dos *campi* até o centro das cidades

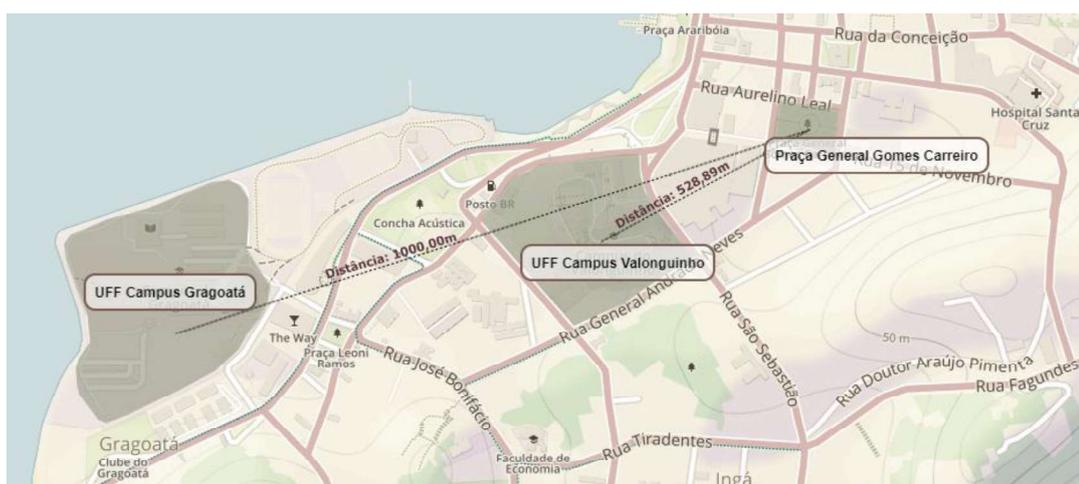
DISTÂNCIA DOS <i>CAMPI</i> AO CENTRO DA CIDADE 1960-1970				
CATEGORIAS	DISTÂNCIA (km)	UNIVERSIDADE	<i>CAMPUS</i>	CIDADE
Até 1 Km 2 <i>CAMPI</i>	< 1	Universidade Federal Fluminense (UFF)	Gragoatá	Niterói
	< 1	Universidade Federal Fluminense (UFF)	Valonguinho	Niterói
Acima de 1 até 3 km 4 <i>CAMPI</i>	1,58	Universidade Federal Fluminense (UFF)	Praia Vermelha	Niterói
	1,6	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	Areia	Areia
	2,1	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	Bananeiras	Bananeiras
	2,6	Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)	Unidade Morro do Cruzeiro	Ouro Preto
Acima de 3 até 5 km 3 <i>CAMPI</i>	3,5	Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)	Ouro Preto	Ouro Preto
	4,6	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Reitor João David Ferreira Lima	Florianópolis
	4,7	Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)	São Carlos	São Carlos
Acima de 5 até 10 km 6 <i>CAMPI</i>	5,1	Universidade Federal do Maranhão (UFMA)	São Luís (Bacanga)	São Luís
	5,5	Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	Unidade Thomaz Tomazzi	Vitória
	5,5	Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)	Juiz de Fora	Juiz de Fora
	6	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	João Pessoa	João Pessoa
	6,5	Universidade de Brasília (UnB)	Darcy Ribeiro	Brasília
	10	Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)	Santa Maria	Santa Maria

Mais de 10 km	10,3	Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	Alaor Queiroz de Araújo	Vitória
2 <i>CAMPI</i>	16	Universidade Federal de Alagoas (UFAL)	<i>Campus Sede</i>	Maceió

Fonte: Google Maps - Adaptado por Fabíola Cordeiro, 2018.

A Figura 1 a seguir identifica a localização dos dois *campi* na cidade de Niterói.

Figura 1 – Localização dos *campi* Valonguinho e Gragoatá (UFF) na cidade de Niterói/RJ.



Fonte: <https://www.scribblemaps.com/> - Adaptado por Fabíola Cordeiro (sem escala), 2018.

Acima de 1 e até 3 km de distância do centro das cidades, o que não configura um grande percurso, quatro *campi* da expansão anterior foram implantados. Acima de 3 km, se encontram 11 dos 17 *campi* desta expansão. De uma maneira geral, as universidades criadas neste período seguiram o modelo vigente no momento, como pôde ser constatado no Quadro 13.

O Quadro 14 identifica que somente cinco dos 66 *campi* da nova expansão ocorrida nos anos 2000-2010 se instalaram até 1 km do centro das cidades. São os *campi* de Sant' Ana do Livramento da UNIPAMPA, instalado em uma edificação adaptada de uma antiga escola estadual na cidade de Santana do Livramento - RS; o *campus* de Cachoeira da UFRB na cidade de mesmo nome no estado da Bahia; o *campus* Santo Antônio da UFSJ, também adaptado no antigo Colégio Santo Antônio na cidade de São João Del-Rey - MG, edificação tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN); o *campus* Tocantinópolis da UFT, implantado na cidade de mesmo no estado do Tocantins, também instalado em uma antiga escola estadual. O mesmo caso se repete no *campus* Liberdade da UNILAB, na cidade de Redenção - CE, implantado em uma escola estadual adaptada para receber o *campus*.

Quadro 14 – Distância dos *campi* até o centro das cidades

DISTÂNCIA DOS <i>CAMPI</i> AO CENTRO DA CIDADE 2000-2010				
CATEGORIAS	DISTÂNCIA (km)	UNIVERSIDADE	<i>CAMPUS</i>	CIDADE
Até 1 Km  5 <i>CAMPI</i>	< 1	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	Sant' Ana do Livramento	Santana do Livramento
	< 1	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)	Cachoeira	Cachoeira
	< 1	Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)	Santo Antônio	São João del-Rei
	< 1	Universidade Federal do Tocantins (UFT)	Tocantinópolis (Centro)	Tocantinópolis
	< 1	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)	Liberdade	Redenção
Acima de 1 até 3 km  27 <i>CAMPI</i>	1,3	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	Caçapava do Sul	Caçapava do Sul
	1,4	Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	Cuité	Cuité
	1,5	Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	Pombal	Pombal
	1,5	Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)	Senhor do Bonfim	Senhor do Bonfim
	1,5	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)	Palmares	Acarape
	1,6	Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)	Cerro Largo	Cerro Largo
	1,7	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	São Gabriel	São Gabriel
	1,7	Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)	Angicos	Angicos
	1,8	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	Dom Pedrito	Dom Pedrito
	1,9	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)	Amargosa	Amargosa
	1,9	Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA)	Capitão Poço	Capitão Poço
	1,9	Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)	Juazeiro	Juazeiro
	2,0	Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	Sumé	Sumé
	2,2	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)	Auroras	Redenção e Acarape
2,2	Universidade Federal do	Petrolina	Petrolina	

		Vale do São Francisco (UNIVASF)	Centro	
	2,3	Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI)	Prof. José Rodrigues Seabra	Itajubá
	2,3	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	Jaguarão	Jaguarão
	2,4	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)	Santo Antônio de Jesus	Santo Antônio de Jesus
	2,6	Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)	Rondon	Santarém
	2,8	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	Alegrete	Alegrete
	2,8	Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)	Caraúbas	Caraúbas
	2,9	Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	Cajazeiras	Cajazeiras
	3	Universidade Federal do Tocantins (UFT)	Miracema 1	Miracema
	2,8	Universidade Federal do Tocantins (UFT)	Araguaína - CIMBA	Araguaína
	2,8	Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)	Toledo	Toledo
	2,9	Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)	Unidade Dom Bosco	São João del-Rei
	3	Universidade Federal do ABC (UFABC)	Santo André	Santo André
Acima de 3 até 5 km 11 CAMPI	3,1	Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)	Realeza	Realeza
	3,6	Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	Campina Grande	Campina Grande
	3,7	Universidade Federal do ABC (UFABC)	São Bernardo do Campo	São Bernardo
	3,8	Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL)	Varginha	Varginha
	3,8	Universidade Federal do Tocantins (UFT)	Gurupi	Gurupi
	4	Universidade Federal do Tocantins (UFT)	Arraias	Arraias
	4,1	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)	Mucuri	Teófilo Otoni
	4,4	Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	Patos	Patos
	4,6	Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)	Apucarana	Apucarana
	4,7	Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)	São Raimundo Nonato	São Raimundo Nonato
	4,9	Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)	Tancredo Neves	São João del-Rei

Acima de 5 até 10 km 17 CAMPI	5,1	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	Itaqui	Itaqui
	5,1	Universidade Federal do Tocantins (UFT)	Porto Nacional	Porto Nacional
	5,4	Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)	Londrina	Londrina
	5,6	Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	Sousa	Sousa
	5,6	Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)	Francisco Beltrão	Francisco Beltrão
	5,8	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	São Borja	São Borja
	5,9	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	Bagé	Bagé
	6,4	Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA)	Paragominas	Paragominas
	6,4	Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)	Centro-Oeste Dona Lindu	Divinópolis
	7,3	Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)	Sete Lagoas	Sete Lagoas
	7,5	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)	<i>Campus JK</i>	Diamantina
	7,6	Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)	Laranjeiras do Sul	Laranjeiras do Sul
	7,8	Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI)	Itabira	Itabira
	8,2	Universidade Federal do Tocantins (UFT)	Palmas	Palmas
	8,6	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	Uruguaiana	Uruguaiana
	8,8	Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)	Alto Paraopeba - Ouro Branco	Ouro Branco
	8,9	Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)	Foz do Iguaçu	Foz do Iguaçu
Mais de 10 km 6 CAMPI	10,7	Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA)	Belém	Belém
	11,5	Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)	Erechim	Erechim
	13	Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)	Unidade Ciências Agrárias	Petrolina
	13,9	Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL)	Poços de Caldas	Poço de Caldas
	14,1	Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)	Chapecó	Chapecó
	14,1	Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA)	Parauapebas	Parauapebas

Fonte: Google Maps - Adaptado por Fabíola Cordeiro, 2018.

As figuras 2, 3, 4, 5 e 6 a seguir apresentam os cinco *campi* da nova expansão, que foram implantados até 1 km do centro das cidades, sendo estes os *campi* de Santana do Livramento da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Cachoeira da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Santo Antônio da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Tocantinópolis da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e Liberdade da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Figura 2 – Localização do *Campus* Santana do Livramento (UNIPAMPA) na cidade de Santana do Livramento/RS.



Fonte: <https://www.scribblemaps.com/> - Adaptado por Fabíola Cordeiro (sem escala), 2018.

Figura 3 - Localização do *Campus* Cachoeira (UFRB) na cidade de Cachoeira/BA.



Fonte: <https://www.scribblemaps.com/> - Adaptado por Fabíola Cordeiro (sem escala), 2018.

Figura 4 - Localização do *Campus Santo Antônio* (UFSJ) na cidade de São João del-Rei/MG.



Fonte: <https://www.scribblemaps.com/> - Adaptado por Fabíola Cordeiro (sem escala), 2018.

Figura 5 - Localização do *Campus de Tocantinópolis - Centro* (UFT) na cidade de Tocantinópolis/TO.



Fonte: <https://www.scribblemaps.com/> - Adaptado por Fabíola Cordeiro (sem escala), 2018.

Figura 6 - Localização do *Campus da Liberdade* (UNILAB) na cidade de Redenção/CE.



Fonte: <https://www.scribblemaps.com/> - Adaptado por Fabíola Cordeiro (sem escala), 2018.

O Quadro 15 apresenta o estudo comparativo entre os dois períodos, no qual é possível observar que apesar de se constatar que os novos *campi* estão se aproximando mais do centro das cidades, com 32 *campi* se instalando até 3 km do centro, existe também uma grande parte destes novos *campi*, no total de 28 sendo implantados a mais de 3 e até 10 km do centro das cidades, e mais seis destes a mais de 10 km. Portanto, pode-se afirmar que o modelo de implantação fora do perímetro urbano da expansão passada não foi totalmente abandonado na expansão recente.

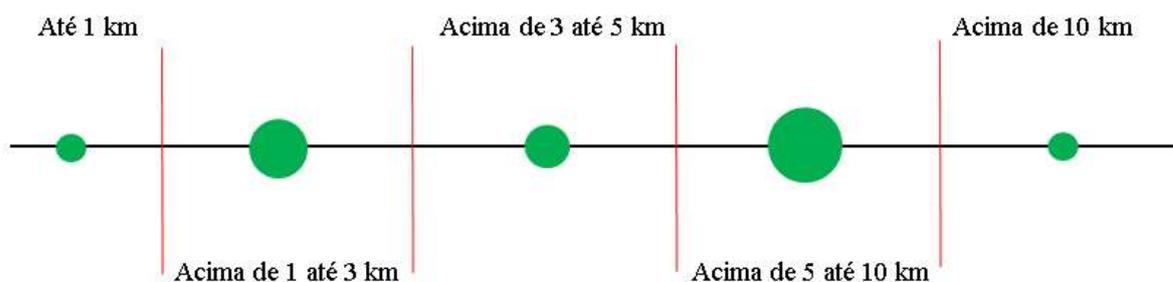
Quadro 15 – Comparativo das distâncias dos *campi* até o centro das cidades

DISTÂNCIA AO CENTRO DA CIDADE NOS DOIS PERÍODOS ANALISADOS					
Distância	Até 1 km	Acima de 1 até 3 km	Acima de 3 até 5 km	Acima de 5 até 10 km	Mais de 10 km
Nº de <i>Campi</i> 1960/1970	2 <i>CAMPI</i>	4 <i>CAMPI</i>	3 <i>CAMPI</i>	6 <i>CAMPI</i>	2 <i>CAMPI</i>
Nº de <i>Campi</i> 2000/2010	5 <i>CAMPI</i>	27 <i>CAMPI</i>	11 <i>CAMPI</i>	17 <i>CAMPI</i>	6 <i>CAMPI</i>

Fonte: Google Maps - Adaptado por Fabíola Cordeiro, 2018.

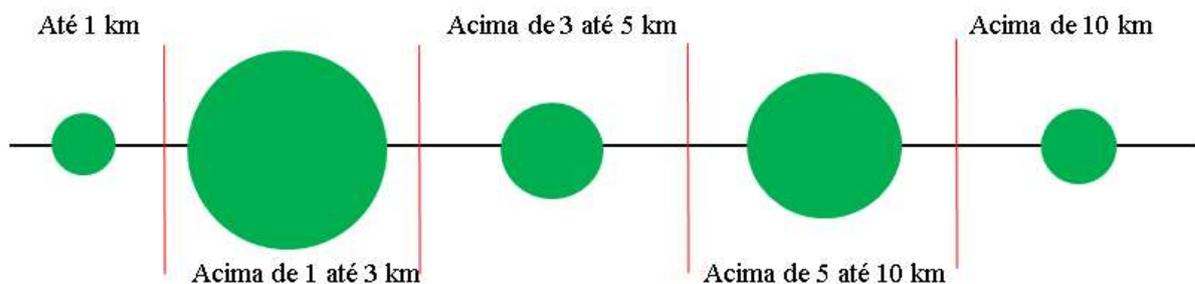
Para ilustrar e ter uma melhor percepção do Quadro 15, as figuras 7 e 8 apresentam o quanto estes *campi* afastaram-se do centro das cidades nos dois períodos deste trabalho.

Figura 7 - Distância dos *campi* ao centro das cidades nos anos 1960-1970



Fonte: Da autora, 2019.

Figura 8 - Distância dos *campi* ao centro das cidades nos anos 2000-2010



Fonte: Da autora, 2019.

O local de implantação das universidades fora ou dentro do perímetro urbano ainda é um tema instável entre os estudos apresentados na área. De acordo com Ribeiro (2008, p.22,29), as primeiras escolas nasceram na Idade Média e funcionavam no coração das cidades, passando por um longo processo de desenvolvimento até se chegar às primeiras universidades fundadas em Bolonha, Paris e Oxford, que também se encontravam no seio das cidades. Portanto, a transmissão do conhecimento em sua origem era disseminada dentro do perímetro urbano.

As Universidades se afastaram das cidades na colonização do território norte-americano. Apesar de esta colonização descender da Inglaterra, que valorizava o ensino no interior das cidades, os norte-americanos inovaram na maneira de implantar suas universidades e as inseriu fora do perímetro urbano para criar uma comunidade de professores e alunos totalmente independente e voltada exclusivamente para o estudo (MAHLER, 2015).

Calderari (2017, p. 428-29) afirma em seu trabalho sobre a implantação dos *campi* universitários fora do perímetro urbano das cidades, que este processo pode levar a uma valorização e a uma especulação imobiliária excessiva das áreas no entorno do novo *campus*, podendo em alguns casos chegar até aos processos de gentrificação e segregação socioespacial. A mesma autora ainda ressalta que, nesse contexto, os problemas e gastos gerados para os municípios e para os estados que optam por inserir os *campi* universitários afastados da malha urbana seriam muitos, tais como a construção de toda a infraestrutura e mobilidade urbana necessária para o funcionamento deste novo equipamento, habitação nas proximidades, espaços comuns e de lazer, entre outros.

O tema sobre a inserção das universidades fora do perímetro urbano das cidades começou a ser discutido a nível internacional já nos anos 1950. No Brasil, este tema foi amplamente debatido nos seminários promovidos pelo MEC nas décadas de 1970 e 1980, e, como pode-se perceber, persiste até os dias atuais. Sendo assim, ainda existe uma forte tensão entre os dois modelos de implantação dos espaços universitários contemporâneos.

### 3.2 DISTÂNCIAS DOS *CAMPI* EM RELAÇÃO ÀS CAPITAIS DE ESTADO

A distância dos *campi* universitários até as capitais de estado possibilita verificar o quanto estes novos equipamentos de ensino de fato se afastaram dos grandes centros urbanos, e embasa o estudo do processo de interiorização desenvolvido nos Tópicos 2.4 e 3.4 deste trabalho.

O Quadro 16 apresenta o percentual de *campi* estudados em relação à distância destes até a capital de seus estados nos dois períodos.

Quadro 16 – Percentual de estudo dos *campi*/capital do estado

Distância à capital do estado			
	Total de <i>campi</i>	Total de <i>campi</i> estudados nessa categoria	Percentual
1960 – 1970	17	17	100%
2000 – 2010	66	66	100%

Fonte: Google Maps - Adaptado por Fabíola Cordeiro, 2018.

Nos estudos referentes às distâncias dos *campi* até as capitais dos estados, o Quadro 17 retrata que, no primeiro período de expansão 1960-1970, uma grande parte das universidades, perfazendo um total de sete *campi*, está localizada em capitais. Apenas um se distanciou mais de 300 km e nenhum se instalou a mais de 500 km de distância das capitais de estados. Destaca-se, neste período, que os grandes centros urbanos e as capitais de estado foram priorizados quanto à implantação das universidades federais.

O Quadro 17 identifica as universidades e os *campi* em suas respectivas categorias analíticas e as distâncias destes até as capitais de seus estados no primeiro período de expansão.

Quadro 17 – Distância *campi*/capital do estado nos anos de 1960-1970

DISTÂNCIA DOS <i>CAMPI</i> À CAPITAL DO ESTADO 1960-1970				
CATEGORIAS	DISTÂNCIA (km)	UNIVERSIDADE	<i>CAMPUS</i>	CIDADE
Na capital 7 <i>CAMPI</i>	-	Universidade de Brasília (UnB)	Darcy Ribeiro	Brasília
	-	Universidade Federal de Alagoas (UFAL)	<i>Campus</i> Sede	Maceió
	-	Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	Alaor Queiroz de Araújo	Vitória
	-	Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	Unidade Thomaz Tomazzi	Vitória
	-	Universidade Federal do Maranhão (UFMA)	São Luís (Bacanga)	São Luís
	-	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	João Pessoa	João Pessoa
	-	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Reitor João David Ferreira Lima	Florianópolis
Até 100 km	22,8	Universidade Federal	Valonguinho	Niterói

3 <i>CAMPI</i>	23,5	Fluminense (UFF)	Niterói-Praia Vermelha	Niterói
	23,8		Gragoatá	Niterói
Acima de 100 até 300 km  6 <i>CAMPI</i>	101	Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)	Ouro Preto	Ouro Preto
	101	Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)	Unidade Morro do Cruzeiro	Ouro Preto
	120	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	Areia	Areia
	145	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	Bananeiras	Bananeiras
	235	Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)	São Carlos	São Carlos
	290	Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)	Santa Maria	Santa Maria
Acima de 300 até 500 km	367	Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)	Juiz de Fora	Juiz de Fora
Mais de 500km	-	-	-	-

Fonte: Google Maps - Adaptado por Fabíola Cordeiro, 2018.

No segundo período de expansão, pode ser observado, no Quadro 18, que somente dois *campi* foram implantados em capitais de estados, são estes o *campus* de Palmas da Universidade Federal de Tocantins (UFT) e o *campus* Belém da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA).

Quadro 18 – Distância *campi*/capital do estado nos anos de 2000-2010

DISTÂNCIA DOS <i>CAMPI</i> À CAPITAL DO ESTADO 2000-2010				
CATEGORIAS	DISTÂNCIA (km)	UNIVERSIDADE	<i>CAMPUS</i>	CIDADE
Na capital  2 <i>CAMPI</i>	-	Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA)	Belém	Belém
	-	Universidade Federal do Tocantins (UFT)	Palmas	Palmas
Até 100 km  9 <i>CAMPI</i>	21,4	Universidade Federal do ABC (UFABC)	Santo André	Santo André
	22	Universidade Federal do ABC (UFABC)	São Bernardo	São Bernardo do Campo
	59,3	Universidade Federal do Tocantins (UFT)	Porto Nacional	Porto Nacional
	67,6	Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)	Sete Lagoas	Sete Lagoas
	68	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)	Palmares	Acarape

	70,8	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)	Liberdade	Redenção
	71,5	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)	Auroras	Redenção e Acarape
	87,1	Universidade Federal do Tocantins (UFT)	Miracema 1	Miracema
	92,9	Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)	Alto Paraopeba	Ouro Branco
Acima de 100 até 300 km  16 CAMPI	110	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)	Santo Antônio de Jesus	Santo Antônio de Jesus
	113	Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI)	Itabira	Itabira
	118	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)	Cachoeira	Cachoeira
	126	Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)	Centro-Oeste Dona Lindu	Divinópolis
	137	Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	Campina Grande	Campina Grande
	162	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)	Amargosa	Amargosa
	175	Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)	Angicos	Angicos
	183	Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)	Santo Antônio	São João del - Rei
	186	Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)	Unidade Dom Bosco	São João del-Rei
	186	Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)	Unidade Tancredo Neves	São João del-Rei
	214	Universidade Federal Rural da Amazônia	Capitão Poço	Capitão Poço
	214	Universidade Federal do Tocantins (UFT)	Gurupi	Gurupi
	226	Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	Cuité	Cuité
	260	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	Caçapava do Sul	Caçapava do Sul
	277	Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	Sumé	Sumé
	297	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)	<i>Campus JK</i>	Diamantina
	307	Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA)	Paragominas	Paragominas
	307	Universidade Federal Rural	Caraúbas	Caraúbas

Acima de 300 até 500 km  24 <i>CAMPI</i>		do Semi-Árido (UFERSA)		
	313	Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL)	Varginha	Varginha
	322	Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	Patos	Patos
	353	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	São Gabriel	São Gabriel
	365	Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)	Laranjeiras do Sul	Laranjeiras do Sul
	365	Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)	Apucarana	Apucarana
	372	Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)	Erechim	Erechim
	377	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	Bagé	Bagé
	384	Universidade Federal do Tocantins (UFT)	Araguaína - CIMBA	Araguaína
	386	Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	Pombal	Pombal
	387	Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)	Londrina	Londrina
	405	Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)	Senhor do Bonfim	Senhor do Bonfim
	413	Universidade Federal do Tocantins (UFT)	Arraias	Arraias
	415	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	Jaguarão	Jaguarão
	443	Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	Sousa	Sousa
	447	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	Dom Pedrito	Dom Pedrito
	450	Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI)	Prof. José Rodrigues Seabra	Itajubá
	466	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)	Mucuri	Teófilo Otoni
	470	Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)	Francisco Beltrão	Francisco Beltrão
	482	Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL)	Poços de Caldas	Poço de Caldas
	487	Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	Cajazeiras	Cajazeiras
	494	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	Santana do Livramento	Santana do Livramento
	498	Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)	Cerro Largo	Cerro Largo
	Mais de 500 km  15 <i>CAMPI</i>	509	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	Alegrete
	526	Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)	Realeza	Realeza

	529	Universidade Federal do Tocantins (UFT)	Tocantinópolis (Centro)	Tocantinópolis
	530	Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)	Juazeiro	Juazeiro
	530	Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)	São Raimundo Nonato	São Raimundo Nonato
	539	Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)	Toledo	Toledo
	553	Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)	Chapecó	Chapecó
	615	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	São Borja	São Borja
	636	Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)	Foz do Iguaçu	Foz do Iguaçu
	670	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	Itaqui	Itaqui
	696	Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA)	Parauapebas	Parauapebas
	712	Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)	Petrolina Centro	Petrolina
	718	Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)	Unidade Ciências Agrárias	Petrolina
	732	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	Uruguaiana	Uruguaiana
	1.376	Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)	Santarém	Santarém

Fonte: Google Maps - Adaptado por Fabíola Cordeiro, 2018.

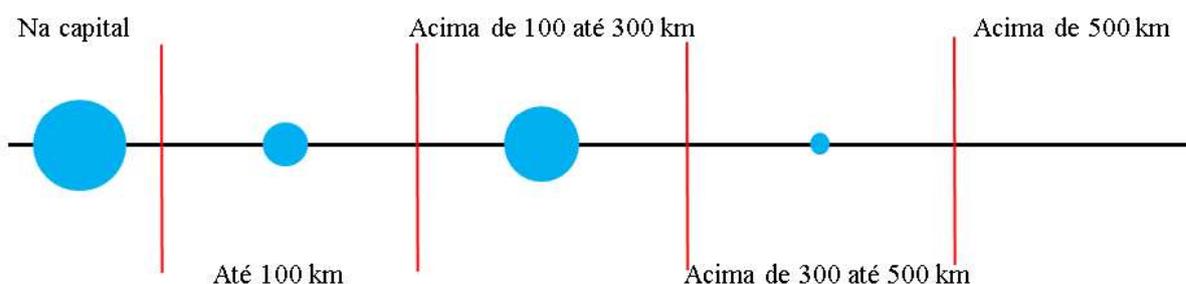
O Quadro 19 compara os dados apresentados relativos às distâncias dos *campi* às capitais de seus estados nos dois períodos estudados. Observa-se uma maneira diferente na forma de planejamento referente à localização geográfica onde estes novos equipamentos foram ser inseridos. Os *campi* da expansão recente (2000-2010) se distanciam mais das capitais dos estados do que os *campi* da expansão de 1960-1970.

Quadro 19 – Comparativo das distâncias dos *campi* até as capitais dos estados

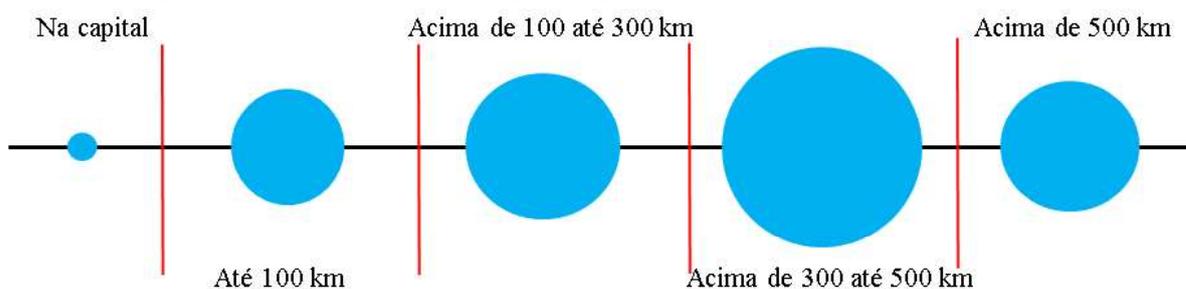
DISTÂNCIA À CAPITAL DOS ESTADOS NOS DOIS PERÍODOS ESTUDADOS					
Distância	Na capital	Até 100 km	Acima de 100 até 300 km	Acima de 300 até 500 km	Mais de 500 km
Nº de <i>Campi</i> 1960/1970	7 <i>CAMPI</i>	3 <i>CAMPI</i>	6 <i>CAMPI</i>	1 <i>CAMPUS</i>	0 <i>CAMPUS</i>
Nº de <i>Campi</i> 2000/2010	2 <i>CAMPI</i>	9 <i>CAMPI</i>	16 <i>CAMPI</i>	24 <i>CAMPI</i>	15 <i>CAMPI</i>

Fonte: Google Maps - Elaborado por Fabíola Cordeiro, 2018.

Para ilustrar e ter uma melhor percepção do Quadro 19, as figuras 9 e 10 apresentam o quanto estes *campi* afastaram-se das capitais dos estados nos dois períodos deste trabalho.

Figura 9 - Distância dos *campi* à capital dos estados nos anos 1960-1970.

Fonte: Da autora, 2019.

Figura 10 - Distância dos *campi* à capital dos estados nos anos 2000-2010.

Fonte: Da autora, 2019.

Nos dados apresentados pelo Quadro 19 e pelas figuras 9 e 10, é importante destacar que existe uma grande diferença entre os dois períodos de expansão. Na expansão passada, sete de 17 universidades se instalaram nas capitais contra dois de 66 *campi* da recente expansão. Outro fato importante a ressaltar é que nas distâncias acima de 300 km só existe um *campus* da expansão passada contra 24 da expansão recente. Acima de 500 km de distância da

capital nenhum *campus* da expansão passada se implantou, sendo que 15 da expansão recente adotaram esta distância para implantar seus *campi*.

Dessa forma, pode-se perceber a clara intenção de inserir os novos equipamentos de ensino superior em municípios do interior do país. Esta é uma importante característica do período de expansão recente, onde houve um enorme rompimento com o modelo de implantação vigente no período anterior.

Os *campi* da nova expansão agora estão implantados no interior dos estados, em cidades de menor porte; dessa maneira, oferecem a educação de nível superior a camadas da população até então desprovidas da facilidade de acesso a este tipo de formação educacional.

### 3.3 ÁREAS DOS CAMPI

Rudolph P. Atcon, no período em que residiu no Brasil, trabalhou no Ministério da Educação como consultor, e, por solicitação do próprio órgão, escreveu o Manual sobre o planejamento integral do *campus* universitário. Este foi amplamente divulgado no país e exerceu forte influência nos planejadores de *campus* do momento. Nos *campi* universitários consolidados neste período é possível observar tal influência.

Atcon, em seu Manual, propõe uma área de 5.000.000 m<sup>2</sup> para uma universidade com sete centros de conhecimento, mas, nos estudos das universidades do primeiro recorte temporal 1960-1970 desta pesquisa, é possível observar que a maior parte destas instituições foi implantada em terreno com dimensões um pouco inferiores.

Este tipo de estudo é de grande importância para a investigação sobre os novos *campi* universitários, como estes estão sendo implantados na nova expansão, se ainda estão seguindo os mesmos rumos da expansão passada quanto à área territorial ocupada por estes novos equipamentos inseridos nas cidades do interior dos estados.

O Quadro 20 apresenta o percentual de *campi* estudados nesta categoria analítica nos dois períodos.

Quadro 20 – Percentual de estudo da área dos *campi*

Áreas dos <i>campi</i>			
	Total de <i>campi</i>	Total de <i>campi</i> estudados nessa categoria	Percentual
1960 – 1970	17	14	82%
2000 – 2010	66	59	89%

Fonte: Elaborado por Fabíola Cordeiro, 2018.

No estudo das áreas dos *campi* do primeiro período de expansão 1960-1970, o que se destaca é que somente uma universidade se implantou no ano de 1961 em área acima de 5.000.000 m<sup>2</sup>, esta é Universidade Federal Santa Maria (UFSM), que se encontra em uma gleba de 6.750.000 m<sup>2</sup>, como pode ser observado na implantação da década de 1960 apresentada na Figura 11.

Figura 11 - Implantação do *campus* da Universidade Federal de Santa Maria



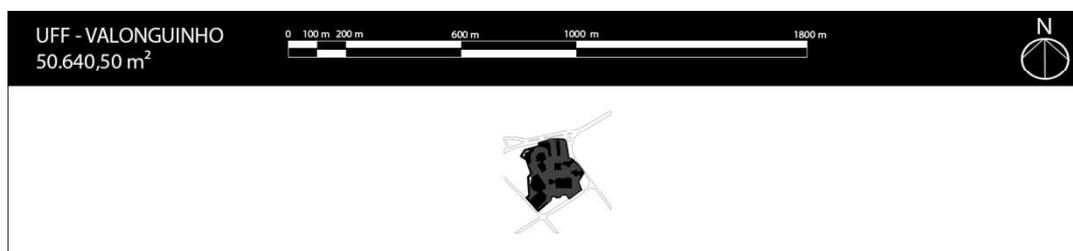
Fonte: Zampieri, 2011 - Adaptado pela autora (escala gráfica), 2019.

A maior parte destas instituições, perfazendo um total de nove *campi*, se encontra em áreas territoriais acima de 1.000.000 e até 5.000.000 m<sup>2</sup>, sendo a maior deste grupo a Universidade de Brasília (UnB) com o *campus* Darcy Ribeiro implantado em uma área de 3.950.569,07 m<sup>2</sup>.

Outro fato que chama a atenção neste estudo é o registro de que quatro *campi* são implantados em áreas de até 300.000 m<sup>2</sup>, e um destes, o *campus* do Valonguinho da

Universidade Federal Fluminense (UFF), possui uma área de 50.640,50 m<sup>2</sup>, fugindo totalmente do modelo vigente no período, como pode ser observado na Figura 12 a seguir.

Figura 12 - Implantação do *campus* Valonguinho da Universidade Federal Fluminense



Fonte: Nogueira (2008, p. 246) - Adaptado pela autora (escala gráfica), 2019.

O Quadro 21 apresenta as universidades e os *campi* em suas respectivas categorias de análise e as áreas territoriais que estes ocupam.

Quadro 21 – Áreas dos *campi* nos anos 1960-1970

ÁREAS DOS <i>CAMPI</i> 1960-1970				
CATEGORIAS	ÁREA (m <sup>2</sup> )	UNIVERSIDADE	<i>CAMPUS</i>	CIDADE
Até 30 ha (300.000 m <sup>2</sup> )  4 <i>CAMPI</i>	50.640,50	Universidade Federal Fluminense (UFF)	Valonguinho	Niterói
	214.109	Universidade Federal Fluminense (UFF)	Praia Vermelha	Niterói
	218.397	Universidade Federal Fluminense (UFF)	Gragoatá	Niterói
	250.000	Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	Thomaz Tomazzi	Vitória
Acima de 30 até 100 ha (300.000 até 1.000.000 m <sup>2</sup> )	-	-	-	-
Acima de 100 até 300 ha (1.000.000 até 3.000.000 m <sup>2</sup> )  7 <i>CAMPI</i>	1.346.793,80	Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)	Juiz de Fora	Juiz de Fora
	1.411.500	Universidade Federal do Maranhão (UFMA)	Bacanga	São Luís
	1.567.545	Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	Alaor Queiroz de Araújo	Vitória
	1.620.000	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	João Pessoa	João Pessoa
	2.100.000	Universidade Federal de Alagoas (UFAL)	<i>Campus</i> Sede	Maceió
	2.350.030	Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)	São Carlos	São Carlos

	3.000.000	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	Areia	Areia
Acima de 300 até 500 ha (3.000.000 até 5.000.000 m <sup>2</sup> )	3.700.000	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	Bananeiras	Bananeiras
2 <i>CAMPI</i>	3.950.569,07	Universidade de Brasília (UnB)	Darcy Ribeiro	Brasília
Acima de 500 ha (Acima de 5.000.000 m <sup>2</sup> )	6.750.000	Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)	Santa Maria	Santa Maria
1 <i>CAMPI</i>				

Fonte: Acervo Grupo pesquisas Ágora - Adaptado por Fabíola Cordeiro, 2018.

Na expansão do segundo período 2000-2010, observa-se no Quadro 22 que a grande maioria dos novos *campi*, perfazendo um total de 41, se implantou em áreas de até 300.000 m<sup>2</sup>, e nenhum em área maior que 5.000.000 m<sup>2</sup>. Essa é uma profunda mudança em relação à área territorial dos novos equipamentos de ensino superior público quanto à expansão anterior 1960-1970.

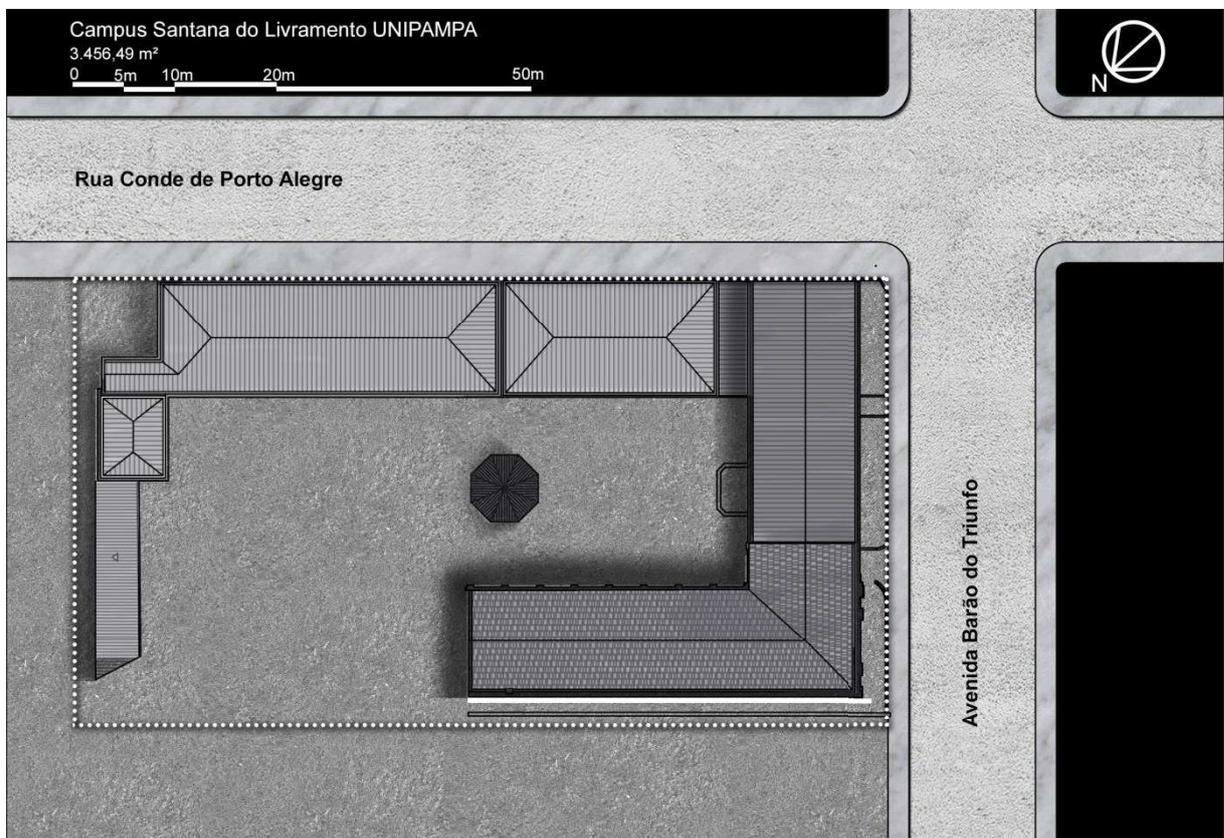
Destaca-se, neste estudo, o *campus* Sant'Ana do Livramento na cidade de mesmo nome, da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Este *campus* se instalou em uma área de 3.456,49 m<sup>2</sup>, sendo que esta área já abrigava anteriormente uma edificação onde funcionava uma escola estadual. O imóvel com três pavimentos acima do nível da rua e mais dois níveis de subsolo foi cedido à universidade, como pode ser observado nas figuras 13 e 14 a seguir.

Figura 13 - *Campus Sant'Ana* do Livramento da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA



Fonte: Google Maps - Street View, jul 2011.

Figura 14 - Implantação do *campus Sant'Ana* do Livramento da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA



Fonte: Escritório técnico da universidade - Adaptado pela autora, 2019.

O Quadro 22 apresenta as universidades e os *campi* com suas respectivas áreas territoriais no segundo período de expansão.

Quadro 22 – Áreas dos *campi* nos anos 2000-2010

ÁREAS DOS <i>CAMPI</i> 2000-2010				
CATEGORIAS	ÁREA (m <sup>2</sup> )	UNIVERSIDADE	<i>CAMPUS</i>	CIDADE
Até 30 ha (300.000 m <sup>2</sup> )  41 <i>CAMPI</i>	3.456,49	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	Sant' Ana do Livramento	Santana do Livramento
	8.649,58	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)	<i>Campus</i> da Liberdade	Redenção
	10.148,56	Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)	Senhor do Bonfim	Senhor do Bonfim
	13.300	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	Uruguaiana	Uruguaiana
	14.041,16	Universidade Federal do Tocantins (UFT)	Tocantinópolis Centro	Tocantinópolis
	14.062,59	Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA)	Capitão Poço	Capitão Poço
	15.328,08	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)	Palmares	Acarape
	17.724,74	Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)	<i>Campus</i> Centro-Oeste Dona Lindu	Divinópolis
	21.336,57	Universidade Federal do Tocantins (UFT)	Miracema	Miracema
	25.294,19	Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA)	Paragominas	Paragominas
	39.86	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	Alegrete	Alegrete
	42.943,5	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	Jaguarão	Jaguarão
	48.161,23	Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)	<i>Campus</i> Santo Antônio	São João del-Rei
	49.529	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	Caçapava do Sul	Caçapava do Sul
	51.845	Universidade Federal do Tocantins (UFT)	Araguaína	Araguaína
	53.07	Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)	São Raimundo Nonato	São Raimundo Nonato
	59.721,80	Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)	Toledo	Toledo
	64.700	Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)	Realeza	Realeza
67.823,58	Universidade Tecnológica	Apucarana	Apucarana	

		Federal do Paraná (UTFPR)		
72.104,60		Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)	Londrina	Londrina
75.568		Universidade Federal do Tocantins (UFT)	Porto Nacional	Porto Nacional
76.951,86		Universidade Federal do ABC (UFABC)	Santo André	Santo André
91.000		Universidade Federal do Tocantins (UFT)	Arraias	Arraias
100.000		Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	Itaqui	Itaqui
101.696,94		Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	Cuité	Cuité
114.100		Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)	Campus Alto Paraopeba - Ouro Branco	Ouro Branco
120.349,73		Universidade Federal do ABC (UFABC)	São Bernardo do Campo	São Bernardo
125.301,95		Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)	Petrolina Centro	Petrolina
138.950,90		Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	Patos	Patos
138.958		Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)	Caraúbas	Caraúbas
145.595		Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)	Juazeiro	Juazeiro
155.500,47		Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	Pombal	Pombal
194.910,62		Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	São Gabriel	São Gabriel
224.000		Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)	Campus de Sete Lagoas	Sete Lagoas
243.701		Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)	Angicos	Angicos
243.875,47		Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	Sumé	Sumé
244.242,89		Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	Cajazeiras	Cajazeiras
245.000		Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)	Teófilo Otoni	Teófilo Otoni
258.894		Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)	Francisco Beltrão	Francisco Beltrão
275.013		Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	Dom Pedrito	Dom Pedrito
300.000		Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	Bagé	Bagé
Acima de 30 até 100 ha (300.000 até 1.000.000)	308.688,11	Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	Campina Grande	Campina Grande
	319.805,26	Universidade Federal do	Gurupi	Gurupi

m <sup>2</sup> 14 <i>CAMPI</i>		Tocantins (UFT)		
	372.518,65	Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI)	Prof. José Rodrigues Seabra	Itajubá
	403.083	Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA)	Parauapebas	Parauapebas
	404.700	Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)	Cerro Largo	Cerro Largo
	455.484,45	Universidade Federal do Tocantins (UFT)	Palmas	Palmas
	457.000	Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)	Foz do Iguaçu	Foz do Iguaçu
	475.381,54	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	São Borja	São Borja
	497.00,1	Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)	Unidade Dom Bosco	São João del-Rei
	604.000	Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI)	Itabira	Itabira
	859.828	Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)	Unidade Tancredo Neves	São João del-Rei
	916.000	Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)	Chapecó	Chapecó
	925.100	Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)	Laranjeiras do Sul	Laranjeiras do Sul
	934.500	Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)	Erechim	Erechim
Acima de 100 até 300 ha (1.000.000 até 3.000.000 m <sup>2</sup> ) 3 <i>CAMPI</i>	1.070.496,92	Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	Sousa	Sousa
	1.327.869,02	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)	Auroras	Redenção e Acarape
	2.100.460	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)	<i>Campus JK</i>	Diamantina
Acima de 300 até 500 ha (3.000.000 até 5.000.000 m <sup>2</sup> )	3.587.357	Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)	Unidade Ciências Agrárias	Petrolina
Acima de 500 ha (acima de 5.000.000 m <sup>2</sup> )	-	-	-	-

Fonte: Escritório técnico das universidades - Adaptado por Fabíola Cordeiro, 2018.

No Quadro 23, comparativo das áreas dos *campi* nos dois períodos de expansão estudados, pode-se observar que a maior parte dos *campi* da expansão 1960-1970 está implantada em áreas acima de 1.000.000 m<sup>2</sup> somando-se um total de 10 *campi*, não atendendo

a orientação de Rudolph Atcon, mas se aproximando dela com três *campi* deste período em áreas acima de 3.000.000 e até 5.000.000 m<sup>2</sup>. O Quadro 23 apresenta o comparativo sobre as áreas dos *campi* nos dois períodos deste estudo.

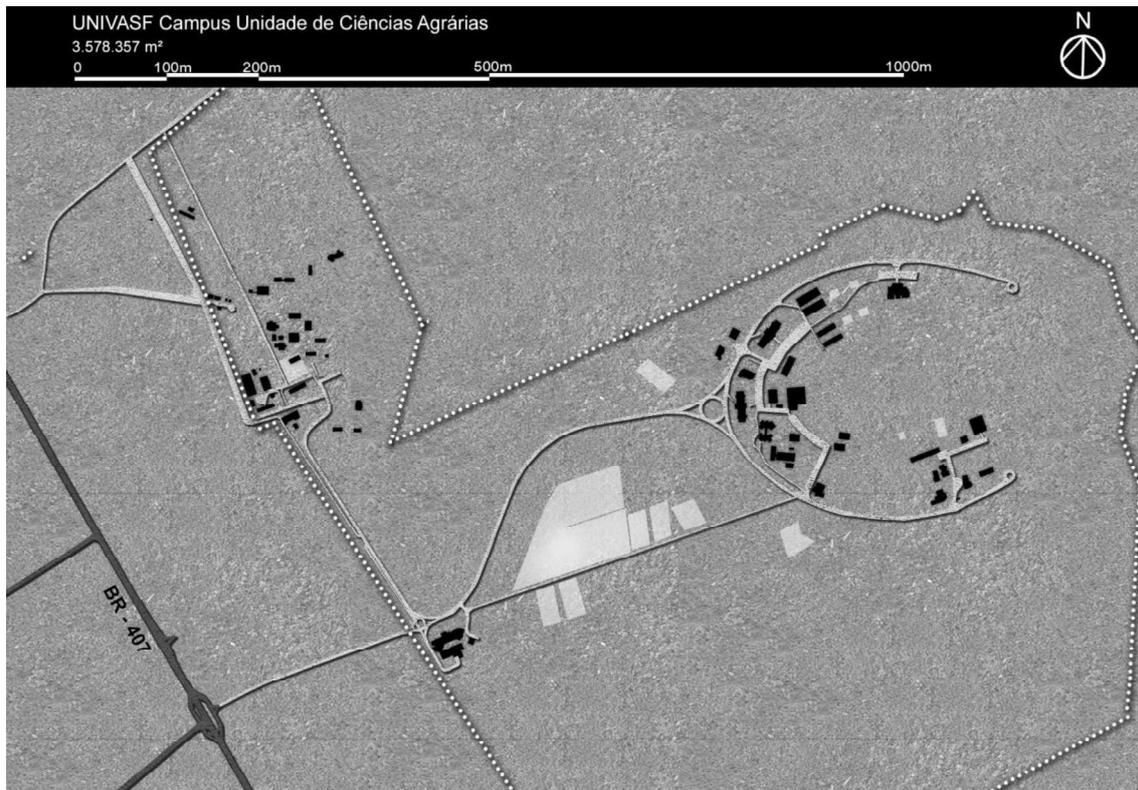
Quadro 23 – Comparativo das áreas dos *campi*

ÁREAS DOS <i>CAMPI</i> NOS DOIS PERÍODOS ESTUDADOS					
Hectare	Até 30ha	Acima de 30 até 100ha	Acima de 100 até 300ha	Acima de 300 até 500ha	Acima de 500ha
M <sup>2</sup>	300.000 m <sup>2</sup>	300.000 até 1.000.000 m <sup>2</sup>	1.000.000 até 3.000.000 m <sup>2</sup>	3.000.000 até 5.000.000 m <sup>2</sup>	Acima de 5.000.000 de m <sup>2</sup>
Nº de <i>Campi</i> : 1960/1970	4 <i>CAMPI</i>	0 <i>CAMPUS</i>	7 <i>CAMPI</i>	2 <i>CAMPI</i>	1 <i>CAMPUS</i>
Nº de <i>Campi</i> : 2000/2010	41 <i>CAMPI</i>	14 <i>CAMPI</i>	3 <i>CAMPI</i>	1 <i>CAMPUS</i>	0 <i>CAMPUS</i>

Fonte: Acervo Grupo pesquisas Ágora/Escritório técnico das universidades - Adaptado pela autora, 2019.

Na expansão recente 2000-2010, a maior parte dos *campi*, perfazendo um total de 41, está implantada em áreas de até 300.000 m<sup>2</sup>, e somente um *campus* se aproxima da orientação de Rudolph Atcon e se encontra em área acima de 3.000.000 e até 5.000.000 m<sup>2</sup>. Este é a Unidade Ciências Agrárias da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) com uma área de 3.587.357 m<sup>2</sup>. Como pode ser observado na Figura 15, outra característica importante deste período é a de que nenhum *campus* foi implantado em área acima de 5.000.000 m<sup>2</sup>.

Figura 15 - Implantação da Unidade Ciências Agrárias da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)



Fonte: Escritório técnico da universidade - Adaptado pela autora, 2019.

A comparação que se apresenta no estudo sobre a área dos *campi* entre os dois períodos de expansão do ensino superior é que os *campi* da expansão 2000-2010 estão se formando em áreas territoriais muito inferiores aos *campi* da expansão anterior 1960-1970.

Esta é uma profunda e significativa mudança na forma de planejamento dos novos equipamentos de ensino superior público pertencente aos anos 2000-2010, demonstrando um grande rompimento com o modelo de planejamento das universidades pertencentes à expansão anterior 1960-1970.

Este fato causou uma grande modificação na estrutura física destes novos espaços em relação aos *campi* da expansão anterior. As universidades anteriormente eram projetadas para ofertar uma ampla gama de cursos em diversas áreas do conhecimento e, para tanto, estas instituições necessitavam de um grande espaço físico para se estabelecer. A mudança na extensão territorial das novas universidades refletiu diretamente em setores que estão diretamente ligados à dimensão do *campus* como: o setor esportivo, a praça cívica e o cinturão verde. Como as universidades do primeiro período de expansão em sua quase totalidade seguiram o modelo norte-americano de planejamento de seus espaços e, consequentemente, as orientações que Rudolph Atcon descreveu em seu Manual, estas

instituições previam espaços em seus *campi* para um “setor esportivo” completo, composto de campo de futebol, ginásio, quadras poliesportivas, piscina olímpica e áreas destinadas a todo tipo de modalidade esportiva. Portanto, este setor demandava uma considerável área do *campus* (ATCON, 1970, p. 44,47).

A mesma observação se aplica à praça cívica e ao cinturão verde, espaços presentes na maior parte das universidades do primeiro período de expansão. Rudolph Atcon, em seu Manual, previa um espaço destinado a uma grande praça que comportasse toda a população do *campus*. Este espaço seria a praça cívica da universidade. Atcon também afirmava que a área ideal para uma instituição com sete centros seria de 5.000.000 m<sup>2</sup>, sendo que, desta metragem, 2.000.000 m<sup>2</sup> seriam para as edificações, circulação, serviços, administração e estacionamentos. Os outros 3.000.000 m<sup>2</sup> seriam destinados a necessidades futuras e ao cinturão verde, área que envolveria e protegeria toda a universidade (ATCON, 1970, p. 24,33,36).

Entretanto, 41 dos 66 novos *campi* se formou em glebas de até 300.000 m<sup>2</sup>. Esta nova maneira de implantação destas instituições demonstra que os espaços que eram previstos nos *campi* da expansão anterior não fazem mais parte do programa das novas universidades. Nos estudos sobre as novas instituições, observou-se que a maior parte não apresenta nenhum tipo de equipamento esportivo, em alguns *campi* existe a presença destes equipamentos, mas em pequena escala, ou seja, uma quadra, uma piscina ou um campo de futebol, mas não um setor esportivo completo como os encontrados nas instituições da expansão anterior ocorrida entre os anos 1960-1970.

No que se refere à praça cívica, pode-se afirmar que, na expansão recente, ela praticamente desapareceu do programa dos novos *campi*, e quanto ao cinturão verde, na grande maioria das novas instituições, ele é inexistente.

Os quadros 24, 25 e 26 a seguir apresentam o comparativo entre os dois períodos de expansão pertencentes a este estudo no que se refere aos setores esportivos, à praça cívica e ao cinturão verde.

Quadro 24 – Comparativo do Setor Esportivo

SETOR ESPORTIVO NOS DOIS PERÍODOS ESTUDADOS				
	SETOR ESPORTIVO COMPLETO	SETOR ESPORTIVO INCOMPLETO	SEM SETOR ESPORTIVO	SEM INFORMAÇÃO
Nº de <i>Campi</i> 1960/1970	13 <i>CAMPI</i>	0 <i>CAMPUS</i>	4 <i>CAMPI</i>	0 <i>CAMPUS</i>
Nº de <i>Campi</i> 2000/2010	4 <i>CAMPI</i>	26 <i>CAMPI</i>	29 <i>CAMPI</i>	7 <i>CAMPI</i>

Fonte: Acervo Grupo pesquisas Ágora/Escritório técnico das universidades - Adaptado pela autora, 2019.

Quadro 25 – Comparativo da Praça Cívica

PRAÇA CÍVICA NOS DOIS PERÍODOS ESTUDADOS			
	COM PRAÇA CÍVICA	SEM PRAÇA CÍVICA	NÃO IDENTIFICADA
Nº de <i>Campi</i> 1960/1970	10 <i>CAMPI</i>	6 <i>CAMPI</i>	1 <i>CAMPUS</i>
Nº de <i>Campi</i> 2000/2010	5 <i>CAMPI</i>	57 <i>CAMPI</i>	4 <i>CAMPI</i>

Fonte: Acervo Grupo pesquisas Ágora/Escritório técnico das universidades - Adaptado pela autora, 2019.

Quadro 26 – Comparativo do Cinturão Verde

CINTURÃO VERDE NOS DOIS PERÍODOS ESTUDADOS			
	COM CINTURÃO VERDE	SEM CINTURÃO VERDE	SEM INFORMAÇÃO
Nº de <i>Campi</i> 1960/1970	9 <i>CAMPI</i>	4 <i>CAMPI</i>	4 <i>CAMPI</i>
Nº de <i>Campi</i> 2000/2010	13 <i>CAMPI</i>	49 <i>CAMPI</i>	4 <i>CAMPI</i>

Fonte: Acervo Grupo pesquisas Ágora/Escritório técnico das universidades - Adaptado pela autora, 2019.

### 3.4 INTERIORIZAÇÃO

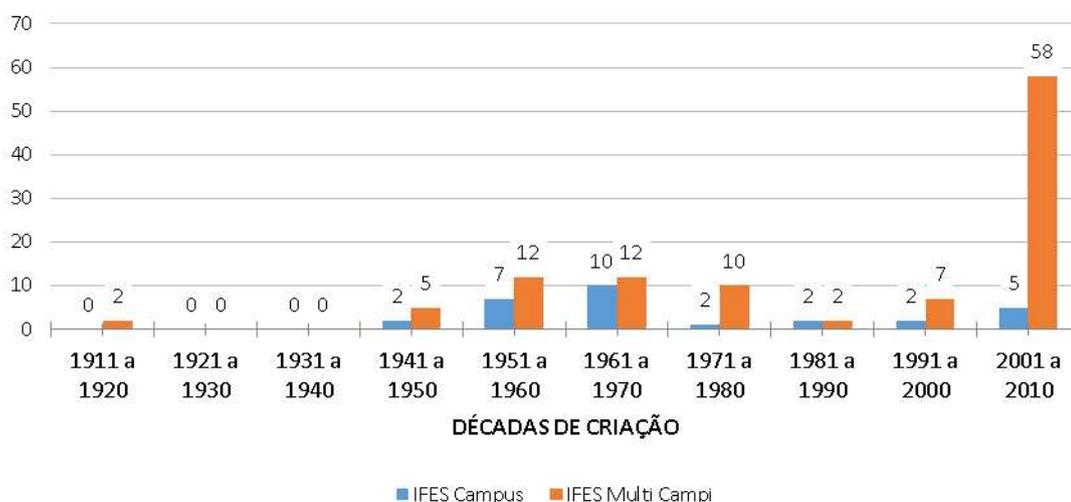
Uma característica do primeiro período de expansão foi o planejamento físico das universidades, privilegiando a ideia de um *campus* único para cada instituição. A partir de meados da década de 1950, iniciou-se um tímido processo de expansão universitária no país, sendo que a grande maioria destas universidades se formou pela junção de faculdades isoladas federalizadas, que já se encontravam em operação no coração das cidades, portanto estas novas instituições se apresentavam com mais de uma **unidade acadêmica** e muitas destas unidades continuaram em funcionamento no centro das cidades quando o “Novo *Campus*” entrou em atividade.

Nos anos 1960-1970, a grande maioria das universidades se encontrava em capitais de estado ou em cidades de médio porte. Nesse sentido, o processo de interiorização do ensino superior no período foi muito tímido, pois das 23 instituições criadas entre os anos 1960-1970, 14 se instalaram em capitais de estado e nove em cidades do interior.

Entre os anos 2000 e 2002, entraram em atividade no país seis universidades federais. São elas: Universidade Federal do Tocantins (UFT), Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e a Universidade Federal Rural do Amazonas (UFRA), sendo que todas já nasceram *Multicampi*, ampliando ainda mais a área de atuação destas universidades. Neste contexto, percebe-se o início da expansão universitária e o processo de interiorização das universidades federais brasileiras. No ano 2000, este processo de interiorização se intensificou com as políticas de incentivos já abordadas neste estudo, adotadas durante os dois mandatos do ex-presidente Lula.

Para um refinamento do estudo do processo de interiorização destes *campi*, foram feitos estudos quanto ao porte das cidades que os receberam nos dois períodos de expansão e também quanto à distribuição geográfica das universidades federais nas cinco regiões federativas brasileiras, possibilitando obter um panorama destas instituições, relacionando-as com o número de habitantes em cada região.

Para iniciar a apresentação dos estudos do processo de interiorização, vai ser exposto o Gráfico 2 que exibe a forma como veio se configurando a adoção dos dois modelos *Campus / Multicampi* ao longo da história das universidades no Brasil. Além disso, procurou-se averiguar qual dos modelos prevaleceu nos dois períodos de expansão do ensino superior público.

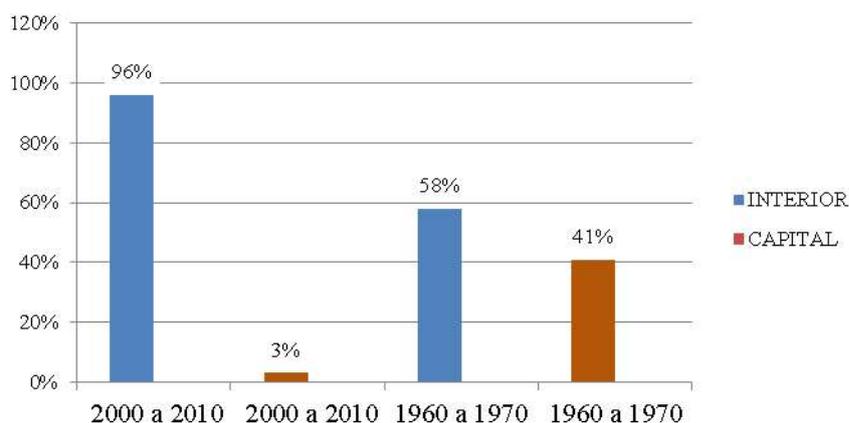
Gráfico 2 - Modelo: *Campus/Multicampi* de 1911 a 2010

Fonte: Sistema Integrado de Monitoramento, Execução e Controle/Ministério da Educação SIMEC/MEC - Adaptado pela autora, 2018.

O que pode ser observado no Gráfico 2 é que, ao longo do percurso histórico das universidades brasileiras, o modelo *Multicampi* vem se formando quase paralelamente com o modelo *Campus*, com alguns momentos de elevação mais acentuada do modelo *Multicampi*, mas na década de 2000 este modelo se elevou de uma forma ainda não ocorrida no percurso histórico destas instituições. Sendo assim, pode-se afirmar que o modelo *Multicampi* de fato se efetivou no segundo período de expansão.

Portanto, na expansão recente 2000-2010 o ensino superior adota uma nova estratégia quanto à formação de seus *campi*, pois na pesquisa sobre estas instituições pode-se averiguar que algumas universidades possuem um número considerável de *campi* universitários, como por exemplo, os casos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) que detém 13 *campi* em cidades do interior do estado do Paraná e a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) que possui 10 *campi* em cidades do interior do estado do Rio Grande do Sul.

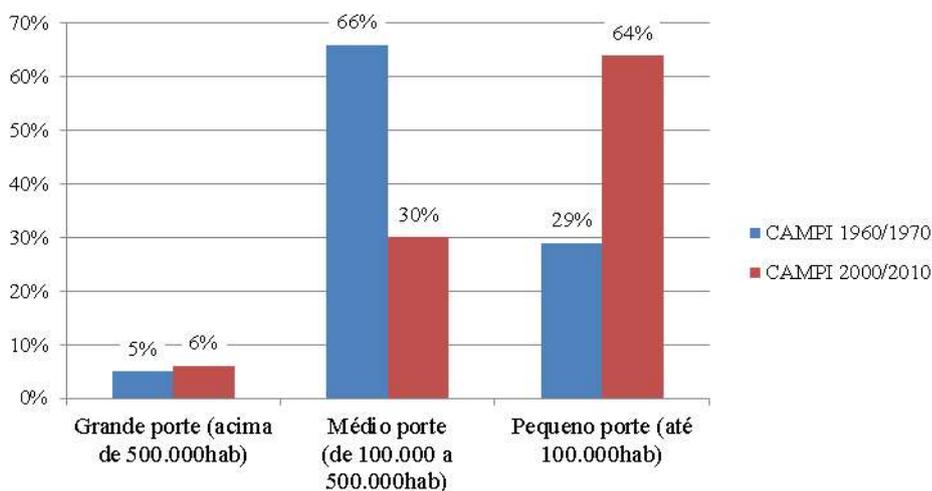
A estratégia de espacialização das novas universidades federais em diversos *campi* universitários pulveriza a distribuição do ensino superior pelo território nacional e, por consequência, o acesso a esses espaços. Este trabalho já apresentou o estudo da distância destes *campi* à capital de seus estados e também quantos *campi* foram implantados em cidades do interior e em capitais. Para uma melhor percepção deste processo, o Gráfico 3 vai apresentar o percentual de *campi* instalados em capitais e em cidades do interior nos dois períodos analisados.

Gráfico 3 - *Campi* universitários implantados em capitais e interiores.

Fonte: Sistema Integrado de Monitoramento, Execução e Controle/Ministério da Educação SIMEC/MEC - Adaptado pela autora, 2018.

Para um refinamento deste processo de interiorização procurou-se também verificar o porte das cidades onde estes *campi* estão implantados, como uma forma de certificar esse processo.

O Gráfico 4 apresenta o comparativo do porte das cidades que receberam *campi* universitários com início de atividades entre 1960-1970 e 2000-2010.

Gráfico 4 – Porte das cidades com *campi* universitários 1960-1970 e 2000-2010

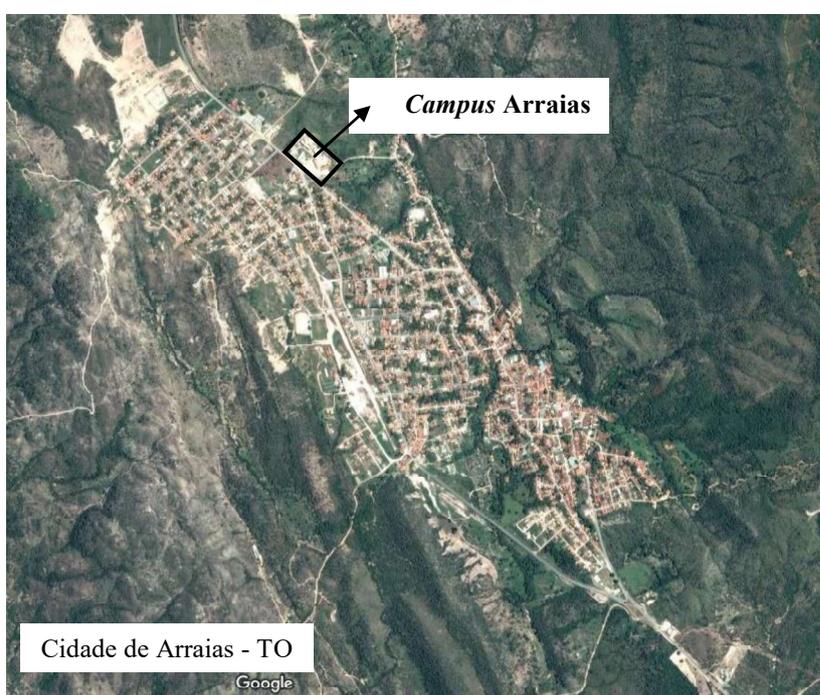
Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Análise da variação populacional municipal – Censo de 1872 a 2010. 2010. - Adaptado pela autora, 2018.

O que pode ser observado no Gráfico 4 é que os equipamentos de ensino superior dos anos 1960-1970 beneficiaram as cidades de médio porte. Além disto, destaca-se, como visto no Gráfico 3, que 5% destas cidades eram capitais. O município com menor número de habitantes que recebeu *campus* universitário neste período foi Bananeiras no estado da

Paraíba com 27.469 habitantes. Em 1970, era implantado o *campus* da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Na expansão recente 2000-2010, 64% dos municípios contemplados com os equipamentos de ensino superior foram os de pequeno porte. No ano de 2003, a cidade de Arraias recebeu um *campus* de mesmo nome da Universidade Federal de Tocantins (UFT). Em 2010, sua população era de 10.645 habitantes, sendo o município com o menor índice populacional a receber um *campus* universitário federal. A Figura 16 apresenta a cidade de Arraias e a localização do *campus* da UFT.

Figura 16 - Município de Arraias e o *campus* da UFT.



Fonte: Google Maps - Adaptado pela autora, 2019.

Portanto, um nítido processo de interiorização do ensino superior é percebido no estudo do Gráfico 4, quando pode-se constatar que, na expansão recente, 64% dos *campi* universitários são implantados em cidades de pequeno porte no interior do país, contra 6% em cidades de grande porte.

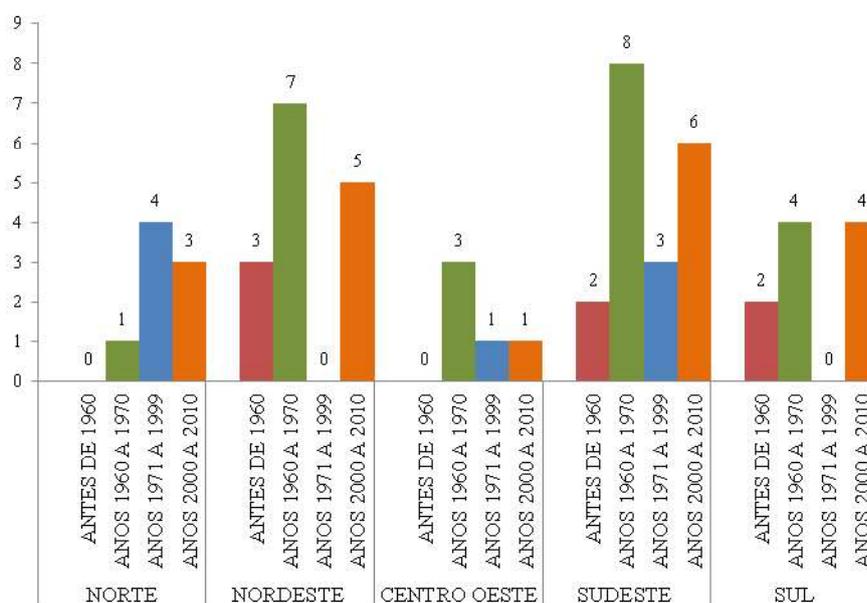
Outro estudo deste trabalho foi quanto à distribuição geográfica das universidades federais pelas cinco regiões federativas do país. Este estudo se fez em quatro momentos distintos para se alcançar um panorama histórico comparativo do desenvolvimento destas instituições nestas regiões. Estes momentos são:

- Antes do primeiro período de expansão até 1959;
- No primeiro período de expansão entre os anos 1960 e 1970;

- Nos dois períodos de expansão entre os anos 1971 e 1999;
- Durante o segundo período de expansão entre os anos 2000 e 2010.

O Gráfico 5 apresenta quais regiões do país foram mais beneficiadas com os equipamentos de ensino superior nos dois períodos de expansão, podendo-se verificar também o cenário destas regiões antes e depois destes períodos de expansão. O Gráfico 5 apresenta o número de universidades por região nos períodos citados.

Gráfico 5 - Criação de universidades federais por região e por períodos de estudo



Fonte: Sistema Integrado de Monitoramento, Execução e Controle/Ministério da Educação SIMEC/MEC - Adaptado pela autora, 2018.

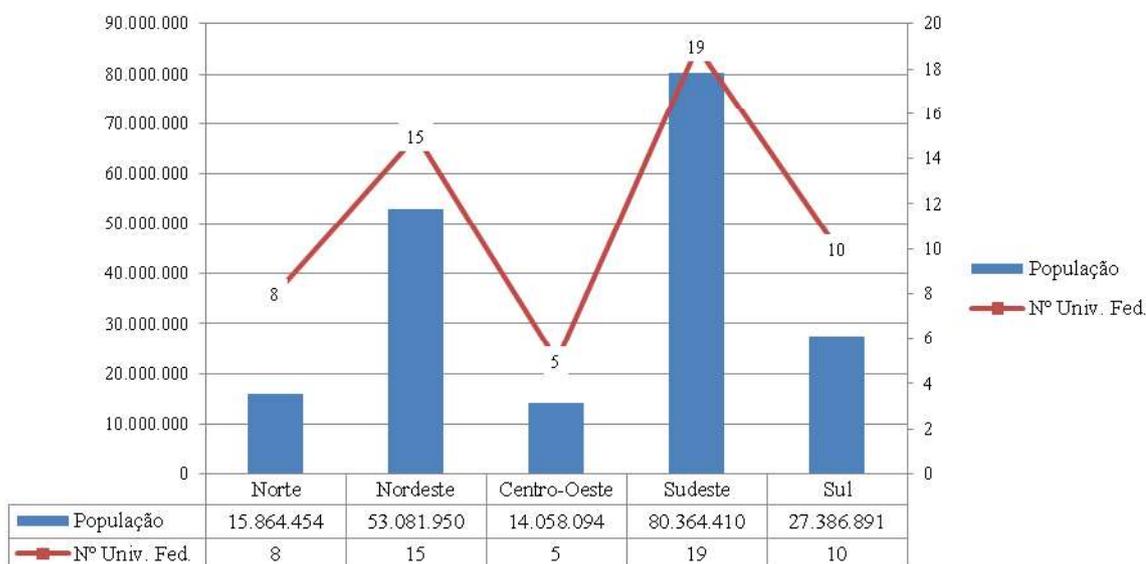
O que pode ser claramente observado é que, no Brasil, nos dois períodos de expansão do ensino superior público, as regiões Nordeste e Sudeste foram as grandes beneficiadas com estes equipamentos. Antes de 1960, a região Nordeste detinha o maior número de universidades federais num total de três instituições.

Nas décadas de 1970/80/90, o Brasil viveu um momento de estagnação no que se refere ao ensino superior público, com a criação de nove universidades em 30 anos. No segundo período de expansão, todas as regiões foram contempladas, e novamente as regiões Nordeste e Sudeste foram as grandes beneficiadas com cinco e seis universidades, respectivamente.

Para um refinamento deste estudo, pesquisou-se o número de habitantes nas cinco regiões do país no ano de 2010 e comparou-se com o número total de universidades implantadas em cada região até o ano de 2010, obtendo assim um panorama da distribuição

regionalizada destas instituições, relacionando-as com a população regional. O Gráfico 6 apresenta este estudo.

Gráfico 6 - Total de universidades federais até 2010 e população por região em 2010.



Fonte: Sistema Integrado de Monitoramento, Execução e Controle/Ministério da Educação SIMEC/MEC. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Análise da variação populacional municipal: Censo de 1872 a 2010. 2010. - Adaptado pela autora, 2018.

O Gráfico 6 apresenta que nas regiões onde há um número maior de habitantes, existe também um número maior de universidades. Pode-se concluir que a distribuição está coerente, mas se observarmos a população das regiões Norte e Centro Oeste verifica-se que estas são muito próximas quanto ao número de habitantes, mas a região Norte possui três universidades a mais que a região Centro Oeste.

Neste sentido, este Tópico apresenta o panorama do processo de interiorização do ensino superior público no Brasil. Pode-se afirmar que este processo se iniciou no ano 2000 com a pulverização dos *campi* universitários pela opção de as universidades adotarem a estratégia do modelo *Multicampi* se instalando em diversas cidades de pequeno porte no interior do país, alcançando muitas regiões antes desprovidas de qualquer tipo de equipamento de ensino superior. Este processo de fato se consolida na expansão recente entre os anos 2000-2010.

### 3.5 VOCAÇÕES DOS *CAMPI*

Para se entender a “vocação dos *campi*”, será necessário considerar os Tópicos 2.3 e 3.3 que tratam da área dos *campi* neste trabalho. As grandes estruturas universitárias, com um *campus* implantado em terreno de grandes dimensões e ofertando uma grande diversidade de cursos em diversas áreas do conhecimento, como aconteceu na expansão dos anos 1960-1970, não ocorreu na expansão recente.

O modelo “universidade/parque”, difundido na expansão passada, não se efetivou na expansão dos anos 2000-2010. Como foi apresentado no Tópico 3.3, 41 dos 66 destes novos *campi* universitários possuem área de até 300.000 m<sup>2</sup>, muito diferente da expansão anterior, em que a maior parte dos *campi* está implantada em áreas acima de 1.000.000 m<sup>2</sup>. Outra grande divergência verificada foi quanto ao número de *campi* que as novas universidades detêm sob sua tutela, como é o caso da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), que possui 13 *campi* distribuídos por cidades do interior do estado, sendo o *campus* sede situado em Curitiba. Outros exemplos são a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), que possui 10 *campi*, todos em cidades do interior do Rio Grande do Sul; a Universidade Federal do Tocantins (UFT), com sete *campi*, sendo somente o *campus* sede na capital Palmas; e a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), com sete *campi*, todos implantados em cidades do interior do estado.

Este fato levou a uma pesquisa e também a uma busca de informações para se compreender como uma universidade possui tantos *campi* instalados em espaços tão reduzidos. O que ocorreu na expansão recente foi a vocação dos *campi*. Nos anos 1960/70, havia o ideal de um *campus* único que congregasse todas as unidades acadêmicas, administrativas e de serviços da universidade. Mesmo quando a universidade nascia a partir da federalização de faculdades isoladas na malha urbana, havia um forte investimento para concentrá-las em um mesmo espaço. No entanto, nem sempre esse ideal foi concretizado. Em alguns casos, a estrutura universitária já estava consolidada em duas ou mais áreas bem definidas. Nesses casos, a universidade já nascia com *campi* com vocações distintas como a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) com um *campus* dedicado à área da saúde e outro a todas as demais atividades. Outro exemplo é a Universidade Federal Fluminense (UFF), que foi constituída com três *campi*, cada um deles vocacionado para uma área do conhecimento. Conforme Monteiro (2009, p. 2), o Plano Piloto aprovado em 1981 setoriza os espaços da universidade, com cada *campus* se especializando em uma determinada área do conhecimento:

- *Campus* Valoguinho - Ciências da saúde;
- *Campus* Gragoatá - Esportes, Ciências Humanas e Sociais, Letras, Artes, Reitoria;
- *Campus* Praia Vermelha - Ciências Exatas e Tecnológicas.

Em algumas universidades da expansão recente, estas áreas do conhecimento em que cada *campus* se dedica são definidas em função da Missão da instituição. Tem-se como exemplo a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e a Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), que possuem 10 e 7 *campi* respectivamente, todos em cidades do interior de seus estados. Os cursos oferecidos nos *campi* da UNIPAMPA são voltados para o “desenvolvimento socioeconômico da metade Sul do estado do Rio Grande do Sul” e os cursos oferecidos pela UFOPA também têm a intenção de “produzir conhecimento, socializar, contribuindo para a cidadania e o desenvolvimento da Amazônia”. Além de incentivar a permanência da população jovem nas regiões, as instituições ofertam cursos como os descritos a seguir:

UNIPAMPA: Agronomia, Zootecnia, Gestão Ambiental, Ciência e Tecnologia de Alimentos, Engenharia Florestal, Engenharia Ambiental e Sanitária, Geologia, Mineração, Medicina Veterinária, entre outros mais usuais como: Engenharia Civil, Matemática, Nutrição, Pedagogia, Administração, Direito, Bacharelado em Medicina, Farmácia, entre outros cursos, pois não cabe aqui listar todos, sendo a UNIPAMPA uma grande universidade. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA, 2000).

UFOPA: Formação Básica Indígena, Engenharia de Pesca, Engenharia Florestal, Gestão Pública e Desenvolvimento Regional, Geologia, Ciências Agrárias com foco em Recursos Florestais, Produção Animal e Produção Vegetal, Ciências e Tecnologia das Águas, Ciências da Terra, Antropologia e Zootecnia, entre outros (UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ, 2000).

Ainda tomando como exemplo a UNIPAMPA, o *campus* Dom Pedrito está implantado em um terreno de 275.013 m<sup>2</sup>, sendo que as poucas edificações se encontram distribuídas pelo terreno, que possui uma grande área com potencial de expansão. Hoje, este *campus* oferece quatro cursos: Agronegócio, Ciências da Natureza, Educação no Campo e Enologia. Os dados que a cidade de Dom Pedrito apresentava em 2010 eram de uma população local de 38.898 habitantes, Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,708 e PIB per capita de R\$ 15.947,54. A Figura 17 mostra o *campus* Dom Pedrito, na periferia da cidade, ao lado da malha urbana.

Figura 17 - Município de Dom Pedrito e o *campus* da UNIPAMPA.



Fonte: Google Maps - modificado pela autora, 2019.

Nesse sentido, estes novos espaços destinados ao ensino superior conseguem se instalar em áreas mais reduzidas, ofertando, cada um, um pequeno leque de cursos voltados predominantemente a uma determinada área do conhecimento. O *campus* Bagé é o maior e também a sede da UNIPAMPA oferta a maior e mais variada gama de cursos da instituição.

Há também o caso da universidade vocacionada, como a Universidade Federal do ABC (UFABC), que já nasceu para a Ciência e a Tecnologia. Seus dois *campi* (Santo André e São Bernardo) oferecem cursos nestas áreas. O *campus* Santo André oferta Engenharia de Instrumentação, Automação e Robótica, bacharelado em Ciência da Computação, Engenharia de Energia, Engenharia de Informação, Engenharia de Materiais, entre outros. O *campus* São Bernardo oferta Neurociência, Engenharia Aeroespacial, Engenharia de Gestão, Engenharia Biomédica, Relações Internacionais, Políticas Públicas e Planejamento Territorial, entre outros.

Portanto, o que pode ser observado é que houve uma divergência com o modelo vigente no período da expansão anterior 1960-1970. As grandes estruturas universitárias com

um *campus* universitário modelo Parque, abrangendo diversas áreas do conhecimento, não se repetiram na nova expansão. As novas universidades, de uma maneira geral, já nasceram *multicampi*, em espaços mais reduzidos e ofertam um pequeno leque de cursos em cada *campus*. Assim, conseguem alcançar uma maior área do território nacional, levando o ensino superior a locais remotos.

### 3.6 AUTORIAS DOS PROJETOS

Quanto à autoria dos projetos, as pesquisas sobre as universidades da primeira expansão indicam que, em linhas gerais, elas seguiram as orientações do engenheiro Rudolph Atcon e contrataram um escritório de engenharia e/ou arquitetura para elaborar os projetos da futura instituição. Deve-se destacar que não havia um quadro de especialistas na área.

Nas universidades da expansão recente, houve uma distribuição igualitária quanto a este tópico, demonstrando uma maior participação dos técnicos de universidades existentes, especialmente das mais consolidadas, nesta função.

O Quadro 27 apresenta o percentual de universidades estudadas nesta categoria analítica nos dois períodos.

Quadro 27 – Percentual de estudo de autorias de projetos.

Autorias dos projetos			
	Total de universidades	Total de universidades nessa categoria	Percentual
1960 – 1970	11	7	64%
2000 – 2010	17	12	70%

Fonte: Acervo Grupo pesquisas Ágora/Escritório técnico das universidades - Adaptado pela autora, 2019.

Como pode ser observado na expansão 1960-1970 das universidades onde foi possível encontrar essa informação, somente um *campus* utilizou o corpo técnico da instituição na elaboração dos projetos da nova universidade contra seis contratações de escritórios independentes, seguindo assim o modelo do período. O Quadro 28 apresenta as autorias destes projetos.

Quadro 28 – Autorias dos projetos na expansão 1960-1970

AUTORIAS DOS PROJETOS 1960-1970			
CATEGORIAS	UNIVERSIDADE	AUTORIA	CIDADE
Corpo técnico 1 Universidade	Universidade Federal Fluminense (UFF)	Corpo técnico	Niterói
Escritórios e/ou profissionais independentes 6 Universidades	Universidade de Brasília (UnB)	Lucio Costa/Oscar Niemeyer	Brasília
	Universidade Federal de Alagoas (UFAL)	Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti	Maceió
	Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)	Engenheiro Artur Arcuri	Juiz de Fora
	Universidade Federal do Maranhão (UFMA)	Escritório Wit-Olaf Prochnik	São Luís
	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	Leonardo Stuckert	João Pessoa
	Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)	Oscar Valdetaro e Roberto Nadalutti	São Carlos

Fonte: Acervo Grupo pesquisas Ágora - Adaptado pela autora, 2019.

O Quadro 29 apresenta as universidades da expansão recente que utilizaram o corpo técnico e/ou os escritórios independentes na elaboração dos projetos de seus *campi*.

Quadro 29 – Autorias dos projetos na expansão 2000-2010

AUTORIAS DOS PROJETOS 2000-2010			
CATEGORIAS	AUTORIA	UNIVERSIDADE	CIDADE SEDE
Corpo técnico 6 Universidades	Corpo técnico da UFCG	Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	Campina Grande
	Corpo técnico da UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)	Chapecó
	Corpo técnico da UFSM e UFPel	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	Bagé
	Corpo técnico da UFBA	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)	Santo Antônio de Jesus
	Corpo técnico da UFERSA	Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)	Mossoró
	Corpo técnico da UFT	Universidade Federal do Tocantins (UFT)	Palmas

Escritórios e/ou profissionais independentes 6 Universidades	Libeskind e Llovet Arquitetos Associados Ltda	Universidade Federal do ABC (UFABC)	Santo André
	Escritório Benno Perelmutter e Marciel Peinado		São Bernardo do Campo
	Escritório Oscar Niemeyer	Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)	Foz do Iguaçu
	Arq. César Luiz Basso – Basso Arquitetura	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira (UNILAB)	Redenção
	Arq. Sebastião Lopes - Arqsol Arquitetura e Tecnologia Ltda	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)	Diamantina
	Arq. Sérgio Motta Lopes	Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)	Petrolina
	Arq. Marcelo M. Cornetet – CBR Engenharia.	Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)	Curitiba

Fonte: Escritório técnico das universidades - Adaptado pela autora, 2019.

O Quadro 30 apresenta o comparativo sobre a autoria dos projetos das universidades nos dois períodos deste estudo.

Quadro 30 – Comparativo das autorias dos projetos

AUTORIAS DOS PROJETOS NOS DOIS PERÍODOS ESTUDADOS		
Autoria dos projetos:	Corpo técnico	Escritórios e/ou profissionais independentes
Nº de Universidades 1960/1970	1 Universidade	6 Universidades
Nº de Universidades 2000/2010	6 Universidades	6 Universidades

Fonte: Acervo Grupo pesquisas Ágora /Escritório técnico das universidades – Adaptado pela autora, 2019.

Apesar de o Quadro 30 apresentar uma distribuição igualitária (entre o corpo técnico e o escritório independente) no número de universidades da expansão recente, pode-se observar que, na expansão anterior, somente uma instituição utilizou o corpo técnico na elaboração dos projetos contra seis na expansão recente, sendo esta a grande diferença entre os dois períodos estudados. Este fato aponta para uma maior maturidade do corpo técnico das universidades já consolidadas que, frequentemente, contam em seus quadros com profissionais especializados no planejamento e gerenciamento dos seus espaços universitários. Esse quadro é bem distinto dos anos 1960-1970, quando, praticamente, não havia um corpo técnico especializado na área.

## 4 CONCLUSÃO

Este trabalho apresentou as análises propostas nos períodos de expansões das universidades federais brasileiras ocorridos entre os anos 1960 e 1970 e entre os anos 2000 e 2010. O estudo comparativo entre estes dois períodos de expansão contribuiu para um entendimento específico da trajetória dos espaços físicos universitários federais no Brasil. Tomando como base comparativa a expansão ocorrida na década de 1960, este estudo se pautou em seis categorias de análises que forneceram as informações necessárias para se construir um panorama real dos espaços universitários contemporâneos, que envolveram a distância destes espaços até o centro das cidades e as capitais de seus estados, sua localização geográfica no território nacional, a área territorial que estes novos *campi* ocupam, o processo de interiorização ocorrido na expansão recente e a identificação dos planejadores destes novos espaços destinados a formar os futuros profissionais de nível superior do país.

Por meio do estudo comparativo em que se pautou este trabalho, foi possível identificar que, na expansão recente ocorrida entre os anos 2000 e 2010, várias características se apresentam de forma diferente da expansão anterior ocorrida entre os anos 1960 e 1970. Portanto, pode-se afirmar que o modelo de implantação física ocorrida na expansão anterior não se efetivou integralmente na expansão recente.

Uma das principais características que diferenciam estes espaços entre os dois períodos de expansão é a área que os *campi* das novas universidades ocupam. Foi identificado que as instituições contemporâneas se instalaram em áreas territoriais de tamanho muito inferior às áreas ocupadas pelas instituições da expansão anterior, fato que possibilitou a pulverização dos múltiplos *campi* universitários de uma mesma universidade em várias cidades, revendo o modelo da década de 1960, que concentrava as diversas atividades acadêmicas em um único espaço com o objetivo de racionalizar e integrar os diversos campos do conhecimento.

Outro fato que está ligado à dimensão dos *campi* universitários é a vocação dos mesmos. A estratégia de implantação adotada pelas novas instituições, na opção de pulverizar múltiplos e pequenos *campi* em sua região de abrangência, gerou uma característica importante nesta nova expansão, onde os diversos *campi* de uma determinada instituição se tornaram vocacionados, direcionando cada *campus* para atender predominantemente a uma determinada área do conhecimento, podendo a universidade ser considerada “genérica”, mas seus *campi* vocacionados.

Setores considerados importantes conceitualmente nos *campi* da expansão anterior, praticamente desapareceram dos *campi* da nova expansão, tais como os setores

esportivos, a praça cívica e o cinturão verde. Significando que, conceitualmente, nos *campi* da expansão recente, estes setores não são valorizados como na expansão anterior, o estudo apresenta que o reduzido espaço físico dos novos *campi* não comporta tais setores.

Outra característica observada foi quanto ao porte das cidades onde estes novos *campi* se instalaram. Na expansão recente, as cidades de pequeno porte foram as grandes beneficiadas com os novos *campi* universitários, enquanto, na expansão anterior, as universidades foram implantadas em cidades de grande e médio porte. Estas características reunidas fortaleceram o processo de interiorização, o que foi uma das particularidades mais representativas e importantes da expansão recente.

O intenso processo de interiorização que ocorreu na expansão recente foi devido ao programa REUNI implementado em 2007 pelo governo federal. Este programa teve como um de seus objetivos justamente a interiorização da educação superior.

Quanto aos planejadores destes novos espaços, observou-se que o corpo técnico das próprias instituições ou das universidades tutoras destas novas instituições teve uma maior participação no planejamento destes novos *campi*, demonstrando que, na expansão recente, as universidades possuem um quadro técnico mais experiente, com capacidade técnica de assumir a responsabilidade pelos projetos dos novos *campi* de suas instituições, diferentemente do ocorrido na expansão anterior que, em sua quase totalidade, teve a participação de escritórios independentes no planejamento de seus *campi*. Como hipótese, pode-se pensar que esteja se consolidando um grupo de especialistas em planejamento de *campus* universitário dentro dos próprios escritórios técnicos das instituições de ensino superior.

Na expansão ocorrida na década de 1960, fica nítido o esforço dedicado a se criar a imagem de uma universidade que representasse um conjunto edificado harmônico e um espaço físico que comportasse toda a sua grande estrutura e que essa instituição se destacasse das demais instituições de ensino das cidades onde estivesse implantada, tanto por seu espaço físico e suas edificações, quanto pela qualidade e pela diversidade dos cursos oferecidos.

Na expansão recente, ocorrida entre os anos 2000 e 2010, observou-se a redução da área que as novas instituições ocupam, constatando-se também algumas fragilidades nas edificações destes novos espaços. Em alguns casos, um novo *campus* foi inaugurado com apenas um edifício padrão, contendo, em uma única edificação de três pavimentos, todos os setores necessários para o funcionamento do novo *campus*, como por exemplo: salas de aula, sala dos professores, secretaria, diretoria, laboratórios, biblioteca. Houve casos também de alguns *campi* sendo implantados em espaços adaptados, como por exemplo: escolas estaduais e municipais, e até mesmo em galpão adaptado.

A estruturação física das novas universidades ainda é muito recente para avaliar todas as questões que podem se apresentar após um estudo como o exposto neste trabalho. Ainda é muito recente para avaliar os impactos acadêmicos e físicos que podem advir da expansão recente, mas algumas questões já surgem após os resultados aqui expostos, tais como:

Seriam estes novos *campi* dispersos pelas cidades do interior do país um retorno às faculdades isoladas anteriores à década de 1960?

O espaço físico que estes novos *campi* apresentam realmente oferecem o ambiente apropriado para a realização do ensino?

As reitorias são capazes de articular todos estes espaços e todo o corpo docente para garantir uma atuação das universidades para além da formação profissional?

A proximidade com a realidade das cidades de médio e pequeno porte vai alterar o perfil de atuação dessas novas universidades?

Independente das respostas de todas as questões apresentadas, o que se pode afirmar é que a atual diversidade dos modelos de implantação dos *campi* abre um campo de investigação para novos estudos sobre o que já se encontra edificado nos novos *campi* e sobre o impacto do planejamento destas novas universidades.

Destaca-se que não foi intenção desta pesquisa aprofundar os estudos a respeito do interior dos *campi*; no entanto, as informações coletadas estão no banco de dados da pesquisa e abrem perspectiva para trabalhos futuros.

## 5 REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS – ABC. **Subsídios para a reforma da Educação Superior**. 2004. Disponível em: <<http://www.abc.org.br/IMG/pdf/doc-29.pdf>>.

Acesso em: 10 jan. 2018.

ALBERTO, Klaus C. **Formalizando o ensino superior na década de 1960: a cidade universitária da UnB e seu projeto urbanístico**. 2008. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2008.

ALLEN, Peter. **Violent design: People's Park, architectural modernism and urban renewal**. University of California, Berkeley, 2007, 41p. Disponível em:

<<https://escholarship.org/uc/item/6vz4s7jj>> Acesso em: 05 dez. 2018.

ALVAREZ, Isabel A. P. **A reprodução da metrópole: o projeto Eixo Tamanduatehy**. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2009. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-11092009-164530/pt-br.php>> Acesso em: 08 out. 2018.

AMORIM FILHO, Oswaldo B.; BUENO, Maria. E. T.; ABREU, João F. 1982. Cidades de porte médio e o programa de ações sócio-educativo-culturais para as populações carentes do meio urbano em Minas Gerais. **Bol. De Geogr. Teorética**, Rio Claro. SP. v. 12, n. 23/24. p. 33-46, 1982.

ATCON, Rudolph P. **Manual sobre o planejamento integral do campus universitário**. Rio de Janeiro: MEC-PREMESU / CRUB, 1970.

BRASIL. Decreto-Lei nº 6.096, de 24 de abril de 2007. **Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6096.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6096.htm)>.

Acesso em: 03 fev. 2018.

BUFFA, Ester.; PINTO, Gelson de A. **Arquitetura e educação. Câmpus universitários brasileiros**. 2009. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009.

CALDERARI, Elaine S. **(Des) Continuidades e rupturas nos espaços urbanos contemporâneos**. Reflexões sobre o papel dos novos *campi* universitários. 2017. (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2017.

CÂMPELO, Magda. **Câmpus no Nordeste: reforma universitária de 1968**. 2012. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2012.

ESTEVES Juliana C. **Planejamento e gestão do ambiente construído em universidades públicas**. 2013. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana), Faculdade de Engenharia - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/4349/5165.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Análise da variação populacional municipal – Censo de 1872 ao censo de 2010**. Brasília, 2010.

LESSA, Juliane B. R. O ensino na prancheta: Hélio de Queiroz Duarte e os projetos de *campi* universitários. In: **Encontro da associação nacional de pesquisa e pós-graduação em arquitetura e urbanismo**, 4., 2016, Porto Alegre. **Anais...** Disponível em: <<https://enanparq2016.files.wordpress.com/2016/09/s25-04-lessa-j.pdf>> Acesso em: 01 set. 2018.

MALATESTA, Maria E. B. **Andar a pé: uma forma de transporte para a cidade de São Paulo**. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2007.

Ministério da Educação - MEC, REUNI 2012: Relatório da Comissão Constituída pela Portaria 126/2012. **Análise sobre a expansão das universidades federais 2003 a 2012 – 2012.** Brasília. Disponível em: <[http://www.andifes.org.br/wp-content/files\\_flutter/1361475592UFMT\\_-\\_Maria\\_Lucia\\_Neder\\_-\\_Relatorio\\_REUNI.pdf](http://www.andifes.org.br/wp-content/files_flutter/1361475592UFMT_-_Maria_Lucia_Neder_-_Relatorio_REUNI.pdf)>. Acesso em 03 fev. 2018.

MONTEIRO, Denise M. **O campus da praia vermelha da Universidade Federal Fluminense** – contradições e desafios. Anais do 8º Seminário DOCOMOMO, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://docomomo.org.br/course/8-seminario-docomomo-brasil-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

MAHLER, Cristine R. **Territórios universitários: tempos, espaços, formas.** 2015. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2015.

NEVES, Clarissa E.B. **Ensino Superior no Brasil: expansão, diversificação e inclusão.** 2012. Congresso LASA - Associação de Estudos Latino-Americanos, São Francisco, Califórnia. Maio, 2012. Thematic Area: Educação, Pedagogia e Políticas Educativas. Panel: Challenges of Contemporary Higher Education: inclusion and quality (Edu 7727). Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/geu/Artigos%202012/Clarissa%20Baeta%20Neves.pdf>>. Acesso em: 08 maio 2018.

NOGUEIRA Denise T. **Universidade e Campus no Brasil: o caso da Universidade Federal Fluminense.** 2008. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2008.

OLIVEIRA, Carina E.H. **Campus Bagé – UNIPAMPA.** Uma avaliação da produção dos novos espaços universitários. (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura – Universidade Federal da Bahia, Bahia, BA, 2015.

OLIVEIRA, Milton; MONTAGNER, Roberto. A implantação do *Campus* da UFSM. **Revista digital da Conexão UFSM**, Santa Maria. 2010. Disponível em: <[www.ufsm.br/revista/numero03/registro09.html](http://www.ufsm.br/revista/numero03/registro09.html)>. Acesso em: 12 dez. 2019.

PEREIRA, Thiago. I.; SILVA, Luís Fernando S. C. As Políticas Públicas do Ensino Superior no Governo Lula: Expansão ou Democratização?. **Rev. Debates** (UFRGS) Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 10-31, 2010. Disponível em:

<<http://seer.ufrgs.br/debates/article/viewFile/16316/10573>>. Acesso em: 05 maio 2018.

PORTAL VITRUVIUS. Concurso para a sede da UFABC. Projetos, São Paulo, ano 06, n. 062.01, **Vitruvius**, fev. 2006. Disponível em:

<<http://vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/06.062/2612>>. Acesso em: 22 set. 2018.

POSTINGHER, Débora C. **Jorge Machado Moreira e o projeto da cidade universitária da Universidade do Brasil – 1949-1952**. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura), Faculdade de Arquitetura - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, RS, 2012.

RIBEIRO, André L. **Campi universitários: desenvolvimento de suas estruturas espaciais**. 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, 2008.

RODRIGUES, Luiz Augusto F. **Universidade e a fantasia moderna: a falácia de um modelo espacial único**. 1999. Niterói, RJ: EdUFF, 2001.

RODRIGUEZ, Milena B. N. A. **UnB e seu espaço social**. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2007.

SALVADOR, Elizabeth V. **Percepção arquitetônica do espaço de trabalho pela comunidade universitária**. Estudo de caso da UFSCar - *Campus* São Carlos. 2011. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana), Faculdade de Engenharia – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2011.

SCHLEE, Andrey R. **A praça maior da UnB**. Anais do 9º Seminário DOCOMOMO, Brasília, 2011. Disponível em: <<http://docomomo.org.br/course/9-seminario-docomomo-brasil-brasilia/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

SCHLEE, Andrey R. **Reproduzindo Modelos**. O plano piloto do *campus* da Universidade Federal de Santa Maria, RS. Anais do 5º Seminário DOCOMOMO, São Carlos, 2003. Disponível em: <<http://docomomo.org.br/course/5-seminario-docomomo-brasil-sao-carlos/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR – SESu. **A democratização e expansão da educação superior no país 2003-2014**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=16762-balanco-social-sesu-2003-2014&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16762-balanco-social-sesu-2003-2014&Itemid=30192)> Acesso em: 15 jun. 2017.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR – SESu. **Diretrizes gerais do programa de apoio a planos de reestruturação e expansão das universidades federais - REUNI, 2007**. Brasília. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/diretrizesreuni.pdf>> Acesso em: 03 mar. 2018

SEGAWA, Hugo. Rio de Janeiro, México, Caracas: Cidades universitárias e modernidades - 1936 1962. **RUA Revista de Urbanismo e Arquitetura**, Salvador, v. 5, n. 1, p. 38-47, 1999. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/rua/article/view/3133/2249>>. Acesso em: 05 out. 2018.

SILVA, Isabel S. Villanueva. Modernidade e trópico. **Vitruvius**, ano 4, n. 043.01, 2003. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.043/624/pt>>. Acesso em: 25 maio 2018.

SISTEMA INTEGRADO DE MONITORAMENTO EXECUÇÃO E CONTROLE / MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SIMEC/MEC. Disponível em: <<http://simec.mec.gov.br/login.php>>. Acesso em: 25 jul. 2017

SOUZA, Gabriella I. **Rudolph Atcon, entre o educacional e o urbanístico na definição de diretrizes para *campi* universitários no Brasil**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído), Faculdade de Engenharia - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2015.

SOUZA, Marcio de O.R. **O programa MEC/BID III e o CEDATE na consolidação dos campi universitários no Brasil**. 2013. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2013.

STAMM, Cristiano; STADUTO, Jefferson A. R.; LIMA, Jandir F.; WADI, Yonissa M. A população urbana e a difusão das cidades de porte médio no Brasil. 2013. Revista **Interações**, Campo Grande, v. 14, n. 2, p. 251-265, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/inter/v14n2/a11v14n2.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2018.

TURNER, Paul Vernable. **Campus: An American Planning Tradition**. Nova York: The Architectural History Foundation, MIT Press Series, 1987.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS. Institucional. **Histórico da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**. Dourados, 2016. Disponível em: <<https://portal.ufgd.edu.br/reitoria/aufgd/historico>>. Acesso em: 26 mar. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Instituição. **História**. Goiás, 2016. Disponível em: <<https://www.ufg.br/p/6405-historia>>. Acesso em: 02 mai. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. **Plano Diretor Físico**. Belo Horizonte, 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Institucional. **Histórico**. Pelotas, 2017. Disponível em: <<http://portal.ufpel.edu.br/historico/>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Plano Diretor do Campus da UFSC – Diretrizes e proposições**. Florianópolis, 2005. Disponível em: <<http://planodiretor.ufsc.br/files/2011/09/Livro-Plano-Diretor-2005.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **UFSC 50 anos – Trajetórias e desafios**. Florianópolis, 2010. Disponível em: <<http://agecom.ufsc.br/livro-ufsc-50-anos/>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Notícias. **UFU: 40 anos de federalização e mais de 60 anos de história.** Uberlândia, 2018. Disponível em: <<http://www.comunica.ufu.br/noticia/2018/05/ufu-40-anos-de-federalizacao-e-mais-de-60-anos-de-historia>>. Acesso em: 30 mai. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. A UFV. **História.** Viçosa, 2013. Disponível em: <[http://www.portal.ufv.br/crp/?page\\_id=55](http://www.portal.ufv.br/crp/?page_id=55)>. Acesso em: 03 jun. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. Institucional. **História da UFAM.** Manaus, 2012. Disponível em: <<https://ufam.edu.br/historia-da-ugm>>. Acesso em: 16 mai. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. UFES 60 anos. Disponível em: <<http://www.ufes.br/ufes-60-anos>>. Acesso em: 25 mai. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO. Institucional. **A UFMT.** Cuiabá, 2016. Disponível em: <<http://www.ufmt.br/ufmt/site/secao/index/Cuiaba/1>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ. Institucional. Disponível em: <<http://www.ufopa.edu.br/ufopa/>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA. Institucional. Disponível em: <<http://novoportal.unipampa.edu.br/novoportal/>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Página inicial. **Histórico.** Teresina, 2017. Disponível em: <<http://ufpi.br/historico>>. Acesso em: 28 maio 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Sobre a UFRN. **Histórico.** Rio Grande do Norte, 2006. Disponível em: <<https://ufrn.br/institucional/sobre-a-ufrn>>. Acesso em: 06 maio 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SERGIPE. Assessoria de Comunicação. **História.** Sergipe, 2011. Disponível em: <<http://divulgacoes.ufs.br/pagina/2518>>. Acesso em: 23 maio 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIANGULO MINEIRO. Institucional. **Conheça a UFTM**. Uberaba, 2015. Disponível em: <<http://www.uftm.edu.br/institucional/conheca-a-uftm>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO. Institucional. **Histórico UFRPE**. Recife, 2010. Disponível em: <[http://www.fadurpe.com.br/?page\\_id=2998](http://www.fadurpe.com.br/?page_id=2998)>. Acesso em: 17 nov. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO. Institucional. **Da Esamv à UFRRJ, mais de um século dedicado à Educação**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://portal.ufrj.br/institucional/historia/>>. Acesso em: 20 maio 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. Sobre a Instituição. **História**. Rio Grande, 2018. Disponível em: <<https://7seminario.furg.br/sobre-a-instituicao/2-uncategorised/39-historia-furg>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

ZAMPIERI Renata V. **Campus da Universidade Federal de Santa Maria: um testemunho, um fragmento**. 2011. Dissertação (Mestrado em Arquitetura), Faculdade de Arquitetura - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2011.

## 6 APÊNDICE

APÊNDICE 1: Modelo do formulário das entrevistas/questionários enviado aos planejadores das universidades.

### ENTREVISTA

- 1- Nome do escritório ou arquiteto:
- 2- Ano de início de atividade do escritório/arquiteto:
- 3- Nome dos sócios:
- 4- Autores do projeto:
- 5- Qual(is) campus projetou e para qual(is) universidade?
- 6- Como foi o processo de inserção do escritório/arquiteto no projeto do campus?
- 7- O escritório/arquiteto já possuía experiência anterior no planejamento de campus universitário?
- 8- O escritório/arquiteto participou do processo de seleção do terreno do novo campus?
- 9- Os autores do projeto já tiveram contato com alguma literatura sobre planejamento de campus universitário?  
Qual?
- 10- Os autores do projeto conhecem o "*manual sobre o planejamento integral do campus universitário*" de Rudolph p. Atcon?
- 11- Existia alguma equipe da universidade que cuidava da parte acadêmica/técnica do novo campus?
- 12- Existia interação entre a equipe do escritório/arquiteto e a equipe acadêmica/técnica?
- 13- Como avalia a sua experiência nesse tipo de planejamento?

## 7 ANEXO

ANEXO 1: Aprovação do comitê de ética da Universidade Federal de Juiz de Fora, registrada sob o documento CAAE: 88614218.7.0000.5147, Parecer nº 2.713.743.



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Análise das estratégias espaciais de implantação dos novos Campi Universitários Federais no Brasil entre os anos 2000 a 2010, e suas relações com os campos da educação, ciência, política e cultura.

**Pesquisador:** MARA MEDINA BASTOS

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 88614218.7.0000.5147

**Instituição Proponente:** Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.713.743

#### Apresentação do Projeto:

Apresentação do projeto está clara, detalhada de forma objetiva, descreve as bases científicas que justificam o estudo, estando de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12 de 2012, item III.

#### Objetivo da Pesquisa:

**Objetivo Primário:**

O objetivo primário se relaciona com o estudo do Urbanismo no Brasil por abordar o campo da arquitetura e do urbanismo através do estudo das novas

Cidades Universitárias, sobre bases comparativas com o período de espaço das décadas 50/70, que permitam melhor situar as singularidades das propostas contemporâneas. Essa pesquisa, portanto acompanha os estudos j apresentados sobre o Campus universitário no Brasil, e da continuidade, buscando cruzar essas individualidades com os campos da ciência, cultura, democracia e educação e espera-se poder aprofundar a análise formal das

soluções propostas nestes projetos, relacionando-a com o gesto criativo dos arquitetos e suas relações com as diferentes influências existentes, e conseqüentemente desdobra-se na análise das estratégias espaciais adotadas pelas novas Universidades brasileiras em sua implantação física no perodo compreendido entre os anos 2000 a 2010.

**Objetivo Secundário:**

**Endereço:** JOSE LOURENCO KELMER S/N  
**Bairro:** SAO PEDRO **CEP:** 36.036-900  
**UF:** MG **Município:** JUIZ DE FORA  
**Telefone:** (32)2102-3788 **Fax:** (32)1102-3788 **E-mail:** cep.propesq@ufjf.edu.br



Continuação do Parecer: 2.713.743

- a) Levantamento das informações textuais e iconográficas a respeito do tema.
- b) Sistematização dos mesmos.
- c) Análise das estratégias espaciais de implantação física das Universidades em estudo e sua relação com os locais de inseto.
- d) Estabelecimento das modalidades de implantação destas propostas com análises comparativas com os períodos anteriores de planejamento universitário para investigação de uma possível reincidência, ou no, de modelos de implantação preexistentes.
- e) Estudo sobre a pertinência, ou no, do modelo de campus nessas novas propostas.
- f) Análise de como a organização física destas Universidades se relaciona com o campo educacional e político da época.

Os Objetivos da pesquisa estão claros bem delineados, apresenta clareza e compatibilidade com a proposta, tendo adequação da metodologia aos objetivos pretendido, de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013, item 3.4.1 - 4.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos e benefícios descritos em conformidade com a natureza e propósitos da pesquisa. O risco que o projeto apresenta é caracterizado como risco mínimo e benefícios esperados estão adequadamente descritos. A avaliação dos Riscos e Benefícios está de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12 de 2012, itens III; III.2 e V.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O projeto está bem estruturado, delineado e fundamentado, sustenta os objetivos do estudo em sua metodologia de forma clara e objetiva, e se apresenta em consonância com os princípios éticos norteadores da ética na pesquisa científica envolvendo seres humanos elencados na resolução 466/12 do CNS e com a Norma Operacional Nº 001/2013 CNS.

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O protocolo de pesquisa está em configuração adequada, apresenta FOLHA DE ROSTO devidamente preenchida, com o título em português, identifica o patrocinador pela pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013 item 3.3 letra a; e 3.4.1 item 16. Apresenta o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO em linguagem clara para compreensão dos participantes, apresenta justificativa e objetivo, campo para identificação do participante, descreve de forma suficiente os procedimentos, informa que uma das vias do TCLE será entregue aos participantes, assegura a liberdade do participante recusar ou retirar o consentimento sem penalidades, garante sigilo e anonimato, explicita riscos e

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N  
 Bairro: SAO PEDRO CEP: 36.036-900  
 UF: MG Município: JUIZ DE FORA  
 Telefone: (32)2102-3788 Fax: (32)1102-3788 E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br



Continuação do Parecer: 2.713.743

desconfortos esperados, indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, contato do pesquisador e do CEP e informa que os dados da pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador pelo período de cinco anos, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466 de 2012, itens: IV letra b; IV.3 letras a,b,d,e,f,g e h; IV. 5 letra d e XI.2 letra f. Apresenta o INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS de forma pertinente aos objetivos delineados e preserva os participantes da pesquisa. O Pesquisador apresenta titulação e experiência compatível com o projeto de pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas no Manual Operacional para CPEs.

#### Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, o projeto está aprovado, pois está de acordo com os princípios éticos norteadores da ética em pesquisa estabelecido na Res. 466/12 CNS e com a Norma Operacional Nº 001/2013 CNS. Data prevista para o término da pesquisa: março de 2019.

#### Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFJF, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12 e com a Norma Operacional Nº001/2013 CNS, manifesta-se pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa proposto. Vale lembrar ao pesquisador responsável pelo projeto, o compromisso de envio ao CEP de relatórios parciais e/ou total de sua pesquisa informando o andamento da mesma, comunicando também eventos adversos e eventuais modificações no protocolo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1112881.pdf	12/08/2018 15:28:20		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Mara.pdf	12/08/2018 07:25:18	MARA MEDINA BASTOS	Aceito
Outros	Entrevista.pdf	26/04/2018 15:38:10	MARA MEDINA BASTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Mara.pdf	26/04/2018 15:33:01	MARA MEDINA BASTOS	Aceito

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N  
 Bairro: SAO PEDRO CEP: 36.036-900  
 UF: MG Município: JUIZ DE FORA  
 Telefone: (32)2102-3788 Fax: (32)1102-3788 E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br



Continuação do Parecer: 2.713.743

Folha de Rosto	folha_rosto.PDF	26/04/2018 15:31:58	MARA MEDINA BASTOS	Aceito
----------------	-----------------	------------------------	-----------------------	--------

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

JUIZ DE FORA, 14 de Junho de 2018

---

Assinado por:  
**Patrícia Aparecida Fontes Vieira**  
 (Coordenador)

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N  
 Bairro: SAO PEDRO CEP: 36.036-900  
 UF: MG Município: JUIZ DE FORA  
 Telefone: (32)2102-3788 Fax: (32)1102-3788 E-mail: oep.propesq@ufjf.edu.br